

BUDDHISMO E CHRISTIANISMO:
ESTEIOS E CAMINHOS

Arthur Shaker



***Buddhismo e Christianismo:
esteios e caminhos***

Arthur Shaker

arthur.shaker@gmail.com

Coleção Visões do Dhamma

Sumário

Introdução

I. O ciclo cósmico e a emergência das Tradições

II. A questão do Evolucionismo. Considerações preliminares

III. Os pilares do Christianismo

- 1. o surgimento*
- 2. o Sacrifício Chrístico*
- 3. a via Cristã como esoterismo*
- 4. a Igreja e a Missa. Simbolismo*

IV. No Princípio era o Verbo

V. Nos rastros de Christo

- 1. a Via da Graça e do Amor: Fé, Esperança e Caridade*
- 2. As enfermidades e sua cura: os sete sacramentos, virtudes e dons do Espírito Santo*

VI. Sexualidade e Espiritualidade

VII. O ciclo cósmico e o surgimento do Buddhismo. Analogias com o Christianismo

VIII. o Christianismo e a descida cósmica: os primeiros tempos e as mudanças

IX. o Christianismo e a colonização das Américas

X. os desafios para a espiritualidade na América Latina atual

XI. Diálogos

- 1. o Intelecto e o Caminho Mítico*
- 2. Rebeldes e Peregrinos*
- 3. Contemplativos e os tempos difíceis*
- 4. Tradição, escolas e escolhas*
- 5. o Buddhismo, o Christianismo e a Reencarnação*

Introdução

Este livro nasce como fruto de reflexões que inspiraram um conjunto de palestras que proferi, em 1992 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, junto ao Departamento de Teologia e como curso livre oferecido ao público em geral, com o apoio dos Departamentos de Teologia, Filosofia e o Centro de Estudos de Religião Douglas T. Monteiro, e em 1995, no Instituto de Filosofia São Bento, todos a quem somos gratos.

As pesquisas e reflexões que desenvolvi neste livro também são gratos a Michel Veber e a muitos outros professores e pensadores que contribuíram para isso. Longa seria a lista de citação de seus nomes.

Não pretendemos de modo algum sermos originais, no sentido de formular algo próprio ou novo. As doutrinas metafísicas tradicionais são suficientemente suprapessoais e de uma perenidade que se sustenta desde suas origens. Tudo que cabe a nós é procurar compreendê-las corretamente, desdobrá-las em sua aplicabilidade sempre presente e vivida, e clarear sua atualização através de comentários que se acordam com seus princípios fundantes.

A intenção deste livro é desenhar os contornos maiores destas duas grandes Tradições universais, não tanto para se constituir em um livro introdutório sobre estas Tradições, embora algo disso termine por acontecer, o que também é bom, pois nossos tempos carecem de livros introdutórios e clareadores, mas principalmente para tentar mostrar algumas dificuldades que os tempos atuais colocam para a legítima espiritualidade, diante das quais é preciso ir mais além do que a apreciação superficial de uma Tradição.

Explico: observo que muitas pessoas têm manifestado certo desapontamento com relação ao Christianismo, procurando alternativas para seu caminho espiritual nas tradições orientais, como o Buddhismo. Acreditam alguns que o Buddhismo seja uma via mais simples, talvez menos exigente.

Supor que o caminho espiritual de uma Tradição seja sem exigências, regras e métodos é bem o tipo do desejo quimérico atual da indulgência de mente para com seus caprichos e apegos, mentalidade que brota do orgulho do

ego em seu culto à sua auto-ilusão, culto incentivado pelas ideologias modernas do *self-made man*, o “faço o que eu quero” e o “eu se fiz por mim mesmo”.

Muitas críticas são levantadas contra o Christianismo, não apenas por praticantes como também pelo meio intelectual e científico. Também neste livro há várias críticas, talvez algumas procedentes, outras não. Pretendemos neste livro refletir sobre algumas dessas dificuldades e críticas, mas não a partir de uma visão secular e exterior sobre uma Tradição, mas a partir de suas raízes metafísicas, sua trajetória pelo tempo e alguns enfrentamentos que se colocam nestes tempos atuais e difíceis. Mas sempre lembro que compreender e praticar com profundidade o caminho exigido por uma Tradição não é tão simples como pensamos.

Escrevi este livro não tanto para explicar o Christianismo e o Buddhismo, mas para entender antes de tudo para mim mesmo as verdades e práticas destas duas Tradições. Para amadurecê-las dentro do meu coração, e meu coração dentro delas. E compartilhar isto com os homens e todos os seres.

Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste.

(João, 17.21)

Para que todos os seres sejam felizes!

I

O ciclo cósmico e a emergência das Tradições

As Tradições (1) do Oriente estão chegando ao Ocidente, e tem atraído muitas pessoas para suas práticas e entendimento. Mas o fato da maioria destas pessoas virem de uma descrença no Cristianismo merece algumas reflexões.

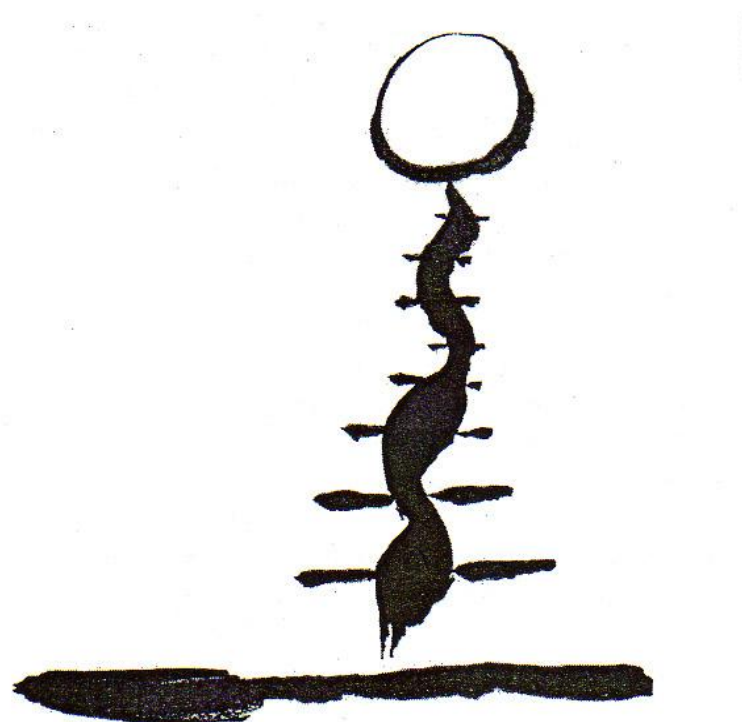
O Cristianismo, que de há 2000 anos trouxe para o mundo Ocidental uma via espiritual, está desacreditado por muitos, que o consideram uma tradição esvaziada, sem muito mais a oferecer. Por isso buscariam socorro nas tradições orientais.

Este é um tema bastante preocupante, e é preciso examinarmos se existem realmente e quais os aspectos de enfraquecimento do Cristianismo no Ocidente. E, por outro lado, se muitos não abandonaram sua tradição de berço em decorrência de uma apreciação demasiadamente superficial sobre as virtualidades e dificuldades da via de realização espiritual cristã. Das críticas feitas hoje em dia ao Cristianismo, seria preciso examinar quais as que procedem e são justas, merecendo serem trabalhadas, e em que níveis. A escolha de uma nova opção tradicional é algo muito importante, e não se muda de uma tradição a outra como quem troca de toalha de mesa. A passagem de uma forma tradicional a outra envolve muitas questões complexas que devem ser refletidas para podermos consultar profundamente nosso coração e ponderar com cautela sobre isso.

As tradições, de modo geral, têm uma posição unânime em relação à questão do ciclo cósmico no qual estamos inseridos. A tradição hindu, com sua teoria sobre os **yugas**, as idades de cada era, talvez seja a mais explícita sobre isto. O Cosmos (2) tem um movimento que vai de seu nascimento, desenrolamento até seu encerramento. Trata-se de uma concepção cíclica da manifestação, do mundo condicionado, de dentro do qual estamos tentando sair. Este ciclo tem um movimento no sentido descendente. Quando um ciclo se inicia, traz dentro de si um conjunto de possibilidades de manifestação, e na medida em que estas possibilidades vão se realizando, este ciclo vai se

aproximando da concretização, vai se tornando cada vez mais próximo do seu pólo substancial, pesado, até se fechar.

As tradições ensinam que o Cosmos, o mundo manifesto, é produto da união entre dois pólos ou princípios, um essencial, também chamado de **Purusha** na tradição hindu, ou o **Céu, Yang**, no Taoísmo, e outro substancial, **Prakriti**, a **Terra, Ying**. O Cosmos, em seu movimento cíclico, tenderia a se afastar de sua origem espiritual, caminhando para sua densificação, materialização.



Se este afastamento progressivo do ciclo de manifestação de sua fonte espiritual original fosse realizado sem que tivéssemos algum tipo de apoio para a compreensão de nossa vida, estaríamos em situação bem pior. Porém, apesar

do mundo tender a descer, a se materializar, a se afastar por isso do entendimento e da prática espiritual, uma ponte é lançada para que os homens não fiquem totalmente entregues a este movimento de afastamento, de obscurecimento espiritual. Este obscurecimento espiritual é alertado nas palavras de Cristo, quando fala que haverá um endurecimento dos corações. O endurecimento dos corações simboliza esta dificuldade progressiva que nossa mente enfrenta na penetração e compreensão das realidades transcendentais, do significado verdadeiro da existência.

A tradição hindu ensina que a primeira fase ou **yuga** deste ciclo é o da verdade, acessível a todos, por isso é **Satya** (Verdade, em sânscrito) **yuga**. E a última fase, a que estamos, é **Kali** (escura, negra) **yuga**: temos que trabalhar com mais intensidade para vencermos esta camada de névoas e fuligens que nos impede de ver as coisas claramente, pois estamos bastante mergulhados nesta poluição física e mental.

A poluição física que caracteriza nossos ares urbanos é uma imagem bem visível de outros níveis mais sutis de envenenamento. Nossos pulmões sentem cada vez mais dificuldades de captar o ar puro, nossa mente ressent-se das camadas de poluentes psíquicos que obstaculizam o acesso às verdades superiores. Mas pela Misericórdia divina, pontes são sempre lançadas do Mundo Celeste, a fim de que os homens possam tentar atravessar a névoa e fazer o caminho de volta. É exatamente esta a função das tradições. De tal modo que sempre que o ciclo, do mundo como um todo, ou um ciclo secundário restrito a um povo ou parte da Humanidade chega a um ponto bastante crítico onde tudo parece estar por se perder, uma restauração parcial e providencial ocorre. Uma ponte é lançada, os princípios são recolocados para os homens, em conhecimento e prática, a claridade se repõe. É como a história de “João e Maria”: como voltar para casa quando a mata vai se fechando e alguém se perdeu lá dentro? É preciso que existam aquelas pedrinhas indicando o caminho de retorno. Ou, de como voltar para a mata, quando a cidade vai sufocando os horizontes, pensaria um indígena.

Uma restauração parcial ocorre, embora a qualidade cósmica que se segue seja menor, e com isso uma tradição se re-adapta, como o caso da tradição hindu com a descida de Krishna, ou, quando da extinção por esgotamento, uma nova tradição se inaugura como novo caminho de volta, com sua estrutura própria de símbolos, expressões das verdades imutáveis, com seus métodos para a realização espiritual. Neste sentido, a visão das tradições não comporta, de modo algum, a interpretação surgida no século XVIII, que se chamou de Evolucionismo.

Notas

(1) Sobre o conceito de *Tradição*, ver, do autor: *As Tradições*, cap.I, Primeira Parte, in **a Travessia Budhista da Vida e da Morte**. Introdução a uma Antropologia Espiritual. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003, e as sugestões de leitura nele contido, em especial os escritos de René Guénon sobre o tema.

(2) Sobre o conceito de Cosmos e Natureza, ver, do autor: *O Incondicionado e a Natureza*, cap. II, Primeira Parte, idem referência da nota (1) acima.

Sugestões de leitura sobre o tema

Gaston Georget- **Les Quatre Âges de l'Humanité**, Milano: Arché, 1976.

Luc Benoist- *O tempo qualificado. Os ciclos*, cap. XVII, in **O Esoterismo**. São Paulo: Difel, 1969.

René Guénon- *Quelques remarques sur la doctrine des cycles cosmiques*, cap.I, in **Formes traditionnelles et cycles cosmiques**. Paris: Gallimard, 1970.

_____ **Le règne de la quantité et les signes des temps**, Gallimard, 1945.

_____ *Ciclos cósmicos*, cap.8o., in **O Esoterismo de Dante**. Lisboa: Vega, 1978.

_____ *A Idade Sombria*, cap. lo., in **A Crise do Mundo Moderno**. Lisboa: Vega, 1977.

II

A questão do Evolucionismo. Considerações preliminares.

O Evolucionismo nasceu no Ocidente como uma formulação hipotética, cuja figura mais conhecida é a de Darwin, e alimentou e alimenta até hoje uma especulação não só no plano biológico das espécies, mas também espalhou-se para o domínio de outras ciências, como a História, a Filosofia e a Antropologia.



Esta formulação consiste basicamente na hipótese de que nosso mundo teria começado em um nível grosseiro, em formas de vida primárias e que movidas por um processo de adaptação e aperfeiçoamento, as espécies engendram mutações, entre as quais as mais propícias à sobrevivência são escolhidas pelo processo de seleção natural. Desta interação de incontáveis tempos iriam surgindo, umas das outras, as espécies mais complexas. O homem apareceria como a espécie do ramo mais alto desta longa evolução, e teria começado também como um ser bárbaro e grosseiro, habitando em cavernas, vestindo peles e caçando animais com armas feitas de ossos, grunhindo, sem ainda o uso da fala e da linguagem, portanto com uma consciência bastante tosca. E graças a um esforço também evolutivo, foi galgando os degraus do conhecimento, da consciência e da linguagem, que lhe permitiu um domínio sobre o mundo, principalmente com a ideia do desenvolvimento da tecnologia, da capacidade de construir instrumentos que lhe proporcionasse uma vida mais confortável. E que neste movimento de evolução, nossa época - em outras palavras, a civilização industrial e ocidental - seria a referência do ponto mais avançado, deixando para trás os povos “primitivos”, que não teriam tido a sorte de ingressar na evolução. E a História estaria aberta à Humanidade como um crescimento ininterrupto de nossa consciência em direção à uma certa imagem do futuro, para o qual a ficção científica muito colaborou. E do mesmo modo, interiormente teríamos também esta tendência de evoluir cada vez mais, seja na Terra, seja espiritualmente em outras dimensões, ideia esta que alimentou também muitas correntes ditas espiritualistas modernas, sobre as quais refletiremos mais adiante.

O Evolucionismo é um tema com muitas facetas, merece um exame acurado. Esperamos em breve podermos oferecer uma elaboração detalhada, fruto de nossos estudos e ponderações enquanto pesquisador e professor de Antropologia. No momento não podemos adentrar muito nisto. Mas já podemos antepor serem dois pontos de vista radicalmente opostos: as tradições tem uma visão cíclica do tempo (1), da História e da Humanidade, tudo tendo um começo, desenvolvimento e encerramento, e não retilíneo como pensa o Evolucionismo, e o ciclo tem uma tendência descendente, de materialização progressiva, de afastamento da origem espiritual, apesar das aparências de um domínio tecnológico, que esteia a visão ascendente do evolucionismo. Basta observarmos que, do ponto de vista das tradições, se o mundo caminhasse como progresso natural para cima, para um aperfeiçoamento, não haveria necessidade das figuras divinas terem aparecido no mundo. Se estas figuras divinas - os **Avatares** - descem, é porque o mundo caminha para baixo.

A referência **baixo** tem múltiplas significações: materialização, maior dificuldade de acesso mental às verdades transcendentais, racionalismo, desenfreamento do ignorante querer apossar das coisas, exteriorização, perda da posição de centralidade humana (2), corrupção no nível moral, entre outras. Caminhasse o mundo para cima e para o alto, não haveria razão para o Cristo e para o Buddha lidarem, de modo compassivo, mas firme, com a cegueira e violência dos homens.

Só existem dois caminhos: dhármico ou adhármico. O primeiro é o concordante com as leis do Dharma, a Verdade, o Correto, o Justo, nossa natureza imortal e profunda. Quando muitos caminham em certo sentido (adhármico), pode ser que lancem sobre aquele que vai em sentido oposto (dhármico) a pecha de estar caminhando para trás, dizia o Buddha. Alto, baixo, para frente, para trás, depende do sistema de referências sobre os quais se assentam nossos instrumentos topográficos. Para não fazer como aquele tirano, que justificava sua intervenção violenta e brutal no reino, dizendo: antes de nós, o reino caminhava para o precipício. Graças a nós, deu-se um passo para frente!

Notas

(1) Sobre o conceito de tempo cíclico do Cosmos, ver, do autor: *O ciclo cósmico e a emergência das Tradições*, cap. I, in **Buddhismo e Christianismo: esteios e caminhos**, e as sugestões de leitura nele contido.

(2) Sobre a questão da centralidade humana, ver do autor: *O Lugar do Homem*, cap. III, Primeira Parte, in **a Travessia Budhista da Vida e da Morte: Preparatórios**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003, e as sugestões de leitura nele contido.

III

Os pilares do Christianismo

I. O surgimento

Segundo a visão das tradições, o Cosmos tem um movimento cíclico e descendente - materializante, e nos períodos em que parece que um povo ou uma tradição está por se perder, é feita uma restauração ou renovação. É dentro desta visão das tradições que devemos compreender o Cristianismo e o Budismo, como vias que se abrem em virtude de um período de obscurecimento bastante grande de um parcela da Humanidade.

A tradição cristã nasceu no interior da tradição judaica. Se observarmos a tradição judaica na proximidade dos períodos que antecedem o aparecimento de Christo, veremos que aquela tradição atravessa um momento cósmico expressivo e delicado: o mundo judaico passa por sucessivas invasões estrangeiras, como no cativo da Babilônia no século VI a.C., o domínio persa, romano até a dispersão do povo judeu. Este mesmo período marca a fase derradeira da civilização grega e romana. No mundo grego, Sócrates, Platão e Aristóteles expressam estes últimos momentos desta tradição espiritual, falando de certos conhecimentos metafísicos (1) que já eram de difícil acesso para a maioria, e por isso Sócrates foi condenado a beber cicuta. O mundo romano também está iniciando sua fase de estertor como tradição: poucos séculos de expansionismo, e depois a desintegração.

É dentro deste contexto espiritual que irá se realizar aquilo que já estava anunciado na tradição judaica: a vinda do Messias, o Avatara. Palavra sânscrita, **Avatara** significa descida divina. Neste caso, a descida divina é a própria Encarnação do Verbo. O Christo como o Filho de Deus. Esta descida do Avatara, do Logos na pessoa do Christo, corresponde do ponto de vista espiritual a um sacrifício. Toda descida de um plano superior a um plano inferior implica em sacrifício. Implica na escolha de enfrentar um plano mais restrito, mais condicionado, escolha movida pela compaixão, pela misericórdia divina. Este é o sentido do sacrifício. Sacrifício quer dizer **sacrum facere**: fazer

sagrado, tornar sagrada uma ação. No Budismo, temos as figuras dos **Bodhisattvas**, aqueles que se recusam a ingressar na realização espiritual definitiva, movidos pela compaixão a todos os seres sencientes, para cuja libertação fazem o voto. Também aqui há um certo sacrifício.

2. o Sacrifício Chrístico

Sendo Christo o arquétipo divino pelo qual todo cristão deve se orientar e “imitar”, para isso todo cristão deve buscar compreender com toda profundidade que lhe for possível a questão central do Cristianismo: porque o sacrifício Crístico é o da forma cruenta, a imolação no Calvário?

Partamos da apreciação sobre a Trindade (2). Em seu mistério de Deus, o Pai engendra por uma processão de inteligência o Verbo, a perfeita Imagem do Pai na qual Ele se vê, em seus Atributos e Perfeições infinitas: “...o Verbo é a Palavra que o Pai pronuncia em se pensando a si-mesmo ‘no eterno silencio’...O Pai é a Suprema Inteligência que conhece em seu Verbo o Supremo Inteligível...O Verbo é, se quisermos, um Espelho onde o Pai contempla sua própria imagem; ou melhor, ele é mais que um espelho, ele é esta própria Imagem: ele é “a irradiação de sua glória, a marca de sua substância”(Hebreus, 1, 3)”(3). No Verbo o Pai se reconhece e compraz: Este é meu Filho bem-amado em quem me comprazo (Matheus, 3, 17). Co-substancial ao Pai, o Filho recebe d’Ele o dom total, a própria Essência Divina: “É no dom total que ele faz dele-mesmo que o Pai existe enquanto **Pessoa Divina**, e é isto que a distingue da Pessoa do Filho” (4).

Pai e Filho se conhecem um no outro, como Essência Divina dada pelo Pai, recebida pelo Filho, que se constitui como Pessoa porque como tal o Filho comunica ao Pai tudo o que ele dele recebeu: “O que constitui uma pessoa, é a tendência para o outro, um **ad aliud**, um “altruísmo” perfeito e total; é **se perdendo** totalmente no outro que a pessoa **se encontra** e se constitui...Isto supõe na pessoa um **espírito de pobreza** absoluto, perfeito, total, uma renúncia, um desapego, um esvaziamento, um **aniquilamento** de seu ser no outro que lhe faz encontrar o seu próprio ser” (5).

O Dom total que se intercambiam Pai e Filho, e faz de cada Pessoa Divina o Grande Pobre por excelência, e que pela doação total é também receptor da Infinita Riqueza, “este Dom mútuo, total, perfeito constitui o **Amor** recíproco do Pai e do Filho” (6). Esta **vontade comum** de esvaziamento e aniquilamento

recíprocos tende por sua vez a se aniquilar “se **exprimindo** em uma terceira Pessoa divina, o Espírito Santo que aparece assim como um **fruto** do Amor comum do Pai e do Filho. Dizemos, por conseguinte, que o Espírito Santo **procede da vontade** comum de Amor mútuo das duas outras Pessoas. Dizemos também que o Pai e o Filho, conjuntamente, **expiram** o Espírito Santo e que o Espírito é **expirado** pelo Pai e o Filho... Por sua vez o Espírito Santo não existe, enquanto Pessoa, senão se ele oferece ao Pai e ao Filho conjuntamente este Amor comum do qual ele procede” (7).

Haveria por isso “uma dupla corrente de amor: o amor recíproco que parte do Pai e do Filho e conduz ao Espírito, e, inversamente, se eleva do Espírito para conduzir ao Pai e ao Filho; é isto que chamamos de **Circumincensão** das três Pessoas. É isto que consiste a **Vida** íntima de Deus, e sua **Glória essencial**. Ela é suficiente infinitamente nela-mesma; Deus vive e reina eternamente nesta Glória perfeita, em um eterno silêncio, uma beatitude infinita, uma paz soberana” (8).

A geração do Verbo, processo de inteligência, é o mistério da Divina Pobreza, que supõe o Amor, vinda da efusão do Espírito, que, como processo de amor ou vontade é o mistério da Divina Caridade que por sua vez supõe o Anulamento: “é no ato da suprema Pobreza, que engendra o Verbo, que o Pai encontra a Infinita Riqueza da Divina Caridade, que é a espiração ou efusão do Espírito de Amor” (9).

Sendo a vida divina a doação total, feita de Infinita Pobreza e Caridade, por sua vez de modo recíproco e eterno “o Verbo se anula, se esvazia em um ato de suprema e total Pobreza, e se oferece como Vítima Santa, Hóstia sem mancha, em uma renúncia, desapego, uma “desposessão” integral de seu ser, a este Pai que lhe comunica de volta o mesmo Dom. Este ato de Suprema Pobreza e de Infinita Caridade se torna assim a Infinita Riqueza no esvaziamento, a Infinita Posse no desposseimento de si, a Riqueza de uma Pessoa Divina que encontra seu ser se anulando na Outra. É nisto que consiste o que podemos chamar de **Sacerdócio eterno do Verbo**, cujo Sacrifício do Calvário será “a Encarnação no tempo”: no seio da Trindade, o Verbo é Sacerdote e Vítima eternos (10): “Tu és meu Filho, eu te engendrei hoje....Tu és sacerdote para todo-sempre segundo a ordem de Melchisédech” (Hebreus V, 5-6).

Na origem e culminação desta eterna Imolação está o Espírito, pois sendo Caridade ou Amor do Verbo pelo Pai e vice versa, não haveria como ser Amor “sem espírito de Pobreza e Desposseimento de si que constitui o

Sacerdócio Eterno do Verbo e, inversamente, a razão deste desposseimento reside na Infinita Caridade que leva o Verbo a se despojar inteiramente de seu ser por este Pai que, ele também, engendra eternamente este Verbo em uma mesma efusão de Amor, que não é outro senão o Espírito” (11).

Assim, conclui Abbé Stephane, se não penetrarmos, o tanto que pudermos, no Mistério da Divina Pobreza e Divina Caridade, do anulamento do Verbo e da efusão do Espírito no Sacerdócio Eterno do Verbo, será para nós opaco a compreensão da Vida Divina, a Encarnação, a Redenção, o Pecado, a Criação, a Graça, o Corpo Místico, a Eucaristia, e, sobretudo, o **espírito de pobreza e caridade** que constitui a base e o cume do Evangelho.

Se com isso podemos nos aproximar da compreensão da ontologia do Sacrifício Crístico, resta entendermos as razões da **forma cruenta** deste sacrifício, visto que em outras tradições, a descida sacrificial avatárica não assume necessariamente esta forma. Prossigamos nos socorrendo das elaborações de Abbé Stephane.

Se é verdade que a Essência divina é como tal porque necessariamente se manifesta (12) em três Pessoas distintas ligadas por laços mútuos de amor, também é verdade que esta troca de amor procede de uma Soberana e Infinita **Liberdade**. Livre dom e amor são sinônimos. Para o Verbo em sua total liberdade de provar ao Pai seu amor, é essencial fazer a Glória dele Pai, mas para isso, “o que é essencial à Glória do Pai é o Amor do Filho” e não a maneira pela qual será feita, pois o Verbo “é livre de escolher a maneira pela qual manifestará ao Pai seu amor” (13).

A **forma** escolhida será a da **Encarnação Redentora**, que, junto à Criação que ela supõe, é devida à soberana liberdade do Amor, e não absolutamente necessária para Glória essencial da Trindade. Pergunta Abbé Stéphane, quais seriam então as condições que permitiriam ao Verbo realizar o máximo de anulamento, o máximo de Pobreza e de Caridade susceptíveis de trazer o máximo de Glória ao Pai?

“Para realizar o máximo de anulamento, o Verbo quis- suprema pobreza- renunciar à sua condição de Deus, tomando a **condição de escravo**”(14). Para isso, pressupunha a existência de seres nesta mesma situação, ou seja a criação de seres sujeitos ao máximo da escravidão. E “o que pode ser para uma criatura o máximo da escravidão? É realizar nela o que se opõe a Soberana Liberdade que está em Deus: ora, a Soberana Liberdade de Deus consiste nesta “liberação”, este desapego, esta desapropriação, este

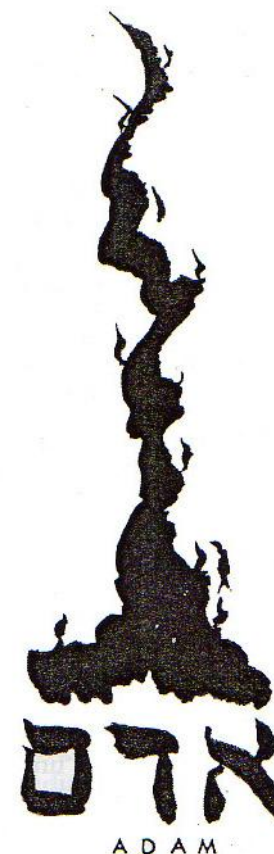
desposuimento de si, esta anulação, esta pobreza, que realiza cada Pessoa Divina. Não há, portanto, pior escravidão que o **dobramento sobre si**, o egoísmo, o amor próprio, a busca de si (individualidade), o espírito da posse, a vontade própria; é nisto que consiste o **mal**, o **pecado** sobre qualquer forma que seja” (15).

Um pequeno parênteses. Reafirma-se aqui, em linguagem teológica, aquilo que é comum em todas as tradições, embora muitas vezes apresentado em uma linguagem metafísica: que o mal, pecado ou ilusão consiste no equívoco da individualidade, que se vê e pretende uma mônada auto-fundante, confundindo seus agregados psico-corporais impermanentes com sua natureza transcendente, cujo remédio o Budhismo tem na constante compreensão de **anatta**, não-eu e o correspondente não-meu (16).

Mas para que surgisse a escravidão (ilusão da individualidade), era preciso que a liberdade fosse dada aos homens, pois ninguém poderia perder o que nunca teve. O homem será criado à **imagem e semelhança** de Deus, por isso livre, inclusive para perder, recusar o dom, vendo-se a si mesmo como distinto e independente de sua raiz fundante, que se traduz pelo perigo do orgulho. E é esta possibilidade de perda (distorção e equívoco sobre si mesmo) que conduzirá Adão (o Homem Universal) à queda (individualizações e suas conseqüentes ilusões mentais). A chamada “desobediência” adâmica é a ação gerada pelo erguimento, dentro de Adão, do Ardor-cupido e egóico, **Nahash**, e não de uma “serpente”, tradução equivocada do termo hebraico **Nahash**, que segundo Fabre D’Olivet, os tradutores gregos teriam feito do Livro primeiro de Moisés, Gênesis: “Ora, o Ardor cúpido (o conceito egóico, a inveja, a concupiscência) era uma paixão geral (um princípio cego) entre toda animalidade da Natureza-elementar feita por IHÔAH Ele-os-Deuses: e ela disse (esta paixão) para **Aishah** (a faculdade volitiva de **Adão**) por causa de quê declarou Ele-os-Deuses, não deveis vós alimentar-vos de toda substância do cinturão orgânico?” (17).

Esclareçamos um pouco mais esta passagem que provocará a queda adâmica. Até o versículo 2.22, o termo **Adão** designa o Homem Universal, princípio universal e homogêneo de toda criação, arquétipo de todos os seres, humanos e não-humanos. Como tal, não quer dizer um homem individual. O versículo 2.22 narra a formação de **Aishah**, a faculdade volitiva e intelectual tirada de Adão. Não se trata de uma “mulher ou varoa” como sugere a tradução grega, pois Adão, como Homem Universal, possui ambos os sexos. **Aishah** também não significa a mulher universal, mas “a vontade própria que lhe individualiza (ao Adão, Homem Universal), na qual ele se reflete, e que,

tornando independente, se torna a força criadora, por meio do qual ele realiza suas concepções e as faz passar da potência ao ato” (18).



No versículo 2.23, é dito que **Aishah** é tirada (não de um “varão”, como está na tradução grega), mas do princípio volitivo **Aish** (“o homem intelectual”), denominação que aparece a partir deste versículo pela primeira vez, e que expressaria a individualização do Homem Universal, Adão Kadmon, operado por IHÔAH o-Ser-dos-seres, ao lhe dar “uma força auxiliar, uma companheira, criada dentro de sua luminosidade, e destinada a lhe refletir sua imagem” (19). O termo Adão “caracteriza o Homem universal por sua essência homogênea”; o termo posterior Aish “designa o homem individualizado por sua

vontade eficiente... (Aish designa) o homem intelectual (intelectivo). É um desenvolvimento novo do **Homem Universal**, Adão: desenvolvimento, que, sem destruir sua universalidade e sua homogeneidade, lhe dá, entretanto, uma individualidade independente, e o deixa livre de se manifestar em concepções outras e particulares, pôr meio de uma companheira, de uma força auxiliar, encarregada de refletir sua imagem” (20).

Com a faculdade volitiva, **Aishah**, como “vontade principiante, existente, não mais em potência, mas em ato” (21), abre-se o caminho da individualização da vida como diferenciação, e com ela o Ardor egóico turbulento e devorante. No Buddhismo, o termo que designa a Existência condicionada, **Samsara**, significa “turbilhão”. Novamente a mesma ideia da vida existencial como fogo em seu duplo aspecto luminoso e passional, doloroso, cego e insatisfatório, que traz o sentido de sofrimento, **dukkha**. O fogo que agita e queima a mente, e que busca se distender, se devorando em seus objetos de desejo psico-corporal, e se repondo em novos desejos sem cessar.

No intuito de melhor compreender a natureza deste Ardor-cúpido, Nahash, acompanhemos um pouco mais as elaborações de Fabre D’Olivet sobre isso. O termo hebraico Nahash provém de uma raiz presente também na palavra hebraica que significa “trevas”, e indica um “ardor interno, um fogo centralizado, que se agita de um movimento violento, e que busca se distender” (22). Em seu sentido hieroglífico, representa também “uma câmara de combustão, onde este princípio (ígneo), movido circularmente, se concentra mais e mais, e se devora a si-mesmo... é no sentido figurado todo sentimento penoso, comprimido, feroz, como a **inveja**, o **egoísmo**, a **cupidez**, é, em uma palavra, o **vício**” (23).

É como se existência condicionada carregasse dentro de si o seu próprio mal inevitável. O desdobramento das possibilidades cósmicas implica em diferenciação e individualização, e neste processo (e para este processo) a consciência individualizada trará dentro dela mesma as três qualidades ou tendências cósmicas, que a tradição hindu chama de **gunas**: a tendência de **sattva** (luminosa e inteligível, que alimenta a possibilidade de elevação em direção às verdades e estados superiores, e que corresponderia ao aspecto intelectual do fogo como luz), a tendência de **rajas** (calórico e passional, que fomenta a expansão horizontal e a multiplicação dos seres, tendências mentais e seus desejos, e que corresponde ao aspecto calórico do fogo) e a tendência de **tamas**, obscurecedora, compactante e dirigindo para baixo, aos estados inferiores, infernais, para o polo substancial da manifestação, **Prakriti**. A cada

dissolução do ciclo cósmico (**pralaya**), os três gunas recolhem-se no equilíbrio indiferenciado de **Prakriti**. Iniciado um novo ciclo, os três gunas se diferenciam e se combinam de múltiplos modos durante o ciclo desta manifestação. Podemos considerar que **Nahash**, o Ardor-cúpido refere-se à predominância das tendências rajásica e tamásica que marcarão progressivamente as idades do movimento da manifestação cósmica.

A tendência ascendente sáttvica, entretanto, nunca abandonará os seres à sua própria (egóica) sorte (melhor dizer infortúnio). Se a tendência individualizante (o mesmo que dizer a queda adâmica) é inevitável na Criação, o seu resgate também o será, com Christo. A Criação desce com Adão e é resgatada com Christo, o segundo Adão. Por isso a Encarnação do Verbo é a coroação da Criação, a realização do sonho divino de Amor e Pobreza feito de comum acordo entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, em que o Verbo se anula por amor à Glória essencial do Pai, na efusão do Espírito. Até onde posso alcançar, neste **mito Chrístico** está o arquétipo de contemplação e ação diretora para todo cristão, por isso por ele deve ser meditado e compreendido com profundidade.

A redução do **mythos Chrístico** a uma historização factual ou socializante revela apenas o obscurecimento da apreensão intelectual de nossos tempos. Convém lembrar que à tendência individualizante se opõe não a socializante (pois ambas participam do mesmo plano), mas à de se esforçar em direção ao Universal. É verdade que o amor social aos membros de uma comunidade pode servir de suporte para isso, mas os termos são mais complexos. Voltaremos mais adiante sobre isto, a propósito do segundo mandamento cristão, “amai-vos uns aos outros”.

Se a ilusão egóica individualizante será a tendência que marcará a condição de escravo a que os seres se submeterão, é tomando esta condição de escravo que o Verbo realizará o máximo de sua anulação, renunciando à sua condição de Deus: “É esta condição de escravo, com todas suas misérias, que o Verbo decidiu tomar; ele se revestiu da natureza humana, o “corpo do pecado”, ele tomou para si “o pecado do mundo”, e, embora inocente, quis ser visto por seu Pai como **pecador**, como um vil e menosprezível verme da terra... Por isso (...) o Supremo Anulamento do Verbo supõe a criação e a queda: o Verbo não pode realmente se anular senão que se revestindo da natureza humana, isto é, “o corpo do pecado”.

“Tendo assim se revestido do corpo do pecado, era preciso que o Verbo aceitasse as consequências, vale dizer, o sofrimento e a morte. Também

que fosse obediente até a morte, e morte na Cruz. Esta obediência à Vontade do Pai, na Suprema Pobreza e despojamento do Calvário, se tornou assim o supremo ato de amor da Divina Caridade; também a Glória da Trindade, feita da Divina Pobreza e da Divina Caridade, é a consequência do Sacrifício do Cristo. Sacerdote eterno segundo a ordem de Melchisédech, o Verbo de Deus, por seu Sacrifício **no tempo**, realizou **um dos modos** de seu Sacerdócio Eterno. Ignoramos se existem outros. Assim, o Sacrifício da Cruz (e a Eucaristia que o prolonga através dos tempos) não é senão que “a encarnação no tempo” da Imolação eterna do Verbo.

Por sua obediência, feita de Pobreza e Amor, o Cristo entrou na Glória. O pecado teve por consequência a morte: morte e pecado não fazem senão um. Aceitando a morte, o Cristo “ataca” o pecado em seu próprio terreno, como um combatente que atinge um inimigo atacando-o de modo certo e o arruina. Triunfando da morte pela Ressurreição, o Cristo triunfa do pecado, e a natureza humana, revestida por ele, e que era o “corpo do pecado”, triunfa com ele; ela é libertada da servidão do pecado. O corpo do pecado se torna o Corpo Glorioso: a natureza humana é divinizada. O Verbo se anulou tomando a condição de escravo: a humanidade é libertada desta condição de escravidão pela glorificação do Filho do Homem e pela efusão do Espírito que resulta da Imolação do Verbo. O Verbo feito carne liberta a carne do mal” (24).

Notas

(1) Sobre a noção de Metafísica e Ciência, ver do mesmo autor: *a Metafísica, a Religião e as Ciências*, cap. IV, Primeira Parte, in **a Travessia Budhista da Vida e da Morte: Preparatórios**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003, e as sugestões de leitura nele contido.

(2) Para uma intelecção mais profunda e detalhada sobre o tema, ver, entre outros, o tratado de Abbé Henri Stéphanne - **Introduction a L’Esoterisme Chrétien**. Paris: Dervy-Livres, 1979, de que nos valemos aqui apenas em forma de modesto esboço sugestivo.

(3) Abbé H.Stéphane - idem, op.cit., p.19-20.

(4) Idem, op.cit., p.20.

(5) Idem, op.cit., p.20.

(6) Idem, op.cit., p.21.

(7) Idem, op.cit., p.21.

(8) Idem, op.cit., p.21

(9) Idem, op.cit., p.22.

(10) Idem, op.cit., p.22.

(11) Idem, op.cit., p.23.

(12) Abbé Stéphane usa o termo “s’épanouir”. Uma das traduções seria “se fazer conhecer, se abrir”. Observemos que a raiz etimológica da palavra “s’épanouir” é do germânico **spannen**, “estender a mão”. O termo “manifestar”, do latim *mani-festus*, pode significar “feito pela mão”, abrindo imagens simbólicas de compreensão para **Maya**, a manifestação (ou a criação, na linguagem teológica) como ilusão (como a das mãos do mágico) e arte, a mão que se abre, a Doação divina, generosidade e desapego. Como as árvores, que de graça abrem mão de suas flores, se fazendo conhecer e evidenciar e lembrar. *Os céus e a terra falam da Glória de Deus*.

(13) Abbé Stéphane- idem, op.cit., p.24.

(14) Idem, op.cit., p.25.

(15) Idem, op.cit., p.25.

(16) Sobre isso, ver do autor: *A meditação budhista Vipassana com prática de cura*, cap. III, Segunda Parte, in **a Travessia Budhista da Vida e da Morte: Preparatórios**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003.

(17) Fabre D’Olivet - *Cosmogonie de Moyse*, III,l, p.95, in **La Langue Hebraïque Restituée**. Suisse: Ed.L’Age d’Homme, 1975. A re-tradução do livro do Gênesis, do Velho Testamento, que Fabre D’Olivet realiza, a partir de suas pesquisas da língua hebraica, abre novos horizontes sobre passagens importantes e obscurecidas pela tradução grego-latina. Sua obra merece ser estudada e refletida.

(18) Fabre D’Olivet - Idem, op.cit., p.92.

- (19) Idem, op.cit., p.91.
- (20) Idem, op.cit., p.93.
- (21) Idem, op.cit., p.93.
- (22) Idem, op.cit., p.95.
- (23) Idem, op.cit., p.97.
- (24) Abbé Stéphane - idem, op.cit., p.26-27.

Sugestões de leitura sobre o tema

Abbé Henri Stéphane - **Introduction a L'Esotérisme Chrétien**. Paris: Dervy-Livres, 1979.

Fabre D'Olivet - *Cosmogonie de Moyse*, in **La Langue Hebrique Restitué**. Suisse,: Ed.L'Age d'Homme, 1975.

René Guénon - *La naissance de l'Avatara*, cap.XLVIII, in **Aperçus sur l'Initiation**. Paris: Ed.Traditionelles, 1980.

- *Realisation ascendante et realisation descendante*, cap.XXXII, in **Initiation et Realisation Spirituelle**. Paris: Ed. Traditionelles, 1980.

- *Melki-Tsedeq*, cap.VI, in **Le Roi du Monde** Paris: Ed. Traditionelles, 1950.

- *A Idade Sombria*, cap. lo., in **A Crise do Mundo Moderno**. Lisboa: Vega, 1977.

- *Ätlantide et Hyperborée; Place de la tradition atlantéene dans de Manvantara; Quelques remarques sur le nom d'Adam*, in **Formes traditionnelles et cycles cosmiques**. Paris: Gallimard, 1970.

3. a Via Cristã como esoterismo

A Encarnação do Verbo em Christo vai significar uma descida divina. Christo é o Filho de Deus que desce para abrir uma via espiritual para os não-judeus. Poderíamos dizer que o Cristianismo é o Judaísmo para os não-judeus, embora devamos compreender isto de forma cautelosa, pois o Cristianismo não se confunde com o Judaísmo.

O Cristianismo será a via do Amor, já no Judaísmo predomina o caminho da Lei. O Cristianismo vai abrir, para além do mundo judaico, uma via espiritual em que, diferentemente da tradição judaica, não é necessário pertencer à comunidade social, no sentido estritamente judaico de então. No mundo judaico, assim como em algumas outras tradições, a participação em uma via espiritual está ligada à participação social, de modo que para estes povos tanto a vida espiritual como a social estão intimamente imbricadas dentro de um mesmo corpo de leis.

A Tradição hindu também contém este duplo aspecto. Para se participar da via hindu, é preciso que se situe dentro de uma das castas, cada qual possuindo suas práticas próprias, regradas no código das leis de Manu, assim como no mundo judaico existe as Leis escritas na Torah, que explicitam todas as normas da vida, não só interior como também social que se deve realizar dentro da comunidade. Estas tradições têm um aspecto **esotérico**, isto é, interior, e um aspecto **exotérico**, que vincula seus membros às leis que dizem respeito não apenas à prática religiosa de modo geral, mas também da vida social, os tipos de casamento, de distribuição dos bens e muitos outros aspectos. A tradição islâmica também tem este duplo aspecto, regido pelo livro do Corão.

A via Cristã, assim como a Budista, prescindirá disto, independentemente do tipo de sociedade em que se vive. A questão fundamental para o cristão, assim como para o budista, será a questão interior. O próprio Christo se recusa, de certa forma, a falar ou impor regras sociais, o que se traduz em suas palavras-“Daí à César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”. Como uma via interior, devido à falta do apoio social, todo suporte tem de vir da vida interior, o que a torna uma via mais exigente, mais rigorosa sobre este aspecto.

Procuremos compreender bem este ponto importante: não é que não exista uma comunidade cristã para apoiar o cristão em sua vida espiritual. Ou que o cristão não tenha deveres ou eficácia diante da realidade social em que vive. A diferença está em que no Cristianismo e no Buddhismo, a comunidade

que participa do mesmo caminho, o que chamamos de **Sangha** no Buddhismo, não se confunde com a estrutura social de que faz parte. A comunidade religiosa e a estrutura social são independentes, ao menos relativamente, embora haja influências mútuas. E as diretrizes que as Igrejas cristãs ou membros cristãos podem exercer sobre as normas da vida social tem mais um caráter de conselhos do que de leis.

Na via cristã, o postulante toma a figura do Christo, enquanto a própria Encarnação do Verbo, como apoio para sua realização. O cristão busca sua identificação com o próprio Christo, o Verbo Divino. Christo é o Mediador entre os homens e o Pai.

Sugestões de leitura sobre o tema

Ananda Coomaraswamy - *Le Bouddhisme* (Introduction), cap.II, in **Hindouisme et Bouddhisme**. France: Gallimard, 1945.

Frithjof Schuon - **Da Unidade Transcendente das Religiões**. São Paulo: Martins Ed., 1953 (tradução com várias imprecisões. Veja o original **The Transcendent Unity of Religions**, The Theosophical Publishing House, 1984).

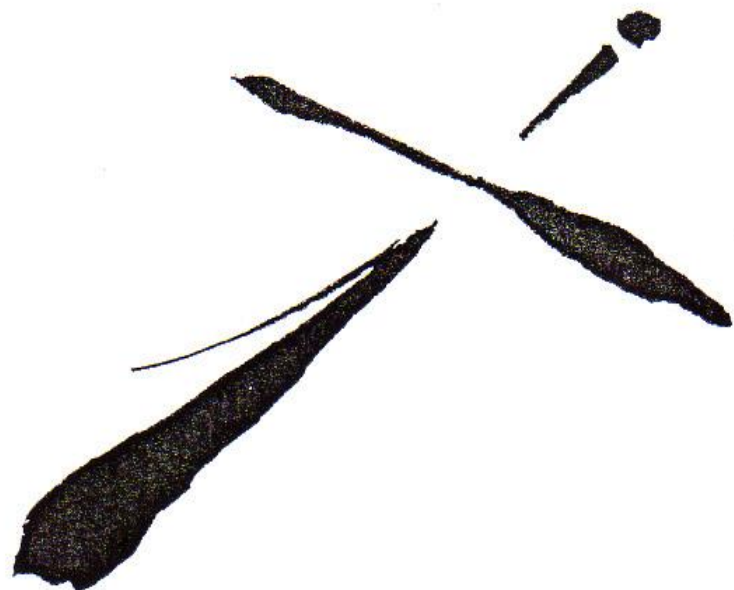
_____ *Compreender o Esoterismo*, in **O Esoterismo como Princípio e como Caminho**. São Paulo: Ed. Pensamento, 1985 (Idem observação anterior, veja o original **Esoterism as Principle and as Way**, Perennial Books, 1990).

Luc Benoist - *Exoterismo e esoterismo; o esoterismo cristão*, in **O Esoterismo**. São Paulo: Difel, 1969.

René Guénon - *Christianisme et Initiation*, cap.II, in **Aperçus sur l'Esoterisme Chrétien**. Paris: Ed. Traditionnelles, 1980.

4. a Igreja e a Missa. Simbolismo

Observemos um dos símbolos mais importante do Cristianismo, a *Cruz*. É formada por dois braços, um vertical, cortado por outro horizontal. A verticalidade simboliza, não só no Cristianismo como em todas as tradições, o *Eixo do Mundo*, que é o caminho da própria transcendência. Como verticalidade, é a Retidão, escada por onde sobem e descem os Anjos, como no sonho de Jacó. Como **Axis Mundi**, é nossa coluna dorsal, da cabeça aos pés, fundamento e sustentáculo. Mas não somos apenas transcendência, estamos amarrados ao mundo, aos mundos. Estes, como planos de realidade manifesta e condicionada, têm no braço horizontal seu símbolo. Como homens, estamos crucificados, pregados na interseção entre nossa condição humana, horizontal, os braços abertos do Cristo, em cada mão atravessada por um prego, a dor de ser humano, e nossa natureza divina, o eixo vertical do qual participamos. E é a partir deste ponto **crucial**, expressão de nossa realidade atual, que devemos empreender a escalada ascendente.



A crucificação simboliza o homem em sua dupla natureza: humana e divina. Com base neste simbolismo foram construídas as igrejas. O exterior simboliza o mundo de fora, o profano, dispersão. Periferia para onde fomos lançados com a queda de Adão, atraído pelo mundo da dualidade, Árvore da ciência do bem e do mal, descida. Agora é preciso que haja uma subida. A ideia da descida ou afastamento e a necessidade de voltarmos ao *Centro* é comum a todas as tradições, embora segundo perspectivas e ângulos diferentes. No Cristianismo, Cristo é o segundo Adão, o mundo desce por Adão e sobe por Cristo, em Cristo, para Cristo. Que desce para resgatar com o sacrifício cruento de seu sangue, os homens. Ao menos aqueles que abrem a porta, adentrando no templo, o sagrado, interior, silencioso e belo.

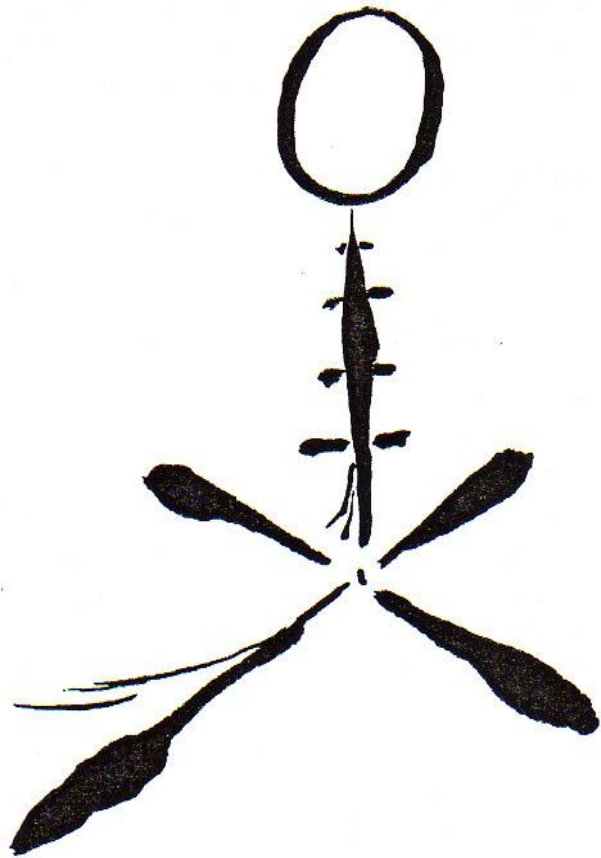
A igreja, **ecclesia**, reunião, templo, pode ser humilde, como a manjedoura e os templos Zen, ou rica, em ouro, prata e materiais preciosos, catedrais. Ouve-se lá fora queixas, sobre a riqueza de certas igrejas, templos, e que os templos devem ser de pobreza. Justo, por certo ângulo. Mas, por outro lado, não é Deus o Senhor de todas as riquezas e merecedor de todas as honrarias e belezas, pequenas lembranças da Suprema Beleza? Olho e penso, o que exijo, preciso, peço, e ofereço.

O corredor vertical une atravessando as laterais, horizontais, mundos, fiéis. Em outros tempos, os homens, de um lado, e as mulheres de outro. Adentrando, divisa-se o tópo, altar, tabernáculo que guarda o cálix bento, em seu interior a hóstia sagrada. O pão e o vinho, a serem transubstanciados no corpo e sangue do Cordeiro.

Em cada plano da arquitetura sagrada encontramos a correspondência analógica com a interiorização do homem. Até o tabernáculo, espaço-tópo onde se dará a transmutação espiritual, no Coração, o mais interior de nós, o lugar de identificação com o Cristo, “para que eles sejam, Pai, Um em mim, como sou Um em Ti”. Os fiéis vêm pelo corredor vertical até o plano horizontal de encontro com o celebrante que descendo traz o cálix eucarístico. Neste ponto de encontro do braço vertical e horizontal da igreja, ponto crucial, os fiéis se colocam, de pé ou de joelhos, havendo já passado pelas etapas anteriores simbólicas de preparação e purificação, e participam da Comunhão. Completa-se o ciclo que vem da exteriorização para a re-interiorização. Do mundo, dos homens, para o reino de Cristo, por Cristo, em Cristo.

Arquitetura e rito, cada plano da igreja, cada momento da Missa simboliza a *re-centralização progressiva* do homem em sua condição espiritual primordial, que culmina com a Eucaristia; pela comunhão da hóstia,

transubstanciação do pão e do vinho em corpo e sangue de Cristo, o cristão se reintegra à sua condição central e original, através da mediação do Cristo. **Caris**, em grego, é graça. Eucaristia ou Eucaristia é *a Boa Graça*, através do qual se dá a reintegração com a verdadeira identidade interior, graças à descida divina, que compensa muitas obras ou estrita observância às leis, exigidas no caminho judaico. Mas Cristo não é apenas o mediador: “Eu sou o Caminho, o Pão e a Vida”. Cristo é o Mediador (o Caminho), o Provedor que alimenta, o Peregrino, e a própria Realização do caminho.



Sugestões de leitura sobre o tema

René Guénon - *sobre o Simbolismo Construtivo*, caps.XXXIX a XLIX, in **Simbolos Fundamentales de la Ciencia Sagrada**. Buenos Aires: Ed. Univ. de B. Aires, 1976.

_____ **Le Symbolisme de La Croix**. Paris: Vega, 1979.

_____ *Le rite et le symbole*, cap. XVI; *Rites et cérémonies*, cap.XIX; *Sacraments et rites initiatiques*, cap. XXIII, in **Aperçus sur L'Initiation**. Paris: Ed. Traditionelles, 1980.

IV

No Princípio era o Verbo

No Princípio era o Verbo Assim inicia o Evangelho segundo São João. A Infinitude Divina contém em si todas as possibilidades. “O Verbo, o Logos... em si, é o Intelecto Divino, que é o “lugar dos possíveis” (1). O Verbo evoca a ideia da capacidade de engendrar. E pede o Sujeito e o Objeto. Guardadas as devidas cautelas, a estrutura gramatical sujeito-verbo-objeto sugere, em seu plano, algo do misterioso transcendente significado da Trindade Cristã. O Pai, na processão ad-intra engendra o Filho, o Verbo que tem o poder de engendrar, unidos na Unidade, do Amor, do Espírito Santo.

Se Pai, Filho e Espírito Santo constituem a face trinitária da Unidade Divina, Deus como o Ser - Princípio da manifestação -, poderíamos nos aproximar da realidade mais profunda da Divindade pela imagem do Avô, o *Hypertheos*, o Não-Ser, Princípio de todas as possibilidades da manifestação e da não-manifestação escondidas no interior da indizível Divindade, o Tao do qual nada se pode falar, que guarda dentro de si o Ser e Não-Ser, ontologia e Realidade última metafísica supra-ontológica, ambas a mesma essencialidade não-dual, unidos como Realidade e Conhecimento.

O Verbo, em seu poder de manifestar, cria os mundos, como as frases são criadas pelos verbos, suas imagens. Através de seu Comando, sua Palavra, Faça-se! A Criação é Sua afirmação exterior, assim como analogicamente os seres humanos o fazem, expressando seus pensamentos interiores em frases e ações produtoras de mundos mentais e corporais. Por isso a Criação é linguagem divina, símbolo do transcendente, quem souber ler, leia, quem souber ouvir, ouça: os Céus e a Terra falam da glória de Deus.

A Criação é permanente, dentro da Divindade. São nossos sentidos ilusórios que apreendem a Criação apenas em sua expressão no Tempo. E a Criação - junto com as Tradições e seus símbolos-, sendo a manifestação do Verbo, é do Verbo sua Revelação, e seu Ocultamento.

A Criação, sendo a manifestação do Verbo, traz dentro de si as Tradições, que, sendo não-humanas (**apaurusheya**, em sânscrito), são como uma pré-figuração da Encarnação do Verbo. Ao mesmo tempo, a Criação sendo a manifestação do Verbo, ela tem na Encarnação do Verbo seu coroamento (2).

A Encarnação do Verbo, Christo, como a Coroa da Criação. A Coroa é o cume, o fecho, o Resplendor do mundo coroado: Christo-Rei. A Criação cáí (se exterioriza) com Adão, desenrola seu mister de manifestação até ser completado, coroado pelo seu Verbo Encarnado, o Christo Glorioso.



Aos cristãos cabe assumir sua responsabilidade por sua redenção, aberta pela Redenção do Verbo Encarnado, Arquétipo do caminho, cada um pegue sua cruz e O siga.

Notas

(1) René Guénon - *El Verbo y El Simbolo*, cap. I, p.10, in **Simbolos Fundamentales de la Ciencia Sagrada**. Buenos Aires: Ed. Univ. de B.Aires, 1976.

(2) René Guénon - *Idem*, op.cit., p. 12.

V

Nos rastros de Christo

Tomo os escritos de F. Schuon (1) como um dos apoios sobre o tema do caminho cristão. Partimos da compreensão de que o Caminho aberto pelo sacrifício de Christo transcende o Rigor, a Lei e as obras que marcam o caminho judaico e o Velho Testamento. Trata-se agora da Misericórdia de Deus oferecida aos homens através do sacrifício de Seu Filho.

A Graça, por ser doação da Clemência, é mais profunda que o Rigor, parece ser mais difícil de ser compreendida e aceita do que a via espiritual das obras, do mérito pessoal. Se Deus já fez o sacrifício por nós, o que mais nós simples mortais poderíamos acrescentar? Aos homens cabe apenas a aceitação total do significado do sacrifício através de sua Fé. Algo análogo à submissão dos muçulmanos- e um dos significados de Islam é “submissão”- à vontade de Allah. Também no Buddhismo da Terra Pura - guardada as devidas diferenças - encontramos uma analogia na via do despojamento do ego e sua auto-pretensão de ser o agente do caminho, para aceitar o poder salvador do Buddha Amida, que conquista os méritos da Iluminação por seus esforços de incontáveis kalpas e os oferece como seu Voto de Compaixão a todos os seres.

I. a Via da Graça e do Amor: Fé, Esperança e Caridade.

O Cristianismo é a Via da Graça e do Amor. Como compreendermos com maior profundidade o Amor ou a Fé?

Tomemos por analogia duas vias da tradição hindu. Uma se refere ao caminho do Conhecimento, **Jñāna-marga**, e a outra ao da Devoção ou participação no mistério divino, **bhakti-marga**. A princípio, a via Cristã parece se aproximar mais da segunda. O devoto abre sua inteligência para receber o que o mundo divino lhe inspirar. As verdades podem ser alcançadas, mas não pelo esforço da razão, vista como que um Judas astuto e corruptível, como suspeito e traidor da pureza e alteza do divino. Esta abertura, que tem um certo

caráter de passividade, carrega dentro de si uma confiança na verdade dos ensinamentos da própria vida de Christo como testemunho vivo do drama cósmico e sua redenção. Esta confiança se nutre e é nutridora do fervor para com este compromisso de identidade com o Christo, confiança e fervor que, como Fé, serão gratificados com a infusão de verdades reveladas pela Graça.

A Fé, longe de ser apenas crença cega, será a predisposição amorosa para receber o transcendente quando e como este se oferecer ao íntimo do devoto. Apesar do seu caráter emocional, o sentimento atuará como uma esposa que entrega e expressa seu amor não por suas obras ou tentativas de perscrutar o íntimo de seu amado, mas por sua confiança na verdade antevista no caráter Revelado de seu amado, pelo qual aguarda com paciência e fervor. E a Fé, como que um feminino de sentimento aberto pela Graça, será fecundado pelo Espírito Santo que como Intellecto Amoroso gerará uma forma de certeza e sabedoria direta, para além da razão especulativa, um saber caloroso, Luz e calor fundidos. “Quando, pela Graça, a Fé tornou-se absoluta, será então dissolvida no Amor, que é Deus” (2).

É porque conhecemos apenas o reflexo do Amor, o sentimento humano, muitas vezes confundido como apego às nossas coisas ou entes próximos, ou a Fé apenas como confiança cega ou ingênua é que resistimos a nos entregar ao Princípio de tudo que experimentamos palidamente neste mundo.

Quando de nossa infância, entendemos o Amor apenas como o leite e a proteção de nossa mãe. Crescendo, somos capazes de amar nossos amigos, nossa namorada, depois nossa esposa e filhos, parentes, etnia ou sociedade até alcançarmos a capacidade de amar uma elevada causa humanitária. Mas raramente acompanhamos a metamorfose desse sentimento ou nos perguntamos o que é o Amor e de onde vem a fonte desse Amor. Porque permanecemos presos à uma visão restrita e egóica do Amor como sendo apenas um sentimento gregário e auto-gratificante, não realizamos a presença da Inteligência no Amor.

Na tradição hindu, o Supremo Brahman é referido como **Sachchidananda**, os dois primeiros sendo seu aspecto de Ser (**Sat**) e Consciência universal (**Chit**), e **Ananda** como sua Beatitude. O Amor como beatitude só é compreensível para quem O realizou, e como tal está para além da especulação racional ou apenas sentimental, e como verdade não nega, ao contrário, é unido no caráter de **Satya**, verdade, portanto do Conhecimento intelectual. Por isso, não há razão para crer que o Cristianismo, como via de

Amor e Graça, seja negador do Conhecimento. Se o fazemos, é porque ainda estamos apenas na superfície do Amor e Conhecimento, onde parecem se excluir.



É verdade, entretanto, que há uma diferença entre a via do Amor e a do Conhecimento. Esclarece-nos Schuon que enquanto a chamada Via do Conhecimento, que como tal refere-se ao conhecimento direto, é integralmente intelectual, na Via do Amor o Conhecimento infunde-se na alma indiretamente. A Fé, como ato passivo da inteligência, apóia-se não na verdade diretamente, mas toma como objeto um símbolo da verdade, e é este que irá abrindo as verdades superiores conforme a força desta Fé, sua vontade, fervor, compensadores desta passividade. Mas entre as vias do Conhecimento direto e a do Amor e da Graça a diferença está no ponto de partida e não no contato que permitem com as Realidades Divinas.

Ambos como esoterismo, a realização que cada uma permite dependerá dos seus graus de aprofundamento. Poder-nos-íamos perguntar se aqui também caberia estabelecer os dois marcos de realização superior, o da *Salvação* como

realização da perfeição do estado humano, correspondente ao Paraíso, estado divino, mas não definitivo, e o da *Iluminação* (no Budismo, ou Liberação e União segundo o Hinduísmo), estado de realização definitivo e supremo para além do qual nada há mais por realizar, a União na Realidade Última. Nesta, como bem sugere Schuon, a Luz tem o caráter amoroso e o Amor o caráter luminoso, e o Conhecimento Perfeito se confunde com o Amor perfeito.

Assim, a Fé, como uma das três virtudes teológicas do Cristianismo, fala do papel do sentimento não apenas em sua dimensão de calor, que para René Guénon (3) aproxima o sentimento mais ao mundo anímico e orgânico da existência condicionada, mas principalmente de sua dimensão de reflexo co-participativo da Inteligência divina, que como participação reflexiva e simbólica, deve o sentimento ser transposto alquimicamente por um caminho de ascese e transmutação interior. Assim, o sentimento de amor por uma planta ou animal, por exemplo, ao ser inspirado pela Graça, deve ser transformado (“ir além das formas”) até a união com o Princípio de todas as formas, que é Amor e Verdade.

Nesta compreensão está o caminho da realização do primeiro mandamento, amar a Deus acima de todas as coisas. De um salto instantâneo, conhecer a Deus acima de todas as coisas, Transcendência, no conhecer idêntico ao amar. Mas o Deus está em nós, Emmanuel, em cada ser: de degrau em degrau, reconhecer o Deus em todas as coisas, sua Presença, em cada próximo, visão do segundo mandamento. Amai o próximo como a ti mesmo. Se o primeiro mandamento exalta a Transcendência divina, o eixo vertical da Cruz, como que enfatizando o caráter ilusório e pecador do mundo, “onde não há um só justo..., por que me chama de bom (perfeito)? Só Deus é bom (perfeito)”, como o **ponto crucial** que se irradia pelo braço horizontal da Cruz, o segundo mandamento refrigera o perigo de uma idolatria metafísica, de um fervor incendiário para com uma divindade demasiado abstrata e sem nenhum suporte sensível para as faculdades humanas de percepção e sentido. Enquanto o primeiro mandamento exalta a submissão da criatura ao seu Criador, marcante também no mundo judaico e islâmico, esta postura diante da **Paternidade** é revestida de amorosidade no segundo mandamento pela evocação da **Irmadade**, dos filhos de Deus que tem no **Filho**, o Cristo, o arquétipo, pois “já não vos chamo servos, mas amigos”.

Notemos que o apelo das ideologias modernas sobre o humanitarismo e a fraternidade entre os homens, embora justa e necessária em si mesma, peca por convocar uma união fraterna de **irmãos sem um Pai, sem um Princípio transcendente fundante da humanidade**. As ideologias modernas, por seu

caráter dessacralizado e dessacralizante, destituíram a base divina da natureza humana, e porque não dizer, de todas as espécies vivas. E por isso é um apelo, que se, de um lado, é necessário, por outro lado, esbarra nos limites do sentimentalismo, pois não oferece para mente uma visão clara de sobre o quê se apoiaria esse apelo, quem somos nós, o que nos constitui, se somos irmãos, de qual Pai e Mãe somos de filiação irmãos, que raiz comum (para além das diferenças étnicas) liga os homens, por exemplo, um nativo de uma tribo da Nigéria e um chefe de um povo indígena Xavante. Pois é dessa ontologia clara que derivam nossos direitos e deveres, nossos limites e nexos com os homens, com a Natureza, com o Ilimitado.

Trazemos com isso o exame de que seria “o próximo” a ser por nós amado, e esta é a outra face da Caridade, a primeira sendo o Amor a Deus. Em um nível mais exterior, tendemos a considerar “o próximo” como cada um dos seres do mundo, humanos e não-humanos, embora há quem restrinja a apenas os humanos, haja visto como nossa época tem tratado com agressão os demais reinos da Natureza, os animais, os vegetais e os minerais. Mas como vemos os seres e mais especificamente os seres humanos? Se olharmos os humanos apenas como realidade psíquica e corporal, será difícil que esse amor vá mais além de um sentimentalismo tão ao gosto dos equívocos das ideologias psicologizantes modernas. Então o que seria “o próximo”? No Corão está dito que Deus está mais próximo de nós do que a nossa veia jugular. O próximo refere-se ao princípio divino, o não-eu, o Cristo em nós, e não à individualidade psico-corporal, agregado efemérico e residência da ilusão. Amamos a **ipseidade** que se manifesta na diversidade dos seres, pois ver a diversidade comp algo em si, autônomo, é cair no pior erro, o da ilusão da separatividade e independência dos seres, que como tais são incompreensíveis e sem sentido, e não haveria como amar a ilusão sem nexo. Este é o ponto crucial que liga o Cristianismo não só ao Buddhismo como a todas as Tradições: a ilusão que temos sobre o quê realmente somos nós mesmos, fruto da ignorância que mantém os seres no ciclo da existência condicionada. Se o amor ao próximo, seja por sentimentos ou obras de caridade, não for compreendido à luz do que seja este “próximo” que dizia Cristo, corremos o risco de fazer do “próximo” uma imagem refletida de “nosso” próprio ego, cujo orgulho crescerá com “nossos” atos tomados como “provas de nossa bondade”. Quando exercitamos a mais importante das três virtudes teológicas, a Caridade, o primeiro passo é destituirmos o nosso ego de sua substancialidade, compreendendo com isto sermos “pobres de espírito”, isto é, vazios de ego.

Este estado de despojamento egóico e de suas ilusões de mundo é análogo ao das crianças, símbolos da pureza e inocência, com as quais Cristo

compara, para aqueles que quiserem chegar ao reino dos Céus. Símbolos, mas não idênticos, pois sabemos por outro lado que enquanto seres do mundo, as crianças também são visivelmente cheias de ego e possessividade. Este estado de infância, dos meninos, significa que o caminho de maturidade do homem não é o da cristalização de pseudo-identidades criadas por um meio social que faz do sucesso, fama e ambições materiais os indicadores do “homem moderno, realizado”. Verdade é que essas construções mentais criadas pelas ideologias do mundo moderno e seus aparatos de meios de comunicação são camisas-de-força que mantêm as mentes em estado de sofrimento e ilusão, rebaixando a dignidade espiritual dos homens a um estado, isso sim, de infantilismo e fragilidade. Este estado de infância, a ser reconquistado, é o que no Hinduísmo se chama **balya**, a concentração de todas as forças em uma simplicidade indiferenciada, requisito fundamental para a jornada de ascese espiritual.

Sermos humildes não é vestirmos a roupagem do homem intimidado e deprimido, mas desvestirmos as roupagens ilusórias da pseudo-identidade egóica. Assim, quando damos esmolas ou ajudamos os outros seres, que não consideremos que somos nós-individualidades que agimos, esperando recompensas por nossos méritos, mas é Deus-em-nós que dá a Deus-nos-outros: Deus dá a Si mesmo para Si mesmo. E que possamos igualmente entender que na obra de caridade, como veículo do Conhecimento, é Deus que conhece a Si mesmo através de Si mesmo.

Mas sabemos como é difícil a transposição da individualidade, até o Absoluto. Certa vez, olhando uma escultura chinesa em madeira, um chinês me disse: esta pérola, que o dragão está tentando pegar com a boca, é o Espírito, é a esperança. Virtude teologal, a Esperança aparece em certas expressões da arte cristã como uma mulher alada, com as mãos dirigidas para o céu, e uma ancora a seus pés (4). A Esperança é a pré-certeza, no coração, de podermos alcançar a Perfeição divina. Ante-visão, eSPeRança, eSPeRa. “Eu venho escondendo um sonho nessa longa espera, e como as borboletas numa primavera...” diz a canção. aSPiRação, SoPRO, SePheR, (os livros de Moisés), SPheRa. A Esperança, que nos re-ergue e move, até alcançarmos a esfera, a pérola, da Beatitude Divina.

Notas

(1) Frithjof Schuon - *Natureza Particular e Universalidade da Tradição Cristã*, cap. VIII, in **Da Unidade Transcendente das Religiões**. São Paulo: Martins Ed., 1953.

(2) Frithjof Schuon - Idem, op.cit., p.178.

(3) René Guénon - *El Corazon Irradiante y El Corazon en Llamas*, cap. LXIX, in **Simbolos Fundamentales de la Ciencia Sagrada**. Buenos Aires: Ed. Univers. de B. Aires, 1979.

(4) J.C.Cooper - **An Illustrated Encyclopaedia of Traditional Symbols.** , London: Thames and Hudson, 1982, p.84.

2. As enfermidades e sua cura: os sete sacramentos, virtudes e dons do Espírito Santo

Curiosamente, e à semelhança com o Budismo, vamos encontrar no Cristianismo, em certos doutores cristãos como São Boa Ventura, a visão da existência como enfermidade, embora o Budismo realce também a outra faceta, a vida como oportunidade de Iluminação. Embora nem sempre enfatizado, também o Cristianismo relembra esta face positiva da existência, quando Christo fala sobre a parábola daquele Senhor que, ao partir, deixa a seus servos moedas de ouro (a vida) e um deles valoriza-as, obtendo mais do que havia no início (a realização espiritual), alegrando muito ao Senhor quando de sua volta. Valorizar a vida em direção à realização espiritual sem se apegar à existência, pois o apego bloqueia o caminho e gera a doença.

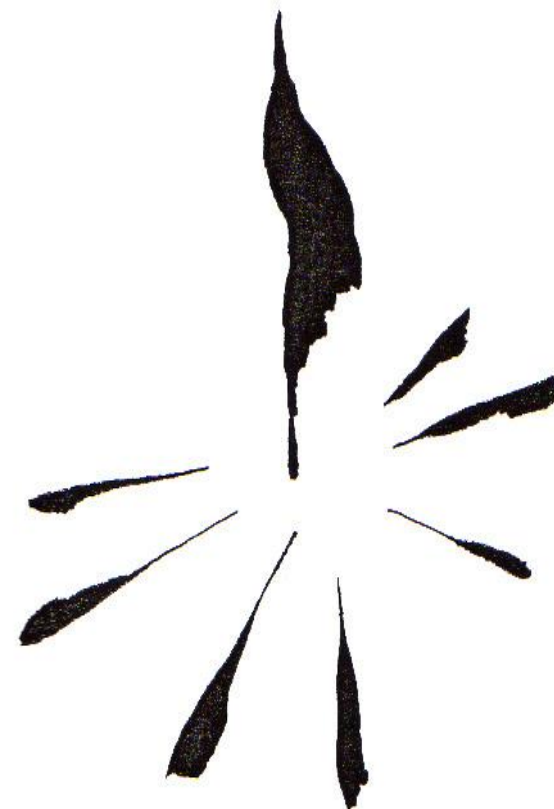
No Cristianismo, a cura das enfermidades é realizada pela Graça divina, que tem como suporte sensível o medicamento dos sacramentos, instituídos por Deus. Em São Boa Ventura, em seu **Brevilóquio**, encontramos uma fértil elaboração sobre a medicina dos Sacramentos.

A graça é recebida do Espírito Santo, e os sacramentos têm sua origem em Christo. Seu uso requer o exercício, o ensino e a humildade, que excluem, respectivamente, a preguiça, a ignorância e a soberbia. Enquanto na lei natural, que S. Boa Ventura parece referir-se aos tempos de Abrahão, predominam as oferendas, sacrifícios e dízimos, e na lei escrita de Moisés incluem-se além destes, a circuncisão e a expiação, na Nova lei estão os sacramentos instituídos por Christo, menores em número, maiores na utilidade e mais eficazes na virtude: os sacramentos anteriores estão cumpridos e esvaziados nestes.

Sendo sete as enfermidades, a Graça irradia-se segundo sete sacramentos, para a cura, substituição e conservação da saúde conquistada, ou re-conquistada, no decurso de sete tempos, níveis, que culminam na ressurreição universal.

Das sete enfermidades, três advêm da culpa: a original, a mortal e a venial, curadas respectivamente pelos sacramentos do batismo, penitência e extrema-unção. Quatro advêm da pena: a ignorância, a malícia, a enfermidade e a concupiscência, curadas respectivamente pelos sacramentos da ordenação, eucaristia, confirmação e matrimônio.

Junto aos sacramentos, é necessário restituir planamente a saúde através das sete virtudes, três teologais e quatro cardeais, que são aperfeiçoadas pelos sete dons do Espírito Santo.



O batismo dispõe para a Fé, aperfeiçoada pelo dom da Inteligência. Entenda-se aqui a Inteligência não tanto sua aplicação restrita ao mundo quantitativo que dela faz uso de modo intensivo o mundo moderno, mas o entendimento das qualidades humanas que fazem do mundo uma teofania, e, principalmente, o conhecimento contemplativo das realidades divinas. Pelo batismo, o neófito nasce de novo, dirime-se do pecado original. Este pode ser melhor entendido como consequência do desejo da manifestação no mundo dual, afastamento da condição unitiva com o Princípio Supremo, conferindo à criação e sua queda um significado mais profundo e metafísico do que apenas

um pecado moral, muito menos sexual, interpretação em que o mito bíblico de Adão se vulgarizou em nossos tempos. E o nascer de novo, obtido ao menos potencialmente com o batismo, refere-se a esta necessidade de re-união com o Princípio divino, obtível pela dissipação da ilusão separativa da individualidade. De modo nenhum tem a ver com as grosseiras e equivocadas interpretações que pretendem ver nestas palavras de Christo alusão à necessidade ou prova de uma re-encarnação.

Ainda sobre o tema da Fé, podemos acrescentar ao que foi dito, uma imagem que poderia servir de apoio para seu entendimento e importância. Consideremos que fôssemos cegos, ou que nunca tivéssemos visto o mar e que estivéssemos de olhos fechados diante do mar. Nossos ouvidos, em contato com os bramidos das ondas do mar, diriam à nossa mente estarmos diante de algo poderoso, vasto, profundo e misterioso. Em silêncio, a audição diz coisas muito profundas sobre o Transcendente. Poucos são aqueles que dão devido ouvido ao poder de ensinamento de sua audição. Como músico, tenho examinado muito essa faceta da ignorância. Quando o mundo moderno ataca o caráter “ingênuo e cego” da fé dos humildes, antepondo a “excelência do saber científico” - e associado a isto apresenta-se uma imagem do homem urbano e assíduo espectador de televisão, jornais e revistas, como o modelo do homem informado- revela-se uma curiosa faceta da ignorância: a que reduz a visão e o conhecimento a uma atividade provada pelos olhos, e os olhos físicos, esquecendo que podemos muitas vezes saber muito mais com “os olhos da audição” e o “olho do coração”: “Portanto, se o teu olho direito te escandalizar, arranca-o e atira-o para longe de ti, pois é melhor que se perca um dos teus membros do que seja todo o teu corpo lançado no inferno” (Matheus, 5, 29). Felizes aqueles que crêem sem ver!

Assim, voltando ao exemplo, no ouvir, os bramidos do mar infundem dentro de nós uma fé muito poderosa e forte da verdade da existência do mar, alimentando nossa certeza, até um dia ser completada também com a visão do mar, cuja corporeidade, tanto da visão quanto do mar, servem aqui de símbolos para sua principalidade metafísica.

O sacramento da confirmação, crisma, dispõe a alma para a Esperança, re-afirmando seus votos de compromisso e confiança na redenção a cada momento, que virá: vigiai e orai! A virtude da Esperança é aperfeiçoada pelo dom do Conselho, que atinando para a fugacidade e fragilidade da existência, busca para si e os outros os entendimentos das travessias corretas por entre as armadilhas colocadas nas estradas da vida condicionada. Por isso, o Conselho “nos mostra a caridade para com Deus e o próximo como a mais importante das

virtudes” (1), e dispõe à misericórdia e coloca esse ato acima de todo holocausto (2).

A Eucaristia dispõe também para a Caridade, e como sacramento maior, realiza a união da alma com Christo-Deus. A união com a Divindade, que pressupõe o despojamento do ego, se beneficia do dom da Sabedoria, ao mesmo tempo em que a desenvolve. A compreensão do caráter relativo do mundo criado e sua natureza de espelho do Transcendente constituem a verdadeira realidade da Sabedoria, o que é muito outra coisa do que se pensa em nossos dias sobre o saber, confundido com o acúmulo quantitativo de informações que no máximo se referem à relações estatísticas e limitadas ao mundo fenomênico. A Sabedoria só pode se abrir àquele que se aprofunda neste jogo da união com o Supremo, união que por sua vez pressupõe o esvaziar-se (ou reconduzir) os agregados psíquicos e anímicos à sua principalidade. Talvez os termos **esvaziar** ou **reconduzir** sejam mais propiciatórios ao entendimento do que o do “aniquilamento do ego”.

Podemos compreender que as três virtudes teologais, Fé Esperança e Caridade, e os correspondentes sacramentos, Batismo, Crisma e Eucaristia, e dons, Inteligência, Conselho e Sabedoria, dizem respeito ao eixo vertical da Cruz, portanto à via contemplativa e à dimensão de autoridade espiritual.

Consideremos as quatro virtudes cardeais. A penitência dispõe para a Justiça: só é possível recebermos e exercermos a virtude da justiça quando nos colocamos sob a luz do Espírito, cujo símbolo seria o fiel da balança em sua imutabilidade equânime que permite a visão globalizante no jogo dos pesos cambiantes e parciais do mundo dos fenômenos que constituem a trajetória de nossas vidas individuais, passando pelos círculos maiores da vida social até envolver todo o Cosmos. Desta visão global, cujo ápice é a Onisciência divina, e que encontra como Lei a noção de **Dharma** no Budismo e Hinduismo, decorrem as orientações para as ações corretas.

Este princípio de Lei, conectado aos princípios divinos, e do qual derivam as leis que regem o corpo social de um povo, se encontra na vida dos povos tradicionais, seja em leis orais ou escritas, como o caso do código de Moisés, ou as Leis de Manu na Índia, ou do Corão para os muçulmanos. É somente na civilização ocidental moderna que vemos essa quase total desvinculação entre o seu corpo legislativo e espiritual. É difícil compreender como as leis sociais que constituem o Direito nesta civilização, por serem de um Direito criado apenas pelos homens, possam não serem fontes de manipulação de força e sujeitos aos abusos e limitações da mente humana.

A virtude da Justiça se beneficia da penitência pois por ela revemos constantemente, à luz do Espírito, nossas ações mentais e corporais e os arrependimentos quando necessários, com suas respectivas expiações que nos repõem na centralidade divina. A Justiça se aperfeiçoa no dom da Piedade, que junto com a Misericórdia, encontram no Budismo o similar da Compaixão, em seu significado metafísico maior como compreensão da condição prisioneira a que todos os seres sencientes estão submetidos. A noção de Compaixão no Budismo parece ter um menor peso moral e sentimental do que a noção de Piedade e Misericórdia no Cristianismo.

A extrema-unção para os enfermos, ao lidar com o fato crucial da morte, é uma preparação para a transição de estado. Embora nossa mente tenda a experimentar o medo da aniquilação, a morte deve ser compreendida, cada vez com maior clareza e coragem, como a decorrência natural do esgotamento das possibilidades de tudo que é o transitório dos mundos. A compreensão de sua inevitabilidade deve ser acompanhada da persistência no trilhar o caminho de realização de nossa natureza transcendente. A Perseverança, complemento e plenitude da Fortaleza, é aperfeiçoada pelo dom da Força.

A ordenação disporia para a Prudência, aperfeiçoada pelo dom da Ciência, compreendida aqui como o entendimento da relatividade do mundo fenomênico, “porque sabemos, pela ciência, que estamos afastados do estado de beatitude, neste vale de miséria e lágrimas” (S. Boa Ventura). No Budismo, seria a compreensão da existência condicionada como **anicca** (impermanência), **dukkha**, (insatisfatoriedade, sofrimento) e **anatta** (insubstancialidade de todas as coisas, não-eu).

Por último, o matrimônio disporia para conservação e fortalecimento da Temperança, virtude que teria o papel de lidar com as paixões humanas. Segundo a concepção cristã, esta virtude se enfraquece pelas paixões, das quais a paixão carnal é uma das mais fortes e cujo lide encontraria no casamento uma das formas mais saudáveis dentro do campo de equilíbrio da natureza humana.

Notas

(1) François Chenique - **O Yoga Espiritual de São Francisco de Assis**. São Paulo: Ed. Pensamento, 1978, p.96.

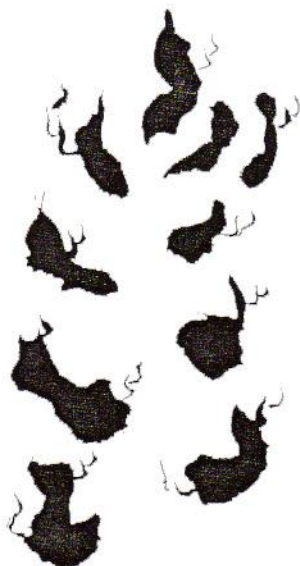
(2) São Boa Ventura - **Breviloquio**, Tomus VIII, V parte, cap.VI, 5, p.101, (tradução Luis A.De Boni), Taurini, MDCCLXXIV.

VI

Sexualidade e Espiritualidade

Dado o caráter liberal e de extremo apelo à sensualidade de nossa época, a ética cristã tem sido muitas vezes acusada de repressão à sexualidade, e não faltam educadores e psicólogos que têm feito desta questão uma tribuna de críticas e dúvidas sobre a validade das religiões. Examinemos alguns aspectos desta complexa questão.

Observemos inicialmente que a noção de paixão (**raga**, em páli e sânscrito) é muito mais vasta do que apenas a sexualidade. A paixão é uma atividade psico-corporal ligada à qualidade ígnea, o fogo das paixões.



Como tudo deste mundo, o fogo da paixão pode ser utilizado para impulsionar uma ascese espiritual (essa parecia ser a preocupação da Alquimia,

e não simplesmente transformar pedras em ouro), ou pode consumir seus objetos de desejo em paixões do mundo, re-alimentando o apego e prisão dos sentidos, dissipando a atenção da mente no jogo dos desejos e ilusões. Dentre as atividades humanas, a sexualidade é uma das necessidades vitais que, dado sua significação, merece grande atenção na organização dos povos. É verdade que o matrimônio é um aspecto fundamental da perpetuação social, pois envolve as alianças entre os grupos humanos, a troca de bens e sentimentos, entrelaçando os tecidos da vida social, importância que os estudos antropológicos evidenciam. Mas as alianças matrimoniais não se confundem com a estrita regulação da sexualidade, esta podendo ter graus de independência e permissividade variados, desde que não ponha em risco a continuidade da vida social.

Delimitado esta diferenciação entre matrimônio e sexualidade, podemos agora nos perguntar porquê a questão específica da sexualidade mereceu esta forma de tratamento no Cristianismo romano, que em sua forma mais restritiva, pedia o celibato aos padres e aos de vida monástica.

Na condição primordial, o arquétipo adâmico tem em si as duas facetas da criação, o masculino e o feminino. O homem primordial reveste-se da condição de Andrógino, homem-mulher, segundo Platão. No desdobramento diferenciativo do processo de manifestação dos seres a partir de seus arquétipos, há o seccionamento dual, agora nos pares macho-fêmea. **Seccionamento e sexo** são palavras designativas de realidades afins. Assim, poderíamos dizer que a atração sexual entre os pares é provocada, em seu nível mais sutil, pelo desejo de re-encontrar a unidade aparentemente perdida, união cuja realização é acompanhada pela sensação psico-corporal do orgasmo, no qual momentaneamente os parceiros perdem sua individualidade, para viverem a experiência de “um só corpo e uma só alma”. Este breve momento de união e êxtase alude ao supremo êxtase que será a união beatífica dos entes em seu Princípio divino. Assim, para aqueles que ainda guardam a compreensão do significado metafísico da união sexual, a vida sexual pode reunir em si prazer e virtuosidade, em uma espécie de transmutação da sexualidade em ascese espiritual. Este é o caso, por exemplo, das práticas tântricas da tradição hindu, com seu vasto simbolismo do erotismo, bastante mal-compreendido e vulgarizado pelo Ocidente.

Esgotado esse breve momento de êxtase, os parceiros retornam com a semente do fruto desta união, um filho, símbolo e lembrança da Unidade de Deus. Por isso, os filhos nos evocam em sua inocência, a pureza de Deus. Os parceiros retornam às suas individualidades novamente diferenciadas,

experiência que por isto muitas vezes tem o gosto de queda, certo vazio e tristeza semelhante ao do fim de uma festa.

A incompreensão desta dupla faceta da sexualidade é que pode criar na mente humana o perigo do apego ao desejo de perpetuar - no plano do impermanente - a experiência do êxtase prazeroso, e fazer deste desejo a fonte da paixão, que se torna um incêndio devastador. Talvez para os povos onde a dimensão passional e sentimental seja mais dominante que a contemplação e sabedoria, portanto os perigos do instinto resultar na perpetuação da ilusão e apego pelas sensações, talvez para estes povos ou grupos sociais ou indivíduos a religião revista um caráter de maior precaução e severidade quanto às atividades dos sentidos como a luxúria ou concupiscência.

Lembremos também que como o Cristianismo, assim como o Budismo, se constituem em tradições originalmente de base fortemente monástica, portanto onde a ênfase é menos na vivência do mundo como símbolo teofânico do transcendente e mais na faceta de dispersão e perigo de perdição da alma no mundo; a observação ética dos perigos do abuso da vida sexual é mais predominante. Vamos encontrar no Budismo o frequente alerta a isto, por exemplo, na terceira regra de moralidade (**sila**) aos leigos.

Significa que em sua tradição monástica e interior, o ideal no Cristianismo e Budismo é o celibato para os monges. Mas como mesmo com esta ênfase, estas tradições não se dirigem apenas aos aspirantes à vida monástica, a moderação é o conselho aos leigos. Entre estes dois degraus, monge e leigo, vamos encontrar termos intermediários. Nos primórdios do Cristianismo, os padres podiam se casar, o que propiciava a estes um menor perigo dos escândalos em ligações sexuais ilícitas, e para os leigos uma referência de vida social mais equilibrada. A permissão do casamento para os sacerdotes permaneceu até hoje entre os católicos ortodoxos, livrando-os de muitos perigos do abalo por escândalo e disrupções dentro do clero. Seria esclarecedor pesquisar as razões que levaram posteriormente a Igreja Católica romana à proibição do casamento para os sacerdotes.

Dado o potencial ígneo do fogo das paixões, seja ela de natureza sexual ou outra, seu antídoto equilibrador é a Temperança, como água que refrigera o ardor abrasante da paixão. Como a espada samurai que extrai seu corte e resistência do aço incandescido temperado na água, assim pode ser cultivada a espada afiada da mente. Os ferreiros e metalúrgicos tradicionais tinham nesta arte os símbolos e prescrições rituais que faziam do manejo dos metais um

ofício iniciático, do qual quase nada restou nas atividades metalúrgicas da produção industrial moderna.

No mito de criação do mundo, Ayvu Rapytá, dos Mbyá-Guarani, povo indígena que habita ao sul do Brasil e Paraguai, é dito que os deuses introduzem o fogo divino pelo topo da cabeça dos homens, mas para que este fogo não os consuma, é colocado também o refrigério das águas da temperança e do amor ao próximo. No Budismo, **Nirvana** significa etimologicamente não-soprar, referindo-se ao fogo do desejo de existir e devir que se recolhe, não sopra mais para fora.

A Temperança se aperfeiçoaria com o dom do Temor. Há certas críticas hoje em dia à ênfase com que o Cristianismo coloca o papel do temor a Deus, associando-se a isto um caráter sombrio e opressivo que teria marcado a Idade Média do Ocidente cristão. Sem entrar por ora no mérito desta segunda parte da alusão, para ficarmos apenas na reflexão sobre o lugar do temor a Deus, observemos em primeiro lugar que muitas destas críticas confundem temor com terror. Talvez seja mais saudável o temor a Deus do que o terror imposto por uma civilização violenta e sem sentido. Melhor temer a Deus, concentrando-se todo o temor em uma única e central Realidade com o qual o homem tem de dialogar, do que debater-se entre os incontáveis fantasmas dos pequenos terrores da existência condicionada. Ademais, a Absolutidade da Divindade, coloquemo-nos diante disto, não é algo que suscita grande temor e maravilha, diante da qual a mente tonteia, incapacitada de formar qualquer imagem sobre o Absoluto? Mas não esqueçamos que se o temor tem um caráter conservativo e disciplinador na educação e se ele tem uma presença mais enfática nas tradições semíticas, é porque talvez estas tradições se dirijam a povos onde a capacidade de contemplação e de permanência fiel à sua ortodoxia é menor. Basta ver como nos relatos bíblicos Iavé lança repetidas imprecensões contra a infidelidade recorrente do povo hebreu.

Em tradições mais contemplativas, como o Hinduísmo, Budismo e as tradições indígenas, a presença do temor à Divindade é bem menos importante, às vezes até inexistente, embora nos atuais tempos do Kali Yuga estejamos todos vulneráveis a todo tipo de corrupção. E lembremos que nestas tradições, e inclusive nas tradições semíticas do qual o Cristianismo faz parte, a presença da Divindade, como Amizade e Bondade com a qual podemos guardar uma relação de confiança, apoio e amorosidade, é bem mais importante do que seu braço de Rigor, para usar uma linguagem da Cabala judaica.

Corpo, paixões e sexualidade, não se trata nem de ser indulgente com eles, pois em sua face inferior nos puxam como gravidade para baixo, mas nem também de reprimi-los, pois cada coisa tem seu lugar de ser em seu plano, e a repressão nada mais faz que senão recalca-los para os planos inferiores do subconsciente, que a todo instante ameaçam emergir com força centuplicada. Nem atração nem repulsão. O Budismo nos ensina o Caminho do Meio. Ver a realidade como ela é, em cada plano, lidar com ela de forma sábia, sem apego nem aversão, transmutando essas forças psico-corporais em ascese espiritual. A complexidade e sacralidade das operações de transmutação, transformação e sublimação não parecem ter sido devidamente compreendidas pelas ciências modernas, seja porque estas não têm qualificação para penetrar neste domínio, seja porque rareiam mestres habilitados para tais orientações. Transmutação, transformação e sublimação são operações alquímicas íntimas que fazem parte de todo caminho espiritual, segundo as diretrizes de cada Tradição, as condições e fases de cada praticante e sempre de acordo com as orientações de seus mestres espirituais qualificados.

Transmutar o mundo das produções geradas pela substância universal, Prakriti, é torná-lo apto a receber o influxo do Espírito, receptividade que no Catolicismo é a própria Virgem Maria, símbolo maior da substância-mãe de Deus, **Teotokos**, o arquétipo do pólo passivo e receptivo, a alma pura e branca dentro da qual se dá a união Crística, a realização do ápice do Sublime.

Sugestões de leitura sobre o tema

Frithjof Schuon - *O problema da sexualidade*, in **O Esoterismo como Princípio e como Caminho**. São Paulo: Ed. Pensamento, 1985.

Luc Benoist - *O mundo subterrâneo: a metalurgia*, cap. VIII, 2o., in **Signos, símbolos e mitos**. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

Marco Pallis - *Consideraciones sobre la alquimia tantrica*, cap. V, in **Espectro luminoso del budismo**. Barcelona: Herder, 1986.

Mircea Eliade - **Forgerons et Alchimistes**. Paris: 1956.

René Guénon - *Transmutation et transformation*, cap.XLII, in **Aperçus sur L'Initiation**. Paris: Ed. Traditionelles, 1980.

_____*Signification de la metallurgie*, cap. XXII, in **Le règne de la quantité et les signes des temps**. France: Gallimard, 1945.

_____*Tantrisme et Magie*, in **Études sur l'Hindouisme**. Paris: Ed. Traditionelles, 1979.

Seyyed H.Nasr - **O Homem e a Mulher na Perspectiva Islâmica**. São Paulo: I.E.T., 1983.

Titus Burckhardt – **Alquimia**. Lisboa: Dom Quixote, 1991.

VII

O ciclo cósmico e o surgimento do Buddhismo. Analogias com o Cristianismo.

Analogamente ao contexto de surgimento do Cristianismo, também o Buddha surge em um momento cósmico (1) bastante significativo e difícil da tradição hindu. O Hinduísmo, por volta do séc. VI a.C. atravessa um período de certo obscurecimento. Muitas práticas já não são compreendidas, uma certa tendência idolátrica se faz presente (o que explica, em certo nível, a difusão do Islã nas castas mais baixas da Índia, séculos depois), os símbolos são por vezes confundidos com a própria realidade simbolizada. Parte da casta brahmânica está empobrecida intelectualmente e moralmente, e mestres como Shankaracharya (séc. VIII d.C.) irão surgindo para o re-esclarecimento das doutrinas e práticas da tradição hindu.

Já referimos em outro momento que o séc. VIa.C. é um período importante no ciclo cósmico, re-adaptações ocorrerão em tradições de várias partes do mundo. Na China, temos a separação do Taoísmo e Confucionismo; no surgimento de Lao Tsé e Kung Fucius; na Pérsia é codificado o Zoroastrismo; na tradição judaica o cativeiro da Babilônia; na Grécia o surgimento da Filosofia (“Amor à Sabedoria”), no lugar da Sabedoria (a partir de Pitágoras observa-se um esforço de sistematização do conhecimento que prenuncia o racionalismo, consequência da perda do uso de faculdades intelectivas intuitivas, sinal do obscurecimento da humanidade, embora o conhecimento de natureza esotérica ainda esteja presente em Pitágoras); solidificação da Polis grega, com o domínio da casta aristocrática, em detrimento da autoridade espiritual; rebaixamento da compreensão metafísica (em Aristóteles, a Metafísica se limita ao Ser e não alcança o Imanifesto, o Não-Ser); a tradição na Gália se re-adapta, na construção de templos; adaptações também ocorrem nas Américas, na península de Yucatan (desaparecem os Olmecas, surge a civilização do Monte Alban).

É dentro deste momento cíclico que Siddharta Gautama, o Buddha Shakyamuni, vai nascer e através da sua iluminação vai abrir outra via espiritual para a humanidade. Analogamente ao Cristianismo, que abrirá o monoteísmo judaico aos povos não-judeus, substituindo a via do Rigor e da Lei pela via da Misericórdia (a via da Graça) e do Amor, o Buddhismo irá abrir o tesouro do Dharma (a Lei, a Verdade) para os não-hindus, dispensando os praticantes das

vastas exigências de ritos e obrigações de casta da tradição hindu, para concentrar-se fortemente na contemplação e liberação da mente.

Lembremos que a tradição hindu indica quatro estágios (**ashrama**) da vida espiritual. A palavra **ashrama** vem da raiz verbal **çram** (estar aborrecido, penalizar, cansar-se, se esforçar, subjugar), significando estações, estágios, eremitérios. Da mesma raiz provém **shramana**, peregrino, subentendendo ser esta a condição de todo homem (2). O primeiro dos quatro ashramana é o estágio do estudo e da disciplina, aquele do **brahmacharin**; o segundo é do casamento, profissão e obrigações sociais, daquele que sustenta a casa familiar e o sacrifício do fogo doméstico, a do **grhastha**; o terceiro é o da retração, do retiro (relativo), o eremita, **vanaprastha**. Esses três primeiros ‘conduziriam aos estados de seres celestes, (vale dizer, aos estados superiores do ser); é apenas o quarto estágio, o da renúncia total, o **sannyasa**, e que pode ser integrado à todo momento, que conduz à imortalidade absoluta em Deus (a união yóguica definitiva, o estado incondicionado de Buddha)” (3).

A via budista abre mão da necessidade dos três primeiros ashramas para apontar, análogo ao quarto ashrama hindu, a via direta dos monges peregrinos errantes, os **bhikkhu** (em sânscrito; **bhikhu** em pali), aqueles que abandonando seus laços sociais, possuindo apenas seu manto e sua tigela de esmolar comida, e, “vendo os perigos do mundo” (segundo um venerável monge budista, este é um dos sentidos do termo **bhikhu**), dedicam-se ao esforço da travessia do oceano samsárico. Por isso, o Budismo, assim como o Cristianismo, se é verdade que são vias abertas para todos, leigos ou monges, não é menos verdade também que são tradições de origem e natureza fortemente monásticas.

Para seguir a via budista não era mais necessário participar do sistema de castas da Índia. Os compromissos com a vida social não serão mais de muita significação. Abre-se uma porta dentro da tradição hindu, em que o caminho interior é a grande questão, independentemente do sistema social em que se esteja inserido. Como o Cristianismo, o Budismo é uma via universal, aberta para todos. Raça, cor, casta, etnia passam a ser irrelevantes. Neste sentido podemos dizer que o Budismo, como o Cristianismo, são vias estritamente esotéricas. Se isto lhe confere por um lado um caráter menos exigente exteriormente, por prescindir das obrigações de casta, por outro lado se mostra mais exigente interiormente, pois não conta com o apoio simbólico e prático que o sistema de castas oferece. Relembremos de que o análogo se dará com os cristãos que, se liberados das prescrições do mundo judaico, por outro lado não contarão com a estrutura social de apoio que o mundo judaico oferecia para sua etnia, o que

significa que os cristãos terão de suportar maiores tribulações advindas do mundo exterior, e até “oferecerem a outra face”.

Na via budista, o caminho de realização não passa por algo semelhante à identificação crística. Não existe o suporte do Filho de Deus. A iluminação não é vista como união com o Ser Supremo, mas como realização de um Estado Supremo. O conhecimento deste Estado Supremo nirvânico como sendo nossa verdadeira natureza intrínseca está obscurecido em virtude de nossa ignorância, em todas suas formas. Por causa desta ignorância, nos confundimos com os agregados psico-corporais que são impermanentes e vazios de realidade intrínseca. Esta confusão é que gera a dor e o sofrimento, nos mantendo atados por incontáveis voltas na Roda do samsara. Mesmo o “eu” é um agregado ilusório criado pela consciência, impermanente e sem substância. Se, por um lado, a percepção da impermanência do “eu” traz o sentimento da insegurança e sofrimento diante da realidade sempre em mudança, por outro abre-nos, como que por pressão, a possibilidade e a necessidade de encontrarmos nossa verdadeira natureza.

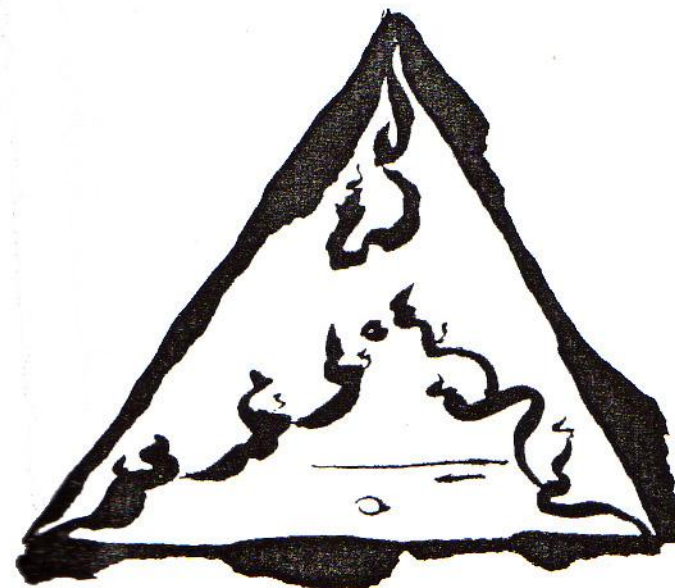
No Budismo, esta busca exige de nós a atenção permanente e penetrante em todos nossos atos, palavras e ações mentais. Por isso o caráter esotérico e gnóstico do Budismo, que tem seus pilares na Sabedoria (**Pañña**) e Compaixão Universal (**Karuna**) por todos os seres, pois compreendendo-se as raízes de nossa ilusão e sofrimento, compreende-se a de todos os seres.

Entendendo isto, Buddha ensina a liberação pelo conhecimento interior do caráter vazio destas formas, transcendendo-as e alcançando o Nirvana. Trata-se de despertar deste sono ignorante e mortal. E Buddha é mais que um personagem histórico a ser reverenciado. Lembremos que a palavra **Buddha** vem da raiz **BUDDH**, que significa Despertar, Conhecer, ir às profundezas. Buddha é o Desperto, estado que todos devemos aspirar a realizar. Por esta suficiência essencial intrinsecamente esotérica e gnóstica, o Budismo pôde se difundir e se adaptar, ao longo dos séculos, se revestindo de várias formas culturais e exotéricas, como no Tibet, China, Japão, Birmânia, Tailândia e toda Ásia, chegando recentemente até o Ocidente.

Quanto à questão colocada no Ocidente, seja por pensadores ou até mesmo religiosos, de que o Budismo seria uma “religião ateísta” (como se isto já não fosse uma contradição nos termos), deve-se esclarecer que trata-se de uma interpretação equivocada. O Budismo é uma via **não-teísta**, o que não quer dizer o mesmo que ateísta. Simplesmente o Budismo evita entrar na questão da existência ou não de Deus, de um Criador e sua natureza. Refere-se à Realidade

Suprema como o **Estado Supremo Incondicionado**, Nirvana, e evita discussões filosóficas sobre esta realidade metafísica, escapando dos riscos de se criar novos ídolos ou concepções antropomórficas sobre o Incondicionado. Buddha se recusa a entrar em discussões com os hindus sobre Brahman, sua existência, pois conhecia a armadilha da mente que busca criar apegos em novas imagens humanas desta Realidade Suprema. A designação desta realidade suprema opera muito mais por negação do que por afirmação: **Nirvana** significa **Nis** (não)+ **Va** (soprar): estado em que os fogos que puxam a mente para o exterior - eis um modo de compreensão sobre o desejo e a paixão - recolhem-se para dentro, não mais queimam. *O frescor da manhã*.

O Budismo é uma via espiritual que se estrutura em conceitos de elevado caráter cognitivo, e mesmo sobre realidades como o **Nirvana** não é dito explicitamente o que realmente seja, evitando especulações sobre esta realidade da qual quase nada podemos dizer, importando menos discutir sobre ela, nossa única obrigação e direito é realizá-la. Melhor ver a face do que ouvir o nome, diz uma sentença Zen. Por isso quando um discípulo pergunta ao Patriarca do Zen chinês, Hui Neng, sobre o espírito do Budismo, ele responde que não entende nada de Budismo: “o Zen nada ensina” (4).



Se a cruz é um símbolo significativo para o Cristianismo, podemos tomar no Budismo o apoio do símbolo da postura sentada em lótus. O estado de Buddha realizado pode ser simbolizado pela posição meditativa de lótus, qual pirâmide assentada em sua base triangular, em repouso. A mente, como o lótus, atravessa o lodo e as águas turvas da existência, sem ser manchada por ela, emergindo da superfície das águas samsáricas como a pura flor.

Poderíamos também tomar o símbolo da Montanha, o que está perfeitamente assentado em seu fundamento, o que não se mexe, o impassível, o Imutável. O estado realizado de Buddha é o estado de repouso, em sua plenitude, não perturbada pelas agitações fenomênicas, descansado em sua base triangular, símbolo que encontra sua expressão mais cristalina no Budismo Zen, para quem esta postura de lótus, o **Zazen**, é por si o próprio estado de Buddha vivo: “A postura de **Zazen** é por si só o verdadeiro Buddha vivo. É a única postura que inspira o verdadeiro respeito a todos. Através dela afrontarei tudo!” (5).

As tradições Budista e Cristã surgiram como restaurações parciais diante da tendência descendente do ciclo cósmico. Mas este continuará descendo. Christo freqüentemente alude a isto, que pouco a pouco se esquecerá e não mais se entenderia o que diz a tradição, o coração se endurecerá e muitos perderão a fé. Buddha também adverte sobre o aumento progressivo da dificuldade de compreensão de seus ensinamentos. Esta tendência descendente, embora atinja toda a humanidade, será mais acentuada no Ocidente.

Notas

(1) Sobre o conceito tradicional de ciclo cósmico, ver do autor: *O ciclo cósmico e a emergência das Tradições*, cap.I, in **Buddhismo e Cristianismo: esteios e caminhos**.

(2) Ananda Coomaraswamy - **Hindouisme et Bouddhisme**. Paris: Gallimard, 1949, p.60.

(3) A.Coomaraswamy - idem, op.cit., p.150.

(4) Thomas Merton - **Zen e as Aves da Rapina**. São Paulo: Cultrix, 1987, p.31 e 71.

(5) Taishen Deshimaru - **a Tigela e o Bastão**. São Paulo: Ed.Pensamento, 1990, , p.215.

Sugestões de leitura sobre o tema

Ananda Coomaraswamy - **Hindouisme et Bouddhisme**. France: Gallimard, 1949.

_____ **O Pensamento Vivo de Buda**. São Paulo: Ed. Liv. Martins, 1967.

Frithjof Schuon - **Treasures of Buddhism**, (e especialmente *Christianity and Buddhism*). USA: World Wisdom, 1993.

H.Saddhatissa - **O Caminho do Buda**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

_____ **A Vida do Buda**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

Luc Benoist - *O budismo*, cap.I.I, 2a.parte, in **O Esoterismo**. São Paulo: Difel, 1969.

René Guénon - *A propos du Bouddhisme*, cap.IV, in **Introduction Générale a L'Etude des Doctrines Hindoues**. Paris: Vega, 1976. (Nesta edição, o autor revê suas críticas, feitas anteriormente na 1a. edição, sobre o Budismo).

Thomas Merton - **Zen e as Aves da Rapina**. São Paulo: Cultrix, 1987 (Excelente reflexão comparativa entre o Cristianismo e o Buddhismo, e mais em particular o Budismo Zen).

VIII

O Cristianismo e a descida cósmica: os primeiros tempos e as mudanças

Em sua difusão para o Ocidente, o Cristianismo iria enfrentar vários desafios. Tracemos algumas linhas gerais sobre esta trajetória. Vimos que o Cristianismo, abrindo uma via monoteísta para os não-judeus, constitui-se em sua origem em uma via estritamente esotérica. Por isso, e em meio a um mundo grego e romano agonizante, o chamado “Cristianismo primitivo” guardava seus ritos e acesso ao seu ingresso com bastante rigor e resguardo. Schuon (1) cita sobre isto dois autores que aqui tomamos a liberdade de re-citá-los, pois embora longas, são observações elucidativas:

“A primitiva disciplina do Cristianismo comportava uma seção de exame onde os **competentes** (aqueles que pediam o batismo) eram admitidos para a eleição. Esta seção chamava-se **escrutínio**. Escrevia-se um sinal da cruz nas orelhas do catecumene pronunciando: **Ephpheta**, era por isso chamada a cerimônia o “escrutínio da abertura dos ouvidos”. Os ouvidos eram abertos à recepção (**cabâlâh**), a tradição das verdades divinas...” (Paul Vulliaud, **Etudes d’ Esoterisme Catholique**).

“Na sua origem o Cristianismo foi uma iniciação semelhante à dos pagãos. Falando desta religião Clemente de Alexandria exclama: “Ó mistérios verdadeiramente sagrados! Ó luz pura! Ao clarão dos archotes cai o véu que cobre Deus e o céu. Torno-me santo desde que sou iniciado. É o próprio Senhor que é o hierofante, ele aplica a sua marca no adepto que ele esclarece; e, para recompensá-lo de sua fé, recomenda-o eternamente a seu pai. Eis as orgias de meus mistérios. Vinde e fazeis vos receber”. Poder-se-ia tomar estas palavras como uma simples metáfora; porém provam os fatos que é preciso interpretá-las segundo a letra. Os evangelhos estão repletos de reticências calculadas, de alusões à iniciação cristã. Lê-se: “Aquele que puder adivinhar, adivinhe, quem tem ouvido de ouvir, ouça”. Jesus dirigindo-se à multidão emprega sempre parábolas: “Buscai, diz ele, e achareis; batei, e abri-se-vos à ...”

As assembléias eram secretas. Só era admitido o que preenchia determinadas condições. Chegava-se ao conhecimento completo da doutrina depois de ter transposto três graus de iniciação. Os iniciados eram, por

consequente, divididos em três classes. A primeira era a dos **auditores**, a segunda a dos **catecumenes** ou **competentes**, e a terceira a dos **fiéis**. Os auditores constituíam uma espécie de noviços que se preparavam, por certas práticas e certas instruções, para receber a comunicação dos dogmas do Cristianismo. Uma parte desses dogmas era revelada aos catecumenes, os quais, após as purificações exigidas, recebiam o batismo, ou a **iniciação da teogenese** (geração divina) como a chamava S.Dionísio, em sua **Hierarquia eclesiástica**; tornavam-se desde então **servos da fé** e tinham acesso nas igrejas. Nada havia de secreto ou de escondido nos mistérios para os **fiéis**; tudo se fazia na presença deles: podiam ver tudo, tudo ouvir, tinham o direito de assistir a qualquer liturgia, era-lhes prescrito de examinarem-se atenciosamente afim de não deixarem penetrar entre eles profanos ou iniciados dum grau inferior; e o **sinal da cruz** servia-lhes para se reconhecerem entre eles.

Os mistérios eram divididos em duas partes. A primeira era chamada **a missa dos catecumenes**, porque os membros desta classe podiam assistir, compreendia tudo quanto consta desde o começo do ofício divino até a recitação do símbolo. A segunda chama-se **a missa dos fiéis**; e compreendia a preparação do **sacrifício**, o próprio sacrifício, e a ação de graças que segue. Quando começava esta missa, um diácono dizia em voz alta: **sancta sanctis; foris canes!**” As coisas santas são para os santos; que se retirem os cães!” Então expulsavam-se os catecumenes e os penitentes, quer dizer os fiéis que tendo alguma falta grave para acusar-se, tinham sido submetidos às expiações ordenadas pela Igreja e não podiam assistir à celebração dos **tremendos mistérios**, como os chama S. João Crisóstomo. Os **fiéis** tendo eles ficado a sós, recitavam o símbolo da fé, a fim de se certificarem que os assistentes receberam a iniciação e que se podia falar diante deles, **abertamente e sem enigmas** dos grandes mistérios da religião e, sobretudo, da Eucaristia. Era mantida a doutrina e a celebração deste sacramento num segredo inviolável; e se os doutores em seus sermões ou em seus livros vinham a tocar era só muito reservadamente e por meias palavras, enigmaticamente.

Quando Diocleciano ordenou aos cristãos de entregarem aos magistrados os seus livros sagrados, aqueles que, por temor à morte obedeceram ao edito do imperador foram expulsos da comunhão dos fiéis e considerados como traidores e apóstatas. Pode-se ver em Santo Agostinho quanta dor ressentiu então a Igreja, vendo as santas Escrituras entregues às mãos dos infieis. Era, aos olhos da Igreja uma horrível profanação quando um homem não iniciado entrava no templo e assistia ao espetáculo dos mistérios sagrados. S. João Crisóstomo assinala um fato deste gênero ao papa Inocência I. Alguns soldados bárbaros entraram numa igreja de Constantinopla na vigília da

Páscoa. “As mulheres catecumenas, que estavam despidas porque iam ser batizadas, foram obrigadas a fugir nuas como estavam devido ao pavor que lhes infundiram aqueles bárbaros que não lhes deram o tempo para se cobrirem. Eles entraram nos lugares onde é conservado com um respeito profundo às coisas santas, e alguns deles, que ainda não tinham sido iniciados aos nossos mistérios, viram tudo aquilo que havia de mais sagrado”. (F.T.B. Clavel, **Histoire pitoresque de la Franc-Maçonnerie e des sociétés secrètes anciennes et modernes**).

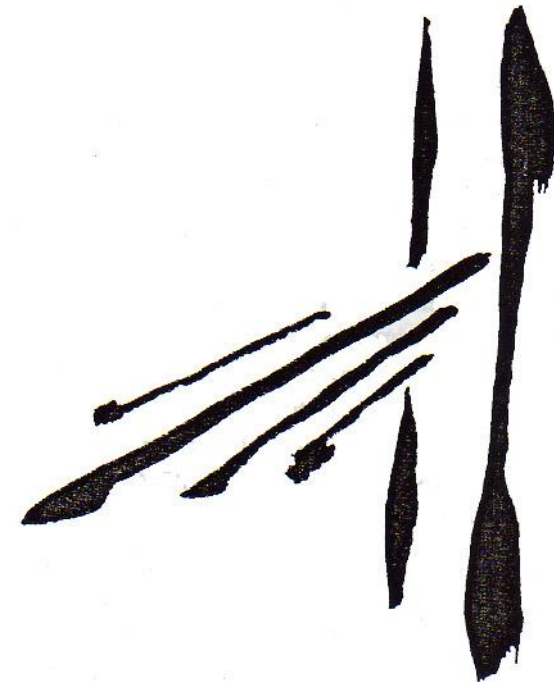
O caráter mais reservado da Igreja cristã em seus primórdios torna-a comparável ao caráter inicial da **Sangha** budista, “onde a admissão tinha também as feições de uma verdadeira iniciação, e que tem-se o costume de assimilá-la a uma “segunda ordem monástica”, o que é justo ao menos no sentido de que seus estatutos particulares não eram, assim como os de uma ordem monástica no sentido cristão deste termo, feitos para serem estendidos a todo conjunto da sociedade no seio da qual esta organização havia sido estabelecida” (2).

Este caráter mais reservado iria, entretanto, se modificar. Dado o estado agonizante da tradição grega e romana, afim de não deixar o Império romano desprovido de uma tradição, o Cristianismo iria intervir nesta situação de degenerescência, ocupando este vazio de modo benéfico e “providencial”. A partir de Constantino, iniciam-se decisivas transformações. Com o Édito de Milão, em 313, a Igreja cristã recebeu completa liberdade de culto e legalizou-se sua situação. A conversão de Constantino ao Cristianismo tornaria o Cristianismo como que a religião oficial do Império e “implicava o reconhecimento, por um ato de certo modo oficial da autoridade imperial, do fato de que a tradição greco-romana deveria doravante ser considerada como extinta, embora naturalmente subsistiria por longo tempo vestígios que iriam degenerando mais e mais antes de desaparecer definitivamente, e que foram designados depois pelo termo menosprezante de “paganismo” (3). Este termo “pagão” deriva de “paysan”- camponês, pois era entre os camponeses do mundo romano que se davam estes vestígios de práticas vindas das tradições anteriores em vias de desaparecimento.

O Cristianismo foi convocado “providencialmente” a se constituir na religião do Império - e portanto nada teria a ver com supostas manobras políticas da Igreja, sustenta René Guénon, antepondo-se às interpretações modernas sociologizantes. Mas a abertura do Cristianismo, como exteriorização, custar-lhe-ia o preço de certa renúncia ao caráter reservado de

seus ritos, da diminuição do rigor para a aceitação dos interessados em ingressar nesta via. Implicou em certo sacrifício:

“O número de fiéis, que aumentava dia a dia, levou a Igreja no século VII, a instituir as ordens menores, entre as quais a dos **porteiros**, que sucederam aos diáconos e aos subdiáconos na função de guardar as portas das igrejas. Lá pelo ano 700, todo mundo foi admitido presenciar a liturgia; e, de todo mistério que envolvia, nos primeiros tempos, o cerimonial sagrado, conservou-se somente o uso de recitar secretamente o cânon da missa. Entretanto, no rito grego, o oficiante celebra, ainda hoje, o ofício divino, atrás de uma cortina que só é levantada no momento da elevação; porém neste mesmo momento, os assistentes devem ficar prostrados ou inclinados de tal maneira que não possam ver o santo sacramento”. (F.T.B Clavel, *idem*).



Esta abertura exteriorizante do Cristianismo a todos de modo indistinto exigiria que os significados mais interiores da via crística passassem agora a ser expressos como “formulações dogmáticas”, como “mistérios”, e que certos preceitos iniciáticos se reduzissem a ser considerados “conselhos de perfeição”,

sem caráter de obrigatoriedade (4). Tudo indica que o Concílio de Nicéia, em 325, seria um sancionamento desse inevitável processo, e o que teria sido o Cristianismo em seus primórdios iria ser coberto de impenetrável véu.

Por sua vez, a oficialização do Cristianismo como religião do Império, por conseguinte, dos Imperadores, iria abrir uma tendência contraditória ao longo de boa parte da história do Cristianismo. Vimos que ao Cristianismo, como via estritamente esotérica, não cabia adentrar no campo do poder temporal, ou seja, em sua diretriz “dai a César o que é de César”, era indiferente a forma do meio social ou poder político circundante. Algo semelhante também valeu para o Budismo. Com exceção do breve período em que o rei Ashoka, na Índia, marcou seu reinado pela difusão do Budismo, afora isso de modo geral o Budismo permaneceu à margem das pretensões e querelas do poder político.

Com Constantino, inicia-se a tendência de instituir a figura do Imperador como Vice-Rei de Deus na Terra, e para isso busca-se criar uma base legal e cristã para o poder imperial. Esta tendência, vivida na prática, mas sem encontrar uma base legal dentro do corpo original do Cristianismo, iria abrir, por um lado, sérios conflitos entre os vários bispados até então dotados de relativa autonomia entre si, até culminar com o Cisma entre a Igreja latina e Bizâncio (5). Para muitos cristãos, uma monarquia divina era pouco aceitável, preferindo a concepção de Santo Agostinho de que a Cidade de Deus possuía outros fundamentos. Na atualidade, algo análogo se apresentaria nas discussões entre várias correntes judaicas a respeito dos significados e relações entre o Judaísmo e o Estado de Israel.

Para o imbricamento do Cristianismo com os imperativos do poder temporal, decorrente de sua exteriorização, tentou-se encontrar alguma base jurídica para esta sustentação no direito romano, de certo modo estranho ao sentido estritamente esotérico do Cristianismo dos primórdios. A longa série de aproximações e crises entre os Papas e os governantes políticos, e porque não dizer dos abusos, pompa e corrupções dentro da Igreja, que levaram ao surgimento de reações separatistas como a Reforma em Lutero, Calvino e Zwinglio (6), expressam por outro lado esta contradição básica em que se viu envolvido o Cristianismo posteriormente.

Neste quadro adaptativo, também iria se colocar para o Cristianismo a questão da formulação de um corpo doutrinal sobre a teologia cristã. Lembremos que tanto o Cristianismo como o Budismo não possuem um Livro sagrado, à semelhança de um Corão ou os Vedas. O Novo Testamento, assim como a literatura canônica budista em páli, o **Tripitaka**, “Tríplice Cesta”, são

compilações a posteriori dos ensinamentos de Christo e Buddha feitas por seus discípulos. Como vias estritamente esotéricas, o objetivo central tanto do Cristianismo como do Budismo é a realização espiritual humana. Por isso, não era de seu âmbito apresentar uma formulação cosmológica, ou seja, um corpo estrutural de ciências sobre o Cosmos, a Natureza. Isso também explica parcialmente porque os outros seres do mundo não mereceram tanta atenção, ao menos no Cristianismo, já que no Budismo a Compaixão Universal exige os deveres dhármicos de todos os homens para com todos outros seres, embora para isso não tenha sido necessário para o Budismo a elaboração de uma cosmologia.

Para a formulação deste corpo doutrinal e cosmológico, o Cristianismo latino iria buscar apoio no mundo grego de Aristóteles. As interpretações de Aristóteles sobre os ensinamentos de Platão já são marcadas de forte tom racionalista e sua concepção de metafísica se restringe a uma ontologia, indo até a concepção do Ser como princípio da manifestação, não alcançando a noção do Não-Ser, princípio do Ser e da não-manifestação, que junto ao Ser constituem os degraus hierárquicos contidos no Absoluto (7). A noção dos Arquétipos e das Ideias, como protótipos contidos na Mente Divina, e que são pressupostos básicos em Platão, estarão pouco presentes em Aristóteles. Em lugar da intuição metafísica e do Intelecto, que permitem o acesso às verdades superiores, a razão predomina em Aristóteles.

Aqui se abre uma diferença que marca o Cristianismo ocidental latino e os ortodoxos orientais. Os primeiros irão buscar apoio no racionalismo aristotélico, que estará presente na formulação da “Suma Teológica” de S.Tomás de Aquino. Já entre os ortodoxos orientais, talvez por sua própria natureza de povos imersos em um vasto berço de Tradições de forte cunho contemplativo e metafísico, a presença do mundo platônico intuitivo é bem marcante.

A opção pela razão trará posteriores consequências de difícil manejo para o Cristianismo ocidental, quando do fim da Idade Média européia. Ceticismo, negação do poder da razão para alcançar a verdade e dúvida filosófica marcarão os ataques da filosofia e do cientificismo da Europa pós-medieval sobre a visão cristã, fato que não encontrou semelhante ressonância no Oriente, seja cristão ou nas outras tradições.

Ao apoiar-se na razão, em detrimento do Intelecto e da intuição, o Cristianismo buscará reforçar a vitalidade da Fé através do fervor do sentimento, em sua dimensão de calor da alma em seu amor a Deus. Do apoiar-

se no sentimento para cair no sentimentalismo o passo é curto. A preponderância do sentimento, que é um dos traços dos povos ocidentais, explica o tom mais passivo-feminino, se assim podemos dizer, que marca o Cristianismo latino, enquanto entre os ortodoxos orientais é mais marcante a virilidade intelectual. A ênfase do sentimento em detrimento do Intelecto aparece na mudança progressiva das imagens do Cristo, onde inicialmente do Coração de Cristo irradiavam **chamas**, simbolizando o aspecto de calor do Amor, e **raios de luz**, simbolizando o aspecto intelectual e sapiencial do Amor. Em muitas imagens recentes, os raios de luz diminuíram sensivelmente, preponderando as chamas.

A usurpação do lugar da intuição pela razão, além de empobrecer a capacidade de penetração espiritual nas verdades divinas, ao não se dar conta de seu limite e lugar, deu margem a uma postura agressiva ao forçar a conformação da realidade a essa estrutura racional de pensamento e ações decorrentes. Por isso um empobrecimento da **visão mítica e mística** do Cristianismo, substituída pela exacerbação psíquica e moralista que caracteriza a multidão de seitas atuais que se pretendem cristãs.

Empobrecendo-se a virilidade intelectual da via cristã no Ocidente, o Amor passa a ser visto mais em sua qualidade sentimental do que em sua qualidade sapiencial, unitiva, atributo da intuição que capta a síntese enquanto o sentimento afetivo e a razão, que se referem ao mundo psíquico, operam com as dualidades e as discriminações. E o mundo psíquico, enfraquecido pelo obscurecimento da força do Intelecto, do Espírito Santo, abre muitas vezes margem para um certo ambiente mental medieval de medo, das superstições, bruxarias, do receio de não ser cristão, de ser possuído pelas feitiçarias e outras entidades inferiores. E talvez tenha propiciado a reação da Inquisição, como tentativa exacerbada de preservar a qualidade do Cristianismo pelo combate às contestações através da força, ao invés da revitalização do Intelecto.

A exacerbação da razão em detrimento da intuição e da visão mítica e mística vai abrir campo para a especulação filosófica do Renascimento no Ocidente, como uma reação dialética e contestatória da explicação cristã sobre o Cosmos, alegando não possuir ela provas da razão, possibilitando o surgimento de um tipo de ciências modernas e hipóteses como o evolucionismo, um modo de ciências cuja visão do mundo, carecendo de princípios superiores, aos poucos desconectará, para a mente humana, as ligações entre o mundo fenomênico e o Transcendente. Um modo dessacralizado de ver a humanidade e o mundo, que se espalhará do Ocidente para sobre todas as regiões do planeta, um passo a mais na descida da Idade Sombria.

Notas

(1) Frithjof Schuon - **Da Unidade Transcendental das Religiões**. São Paulo: Martins Ed., 1953, p.173-175.

(2) René Guénon - **Aperçus sur l'Esoterisme Chretien**, Paris: Ed. Traditionnelles, 1980, p.11,

(3) René Guénon - Idem, op.cit., p.15.

(4) René Guénon - Idem, op.cit., p.18/19. (Sobre se a abertura dos ritos e sacramentos cristãos teria significado uma “exoterização” do Cristianismo, com consequências sobre o grau de realização iniciática dos sacramentos, há certa divergência entre as argumentações de René Guénon e outros pensadores católicos. Sobre isso, ver:

René Guénon - *Sacrements et Rites Initiatiques*, cap.XXIII, in **Aperçus sur l'Initiation**, Paris: Ed.Traditionnelles, 1980.

_____ *Christianisme et Initiation*, cap.II, in **Aperçus sur l'Esoterisme Chrétien**. Paris: Ed.Traditionnelles, 1980.

_____ **Y a-t-il encore des possibilités initiatiques dans les formes traditionnelles occidentales?** Paris: Ed. Traditionnelles, no. 135, Jan. Fev. 1973, 7o. Année.

Jean Borella - **René Guénon and the Sacraments of Christian Initiation** (tradução de Rama Coomaraswamy), USA: 1982, mimeo.

(5) Sobre isto, ver:

Steven Runciman - **A Teocracia Bizantina**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

(6) A questão da Reforma e suas implicações quanto à sua continuidade do usufruto da corrente espiritual estabelecida pelo seu fundador, é um tema cujas ponderações cabem a quem tem autoridades sobre o tema, ou seja, às autoridades espirituais cristãs competentes.

(7) Sobre isso, ver:

René Guénon - **La Métaphysique Orientale**, Paris: Ed. Traditionnelles, 1976.

IX

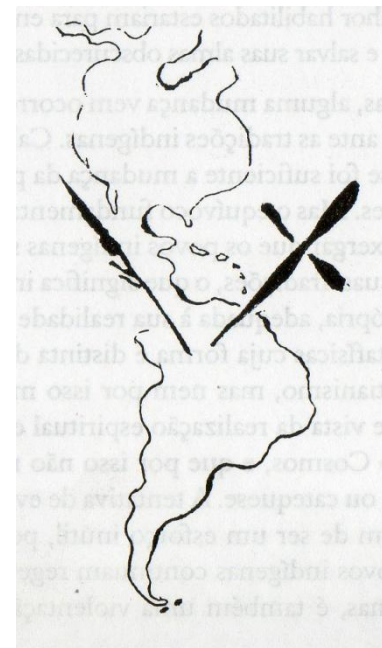
O Cristianismo e a colonização das Américas

O processo de obscurecimento espiritual do Ocidente pós-medieval, com sua tendência devastadora e dessacralizante, foram tornando o entendimento e a prática da via cristã cada vez mais difícil. Soma-se a isto a tendência expansionista e catequizadora das religiões semíticas como o Cristianismo, e já podemos compreender a violência que significou a colonização das Américas. Que, segundo os povos indígenas, foram invadidas e conquistadas a ferro e a fogo, e não “descobertas”. A própria prática dos europeus, que vieram à América e que se diziam “cristãos”, de cristão tinha quase nada.

A ambição capitalista do Ocidente pós-medieval se apoiou na demolição progressiva dos limites éticos e sócio-econômicos com que a Cristandade medieval regia a sociedade, a despeito dos desmandos, pompa e corrupção da relação Igreja-monarquias na Idade Média. Os servos perderam seus direitos nas glebas feudais e aos milhares foram jogados nas cinzentas cidades industriais, como proletários em condições degradantes. Não faltam relatos do horror que foi esse período da Revolução Industrial para uma multidão de despossuídos, agora sem terra e tendo apenas sua força de trabalho para vender. Crianças, homens e mulheres trabalhavam 14 horas diárias em condições desumanas, em estabelecimentos industriais que eram a própria imagem do escuro inferno aberto na Terra. Contra isso, o que disse o Cristianismo latino? Quando a Europa colonial invadiu e massacrou os povos tradicionais da África e Ásia, o que disse o Cristianismo latino? E quando dizimou e escravizou os povos indígenas das Américas, do Alasca até a Patagônia, roubando-lhes suas terras, proibindo os povos indígenas de realizarem seus ritos tradicionais, falarem sua própria língua, seguirem sua tradição, colocando-os sob os grilhões dos colonos que se diziam “cristãos”, aonde estavam as virtudes, o modelo de Cristo que todos cristãos deveriam imitar? Como a Igreja Católica, sendo a autoridade espiritual do Cristianismo latino, se posicionou sobre isto? Os relatos sobre a Conquista das Américas são bem claros sobre isto (1).

A título de levar a fê cristã aos “perdidos indígenas”, a Igreja legitimou a sangrenta epopéia colonialista e, mesmo em raras situações em que parecia

proteger os povos indígenas da sanha gananciosa de seus colonos, como foi o caso dos jesuítas com os Guarani no sul do Brasil e Paraguai, tudo indica que ao mesmo tempo essa proteção foi acompanhada do esforço de catequização destes povos. Como defender um Cristianismo que acobertou nestes cinco séculos de História pós-colonial os maiores crimes de genocídio? Foram pouquíssimas as autoridades do mundo cristão, como Frei Bartolomeu de Las Casas, que tiveram clareza e coragem para denunciar esse comportamento como não-cristão.



O que causava, e ainda causa grande escândalo aos povos indígenas não era o Cristianismo em si. Para um povo tradicional, como o são todos os povos indígenas, a visão e prática espiritual é relativamente fácil de ser aceitável, pois eles o são, embora as diferenças entre as formas tradicionais façam parte das dificuldades de aceitação de umas pelas outras. Pelo relato da Carta do escrivão Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal, em 1500, vemos a tranquilidade com que os povos indígenas acompanharam a celebração da primeira missa no Brasil. Podemos também ver a extrema tolerância da Índia para com as tantas diferentes religiões que ali se instalaram. Aceitação significa

capacidade afetiva e intelectual de compreender e tolerar certa equivalência espiritual presente em outras religiões, graças a certo grau de formação metafísica. Mas aceitação não significa submissão. O que escandalizava os índios era o fato de como aqueles cristãos eram tão pouco cristãos, de sua prática ser o oposto de sua doutrina de fé: “se vocês (cristãos) são a imagem do seu Deus e pretendem salvar nossas almas do inferno, então é melhor que fiquemos sem o vosso Deus e nos percamos no nosso inferno”. Talvez fossem os indígenas que melhor habilitados estariam para ensinar o Cristianismo aos cristãos e salvar suas almas obscurecidas e gananciosas.

Em nossos dias, alguma mudança vem ocorrendo na postura do Cristianismo ante às tradições indígenas. Cabe aos povos indígenas dizerem se foi suficiente a mudança da postura catequética cristã sobre eles. Mas o equívoco fundamental ainda persiste, que é o de não enxergar que os povos indígenas são povos estruturados segundo suas Tradições, o que significa imbuídos de uma espiritualidade própria, adequada à sua realidade mental, regidos por diretrizes metafísicas cuja forma é distinta de outras formas como a do Cristianismo, mas nem por isso menos legítima e eficaz do ponto de vista da realização espiritual e da convivência harmônica com o Cosmos, e que por isso não necessita de nenhuma conversão ou catequese. A tentativa de evangelizar os povos indígenas, além de ser um esforço inútil, pois no fundo de suas mentes, os povos indígenas continuam regendo-se por suas formações indígenas, é também uma violentação ao direito de seguirem suas tradições milenares e profundas. A situação contemporânea, com a entrada de novas linhas cristãs evangelizadoras, e suas práticas de oferecer apoios materiais (escola, remédios, alimentos) em troca de adesões, se tornou um novo objeto de apreensões e críticas por parte das lideranças espirituais indígenas tradicionais, que vêem suas práticas e bases cosmológicas tradicionais ameaçadas, e muitas vezes diretamente atacadas. A verdadeira solidariedade, a do Espírito que anima uma Tradição legítima, seria aquela que oferece apoio aos povos indígenas em defesa de suas tradições a todo momento ameaçadas pela violência da sociedade envolvente, mas sem a ilusão, chantagem, pressão ou expectativa da conversão. É como amar um amigo em perigo, protegendo-o sem exigir dele o preço da renúncia de seu caminho em sua própria tradição.

A chamada “descoberta das Américas” merece duas outras considerações. A primeira é de que muito antes da chegada dos europeus, outros povos já aportaram nas terras ameríndias. As pesquisas ainda estão por trazerem informações bastante interessantes sobre esses contatos, a origem dos povos ameríndios e seu alto grau de espiritualidade. A complexidade metafísica

expressa em sua visão e modo de vida aponta sua proveniência da Tradição Primordial, e se não Hiperbórea, ao menos Atlanta (2).

A segunda consideração é de que a cada “des-cobrir”, o Mundo perde um pouco de sua interioridade. O devassamento do mundo é sua exteriorização e profanação, assim os povos indígenas viram desaparecer sua proteção e refúgio com o devastamento das florestas. Nossa época se caracteriza por tantos “des-cobrir”, imagens da intimidade exposta. Ao mesmo tempo, o aumento dos Museus, que é uma forma de petrificação do espiritual. É como se fôssemos aos museus ver a fixação da realidade em objetos e imagens, como se fôssemos ao cinema assistir filmes das aventuras e caminhos que já não sabemos ou não temos mais coragem de viver. Ao invés de vivermos a vida como caminho vivo de realização espiritual, vivemos a representação da vida, presos no lado de dentro da janela.

Estas razões talvez indiquem em parte as causas do afastamento de muitos seguidores do Cristianismo. A dessacralização do mundo e a corrida consumista também pesam bastante. Mas devemos observar que o afastamento também decorre da fragilidade mental com que atualmente muitos examinam, seja seu passado religioso cristão, seja sua relação atual. Não são poucos os casos daqueles que por esta ou aquela decepção com algum acontecimento ligado à sua adolescência religiosa, fazem desta decepção uma cristalização psíquica que justifica para sua consciência o seu descrédito com o Cristianismo, às vezes até para com toda religião. Como aquele que, traumatizado por uma experiência amorosa difícil na adolescência, nunca mais se casou. Infantilismo que se perpetua na mocidade até a velhice, e como não há como ganhar maturidade psíquica sem o amadurecimento espiritual que lhe dá sustentação, muitos morrem sem terem conhecido a verdadeira maturidade, e até à beira da morte recusam-se a falar sobre ela, despreparados para morrer como despreparados estiveram para compreender o significado da existência, fazendo a marca desta civilização o infantilismo.

Notas

(1) Sobre isso, ver, entre outros:

Darcy Ribeiro - **Os Índios e as Civilização**. Petrópolis: Vozes, 1977.

Dee Brown - **Enterrem meu coração na curva do rio**. São Paulo: Melhoramentos, 1987 (Sobre a colonização da América do Norte, vista pelos povos indígenas).

Frei Bartolomé de las Casas - **Brevíssima Relação da Destruição das Índias - o Paraíso Perdido**. LPM, 1984.

Miguel León-Portilla - **A Conquista da América Latina vista pelos Índios**. Petrópolis: Vozes, 1984 (Inclue vasta bibliografia sobre o tema).

Pierre Bertaux - **África - Desde la prehistoria hasta los Estados actuales**, vol.32, siglo XXI, 1985.

(2) Sobre isso, ver:

René Guénon - *Atlantide et Hyperborée; Place de la tradition atlantéenne dans le Manvantara*, cap.II, in **Formes traditionnelles et cycles cosmiques**. France: Gallimard, 1970.

X

Os desafios para a espiritualidade na América Latina atual

Em virtude das múltiplas dificuldades que envolveram o Cristianismo nos últimos séculos, as tradições orientais como o Budismo, o Hinduísmo e o Taoísmo, que vêm chegando ao Ocidente desde os inícios deste século, passaram a ser vistas para muitos como uma saída espiritual. Uma via tradicional não é mais importante nem melhor que outra, trata-se apenas de examinar como uma análise superficial sobre uma Tradição acarreta problemas, pois quando se opta por uma via oriental é necessário que estejam efetivamente resolvidas, para aquele de origem cristã, as questões de sua herança ocidental cristã (1). Se não se entende profundamente o primeiro casamento desfeito, não basta mudar de aliança para que o segundo dê certo. Para os desencantados com sua tradição original, sugerimos que a mudança de forma tradicional mereça redobrada atenção e orientação qualificada.

Dentro desse desencantamento, iria surgir no Ocidente a partir do século XIX certas tendências que pretenderam conciliar certas concepções das ciências modernas, como a hipótese do evolucionismo, com uma visão que supostamente estaria baseada nos textos sacros do Oriente. As tradições passaram a ser vasculhadas por muitos ocidentais, iniciando-se um processo de experimentalismo bastante grande, principalmente na Europa do séc. XIX. Experimentalismos psíquicos, em que clarividência, telepatia, poderes da mente, passaram a ser consideradas expressões de conquista espiritual e virtudes a serem desenvolvidas. Desses experimentalismos surgirão no Ocidente linhas espiritualistas com proposições que caberiam devidas reflexões quanto à sua eficácia. (2). Muitas delas veio como confrontação à Igreja Católica e à sua direção do Cristianismo.

A leitura que essas organizações fazem dos textos tradicionais, seja do Cristianismo ou das tradições orientais, assim como suas práticas, são problemáticas, e embora muitos de seus membros acreditem estar contribuindo para a “espiritualidade da humanidade”, talvez por terem pouca base sobre os princípios que dão sustentação a um caminho espiritual, possam estar

ingenuamente alimentando delusões. Podemos dizer que na primeira fase do Ocidente moderno prevaleceu o espírito da contestação às tradições espirituais, marcado pelo materialismo e ataque à ortodoxia espiritual. Criticar a ortodoxia é um direito da liberdade democrática que todos temos, mas também precisamos refletir sobre o verdadeiro sentido da palavra ortodoxia: **orto** (reto, correto) **doxia** (visão). No Budismo seria **samma ditthi**, a visão correta, a primeira e muito importante qualidade do Nobre Óctuplo Caminho.

Quando se ignora o que seja um caminho espiritual, seus princípios e implicações, na ideia de tentar conciliar na consciência a “busca da espiritualidade”, mas fora do campo e das obrigações da filiação a uma Tradição há o risco de se cair numa opção de paródia, que aos olhos ingênuos parece ser um caminho espiritual (3), criando-se um culto ao “misticismo do Oriente”, o orientalismo, o “esotérico”. A palavra *esoterismo* passou a ser usada sem nenhuma clareza do que realmente seja o esoterismo, e suas conexões com uma tradição espiritual e suas práticas. E dado o caráter apenas psiquista dessas ideias, não é raro que a elas se tenha misturado algumas ideias da Psicologia ocidental, na suposição de que haveria uma afinidade harmônica entre essas ideias e as formulações das tradições espirituais, dando origem a concepções como consciência cósmica, Nova Era, e variantes das “visões holísticas”. (4).

A contribuição que pode ser feita sobre as escolhas espirituais é que se reflita sobre a proposição das tradições espirituais de que todo caminho espiritual pressupõe um método e uma doutrina segura. E esta doutrina e método fazem parte da legitimidade de uma Tradição, que permite que o praticante possa confiar que não está investindo em algo equivocado, e que por sua filiação a ela o praticante goze da influência espiritual que esta tradição possui por direito. Com a quantidade de literatura e “experiências místicas” oferecidas atualmente, e dado este contexto de grande confusão, mistura e carência, é preciso muita cautela na escolha do caminho espiritual a ser seguido, pois não pode ser uma colagem de práticas díspares juntadas daqui e dali. Neste período de difícil discernimento, a escolha do caminho espiritual deve ser cuidadosa e de claros e múltiplos critérios que encaminhem para uma tradição confiável. Isto é o mínimo de respeito que podemos ter conosco e com os outros. Esperamos que o diálogo entre as Tradições espirituais e suas sabedorias milenares possam contribuir para o clareamento e a realização daqueles que a buscam sinceramente. E que para estes, o que aqui se escreveu possa ser útil.



Notas

(1) Sobre isso, ver, entre outros:

Abbé Henri Stephane - *La question de changement de forme traditionnelle*, Cap.VII.11, in **Introduction à L' Esoterisme Chrétien**. Paris: Dervy-Livres, 1979.

(2) Sobre isso, ver, do autor:

- *As Tradições*, e as referências sobre a pseudo-espiritualidade no mundo moderno, suas ideias e práticas, nota 2, cap.I, Primeira Parte, in **a Travessia Buddhista da Vida e da Morte**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003. Também sobre o tema do pseudo-espiritualidade no mundo moderno, ver:

Ricardo Sasaki - **O outro lado do espiritualismo moderno - Para compreender a Nova Era**. Petrópolis: Vozes, 1995.

(3) Sobre isso, ver:

René Guénon - **Le règne de la quantité et les signes de temps**. France: Gallimard, 1945.

(4) Sobre isso, ver:

André Préau - **La Fleur d'or et le Taoisme sans Tao**.

Rama Coommaraswamy - **Freud e a Religião**. SP: Caderno de Sábado, Jornal da Tarde, pág.5, 26.12.1992.

René Guénon - *Tradicion e 'Inconsciente'*, cap.V, in **Simbolos Fundamentales de la Ciencia Sagrada**. Buenos Aires, Ed. Univers. de B. Aires, 1976.

_____ *Connais-toi toi même*, Cap.VI, in **Mélanges**. France: Gallimard, 1976.

_____ *Les méfaits de la psychanalyse*, Cap.XXXIV; *La confusion du psychique e du spirituel*, cap.XXV; in **Le règne de la quantité et les signes des temps**. France: Gallimard, 1945.

_____ *Spiritisme et psychisme*, 1a.Partie, Cap.VI, in **L'Erreur Spirite**. Paris: Ed. Traditionnelles, 1952.

Seyyed H.Nasr - **O Homem e a Natureza**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977, págs.108 e 123.

Titus Burckhardt - **Cosmology and Modern Science**. Tomorrow, 1965, págs.27 e 55.

XI

Diálogos

I. o Intelecto e o Caminho Mítico

Pergunta - Como professor de Teologia cristã, não encontrei na teologia católica uma definição do Intelecto. Tenho certa dificuldade em relação a isto. Procuro definir, de modo simplificado para os alunos, que Deus ao criar o Homem, Ele colocou seu hálito no homem. Este hálito seria a inteligência, a porção de Deus, o intelecto. E quando o homem ativa esse intelecto, nada mais é que a porção de Deus que conhece a si mesmo, a intuição intelectual que é imediata. Que correção você faria a esta explicação?

Resposta - Correção não, talvez alguns elementos para enriquecer sua formulação. Em outro momento, já havíamos feito considerações sobre o Intelecto, quando trabalhamos sobre o tema *Contemplação e Ação*. Ainda assim, vamos retomar as considerações.

Em primeiro lugar, observemos a operação mental que está ocorrendo: é a razão querendo uma definição para aquilo que escapa de seu campo. Definir é dar um fim. Mas como estamos falando de uma qualidade eminentemente divina, a de captar instantaneamente uma verdade, esta qualidade é supraformal, por isso não é definível. Podemos no máximo oferecer apoios, **upayas**, que ajudem a intuição a emergir. Por isso relaxemos a ansiedade da definição na mente.

Feito o relaxamento, tomemos o símbolo da Roda, tão importante ao Budismo. Quem está em um ponto de um raio do círculo, vê as coisas segundo uma perspectiva; quem está em outro vê de outro ângulo. Mas quem está no Centro vê todos os raios simultaneamente, pois todos os raios têm seu fundamento nesse centro, é dele que eles partem. Por isso, enquanto a razão, que é **ratio**, proporção, lida com a distinção, a dualidade, a diversidade, a intuição se aloja na Centralidade e capta a unidade, a síntese. A intuição capta unitivamente o que a razão compreende distintivamente.

A razão opera no plano da dualidade, que busca uma síntese, que por ser parcial, reabre nova dualidade, no movimento dialético de superações. Mas cada síntese traduz em seu plano, homologamente, a síntese plena, que seria a própria imagem divina: a Síntese Total. Deus é a Síntese das sínteses, a Unidade das unidades, o Ser-dos-sêres. E como cada ser, enquanto se mantém como individualidade, permanece preso na roda aparente e ilusória da existência, ele vê a realidade e a si mesmo de modo fragmentado.

Quanto ao uso do termo “porção ou parte de Deus”, pode induzir à confusões. A Realidade Suprema, que o Ocidente chama de Deus, não tem partes, é um Todo, mas não feito de somatória de partes. Se o Intelecto fosse parte, Deus sofreria da falta de alguma parte sua oferecida como criação, o que O limitaria em sua inteireza e infinitude. É preferível referirmos ao Intelecto como princípio divino infundido na Criação, embora não vamos encontrar no Budismo o termo “Deus” ou “criação”, em virtude da própria diferença de perspectiva do Budismo em relação às doutrinas teístas e criacionistas.

P - Infelizmente, não consigo ver, sentir ou ativar este Intelecto. De onde posso partir?

R - O caminho do Conhecimento deve partir pelo reconhecimento daquilo que confere a nós, seres humanos, um tesouro valiosíssimo: a inteligência, o Intelecto. Mas esta verdade não é nossa, no sentido de uma qualidade criada por nós. O intelecto é divino, provém do Absoluto, está em todo lugar, no Cosmos e Supra-Cosmos. Mas também podemos dizer, com a devida cautela, que a inteligência é nossa se entendermos com isso que usufruímos deste dom, que nos diferencia das outras espécies em virtude da plenitude de nossa possibilidade participativa na inteligência.

O próprio fato de você poder perceber que tem dificuldade de saber o que seja o Intelecto já é uma operação de uma faculdade intelectual. Mas a inteligência ou o Intelecto animam várias faculdades mentais, que os hindus chamam de **jñanendriyas**, mas o Intelecto não se confunde com estas faculdades. Seria como a Luz que ilumina várias lâmpadas a ela ligadas. Platão dizia que o caminho da ascensão espiritual começa quando tomamos consciência da maravilha da inteligência que ilumina o mundo e nossa mente. Maravilhe-se com a Inteligência dentro de você! Seja este o ponto de partida de seu grande romance de Amor!

Podemos utilizar as Escrituras sagradas como de grande ajuda no lapidar de nossa mente. As Tradições têm um aparato teórico vasto, ao qual os

homens podem recorrer, desde que utilizados sob orientação correta e compreendendo as diferenças de ângulos que cada Tradição têm com relação aos objetos do Caminho. Escrituras, imagens, sons, símbolos, a Natureza, nosso corpo e mente, são suportes para o trabalho do Intelecto.

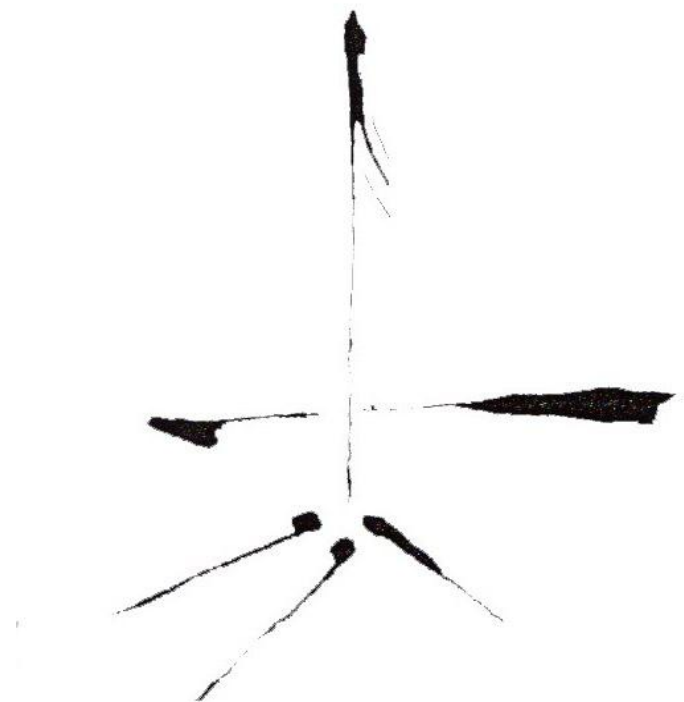
Segundo a metafísica tradicional, o Intelecto (**Intellectus** ou **Nous**) ou Espírito (**Spiritus** ou **Pneuma**) é o elo intermediário que liga o Transcendente, a Realidade Divina ao homem. O Intelecto, embora “criado”, seria supraformal e universal, enquanto o mundo psíquico pertence ao domínio formal e individual. O Intelecto ou Espírito seria a “face” criada do Logos, enquanto sua “face” incriada seria o Ser. O Intelecto pertenceria ao reino “angélico”, o domínio dos arquétipos platônicos. É graças ao Intelecto que o homem pode ter o sentido do Absoluto, comunicar-se com o Divino, o nirvânico (William Stoddart, **Outline of Buddhism**, pág.33). Poderíamos dizer que é graças ao Intelecto que o homem pode alcançar sua realização (união) com o Divino, através da via do conhecimento, a via que traz os frutos em si mesmo.

A palavra Intelecto quer dizer “inter-legere”, “ler entre”. Ver as diferenças de planos do mundo fenomênico, as hierarquias de determinação e liberdade de cada plano, sua impermanência, e perpassando e fecundando-as, a presença cintilante do Absoluto. Aquilo que na simbologia hindu seria o 3o. olho de Shiva, a união do que os dois olhos seriam como a dualidade, os pratos da balança que fazem os jogos dos pesos e que caracterizam a ação da razão e do pensamento. Por isso, quando dizemos que a meditação é o esvaziamento do pensamento, não significa que o pensamento deva ser desprezado, pois ele tem o seu nível de realidade e momento. Há escolas que consideram a meditação a atividade inicial do caminho cognitivo, mas usando a capacidade reflexiva de forma mais contínua e correta do que se faz quando sem um método tradicional. E que em níveis de alta concentração, **samadhi**, estaríamos em atividade de contemplação, na unidade entre sujeito e objeto, que caracteriza os estados de êxtase, ou de modo mais preciso, estados de **ênstase**, unidos interiormente, pois para muitos êxtase é visto erroneamente como um estado em que se sai de si mesmo, portanto seria um devaneio, a perda da centralidade.

A contemplação é a atividade mais importante do conhecimento. Nela, o pensamento deve caminhar, por sucessivas reintegrações, ao repouso, que simboliza não a inatividade, mas o fluir estável e unitivo da Verdade, o Intelecto emergido em sua plena Luz. Para que a Luz do âmago do lago o ilumine, é preciso que as turbulências das águas do lago diminuam até cessar, e com isso as impurezas da água se assentem no fundo, e a água se mostre em sua natureza límpida. Quando o pensamento e a razão, como as palavras, se lapidam

correta e harmoniosamente sob a direção do Intelecto, elas se reintegram no Silêncio da Verdade, e apóiam, traduzem em belas linguagens a Verdade, quando forem necessárias.

Precisamos aprender a trabalhar continuamente com isso. Tome por exemplo a Natureza. Quando vemos o surgimento da Lua, algo profundo e importante nos toca. Mas raramente deixamos esta captação ser vivida como tal, em sua inteireza, abrindo acesso à intuição metafísica. A mente logo se agita, se distraí, ou desencadeia um falatório interno cheio de dúvidas. Veja, é a razão maquinando e destruindo aquela experiência de captação intuitiva das verdades ali presentes.



P - É na verdade uma experiência mítica.

R - Sim, é uma experiência mítica! O caminho de realização espiritual é um caminho mítico. Por isso parece tão difícil ao Ocidente, dominado pelo racionalismo, afastado da compreensão e vivência do caminho mítico.

P - Poderia explicar melhor isso?

R - Precisaríamos mais espaço para desenvolver esse tema, mas sem compreendermos o significado do mito fundante de uma Tradição, fica difícil a realização. Com a vulgarização de nossos tempos, usa-se o termo “mito” como falsificação, ilusão. Como se lê, por exemplo, o Novo Testamento? A vida de Cristo, em cada momento, é vista apenas como uma vida individual com ensinamentos em forma de parábolas? Ou como *penetração da Eternidade no tempo, em que cada passo do caminho do Cristo é o resgate da Criação para dentro da Refulgência dos arquétipos divinos*?

Se somos cristãos, devemos compreender cada vez com mais profundidade a vida de Cristo como caminho mítico que devemos imitar, pôr em prática. Cada passagem da vida de Cristo é um símbolo da Redenção que cada alma cristã deve trilhar analogicamente em sua vida. Cristo como o arquétipo do Herói. Hoje em dia se cultua heróis do automobilismo, do esporte, do cinema, que às vezes até podem lembrar em seus atos algo superior, mas o Herói-Eros que traça o caminho da re-união no Divino, quantos o imitam?

Mesmo entre os budistas poucos compreendem o Buddha como a realização mítica da jornada da destruição de **avidya**, ignorância. E é problemático muitos budistas dizerem que o Buddha foi apenas um homem como nós, que alcançou a iluminação por esforços próprios. A humanização do Buddha pode ser gesto de bons sentimentos, visando incentivar os homens, tornando-o um “igual a nós, um ser humano que atingiu a budeidade”. Mas o sentimentalismo acaba à longo prazo destruindo o fundamento metafísico do Budismo, que é *o caráter mítico da descida da Budeidade - a Mente Bodhi-* que Shakyamuni, o Siddharta Gautama realiza como **Samma-Sambudhha**, o Perfeitamente Iluminado.

E assim como para muitos cristãos com relação à via crística, o mesmo pode se dar com a via budista: não mais se saber viver a vida como um caminho de realização mítica, ficando a vida reduzida a uma fragmentação de experiências que não ultrapassam o limite de “viver a vida com bons sentimentos e boas ações”. Bons sentimentos e boas ações são importantes,

geram bons karmas para o caminho de realização, mas a realização espiritual vai mais além.

P - Significa que bons sentimentos e boas ações são inúteis para o caminho da realização?

R - Pelo contrário, são necessários, importantes, geram bons karmas, são bases do progresso espiritual, mas insuficientes. É preciso ir para além disso, é preciso trilhar o caminho da Sabedoria, até a total libertação das impurezas que mantém a mente prisioneira da roda samsárica do nascer-morrer. Realizar na prática o caminho mítico. Como a flor de lótus, que emerge do lodo e atravessa as águas samsáricas gloriosamente, sem se manchar por elas. O desabrochar, unidade-mente búdica que se espelha, abre em pétalas.

P - Estas colocações fazem certo sentido em mim. Mas vivemos em uma época científica, poderia me dar uma prova definitiva de que Deus ou o Nirvana existe?

R - A prova, você vai ser a prova, vai ser provado e provar dentro de você. É equivocada esta ideia de que prova é um documento assinado por Deus que diz que Ele existe! É como provar um bolo, a prova é você comer o bolo.

P - O que me incomoda nesta forma de ver as coisas é essa noção de “homem”. De qual homem se está falando? Como antropólogo, você sabe que o homem é um ser historicamente determinado. Acho que sua crítica cabe à tradição positivista das ciências. Mas as ciências estão caminhando. Veja a originalidade, por exemplo, das descobertas e propostas de um Einstein. Não cabe supremacia da razão sobre a intuição, nem vice-versa.

R - Sua dificuldade está em examinar a ideia de *hierarquia*. Esta palavra vem de **hierós** (sagrado) e **arché** (princípios). Uma árvore tem uma hierarquia, queiramos ou não. A raiz está em baixo e os galhos em cima. Por causa de nossa formação psíquica e histórico-social, temos medo e aversão do termo “hierarquia” porque aqui hierarquia se confunde com poder, violência e opressão. Se minha cabeça estivesse nos pés e os pés no lugar da cabeça, as coisas estariam confusas. A questão do racionalismo é a usurpação do lugar que cabe à razão. A sabedoria está em saber qual o lugar de cada coisa. Este é o verdadeiro combate que tem de ser travado dentro da mente. Harmonizar hierarquicamente as qualidades da mente.

A intuição tem primazia porque é de origem incondicionada, a razão pertence ao condicionado, por isso é fenomênico e deve se subordinar à intuição, ao Intelecto. O racionalismo é uma traição, renegação ao intuitivo que lhe é uma qualidade superior. Talvez a traição de Pedro, ao negar três vezes Christo, fale também disso. O medo que instiga a razão a negar a intuição, a sabedoria transcendente. Traição no sentido inferior da palavra Tradição: tradução, traição. A razão, utilizando o pensamento e a linguagem correta, pode fazer a tradução do que a intuição diz. Estamos usando aqui a razão para esta exposição. Mas a razão pode cometer uma traição. Como o Primeiro-ministro, que pode ser Fiel ou dar um golpe de Estado e dizer: “eu sou o Rei!”. Ou o Rei, que mata o Sacerdote. Ou o Sacerdote, que corrompe sua autoridade divina.

P - A questão para muitos é a dificuldade em aceitar essa qualidade da intuição.

R - Sim, porque assim fomos educados por longos anos, e o ambiente mental do mundo moderno hostiliza isso, por isso temos medo e vergonha. Mas a questão não é aceitar ou rejeitar. É saber examinar. Buddha nos dizia que não devemos aceitar algo sem verificarmos por nós mesmos.

P - A intuição é condicionada culturalmente?

R – Este é um tema que tem interpretações diversas. Podemos considerar que o psiquismo, que o Budismo chama de *sankharas*, que compreende a razão, os sentimentos, a memória, a percepção, a intuição sensível, é condicionado também culturalmente. É o psiquismo que funda a diversidade dos homens, em suas etnias e culturas diversas. Seria uma ilusão idealista desconhecemos, como antropólogos, esta dimensão historicamente determinada dos homens. Mas também fugimos da ilusão oposta, que vê os homens apenas como seres históricos, presos irremediavelmente ao tempo e à História. O Budismo é o caminho do Meio. Nem só historicamente determinado, nem não-históricamente determinado. No topo do saber e da verdade, que reside no centro dos homens, estão os mesmos princípios espirituais que os unem. E neles está a intuição intelectual ou o Intelecto, distinto, entretanto, da intuição sensível, muitas vezes confundida com a intuição intelectual.

P - A intuição seria algo da Gratuidade da Graça?

R - Sim. É um princípio transcendente, incondicionado, não pode ser condicionado historicamente. Só o que pertence ao domínio do histórico, como o psiquismo, pode ser condicionado. E o psiquismo é o campo de enfrentamento da meditação. A intuição esteve e sempre está lá, no coração.

P - Existe no Novo Testamento alguma alusão à intuição?

R - Quando Christo diz: “vós sois deuses”, poderíamos entender com isso a presença da intuição que permite que o psiquismo possa ser atravessado, o Raio de Luz que perpassa as nuvens moventes do psiquismo. Este ora esconde o Sol, ora embaça-o, ora se abre. A função da Sabedoria é atravessar as barreiras e não dizer “as barreiras existem, fiquemos por aqui”. Mas há quem se conforme, com as paredes. Entretanto, o sono do conformismo não pode durar indefinidamente, pois toda prisão implica em sofrimento. Mais cedo ou mais tarde, teremos de buscar, o caminho da Liberdade.

2. Rebeldes e Peregrinos

Pergunta - Como professor desta Universidade, tenho certa curiosidade em entender como você, que estava pesquisando sobre os rebeldes sociais, temas como Antônio Conselheiro e a comunidade religiosa de Canudos; Lampião e o cangaço, que foi seu mestrado e livro **Pelo Espaço do Cangaceiro, Jurubeba**, como você daí chegou às religiões, ao Budismo?

Resposta - Muitos professores colegas de trabalho, amigos e alunos me fizeram esta pergunta. Sei que, de um certo ângulo, essa passagem parece um tanto curiosa. Mas veja, é muito simples: escolhemos certos temas de pesquisa porque naquele período de sua vida eles têm certa afinidade com sua procura e insatisfação. A rebelião expressa isto: alguma insatisfação e a busca de um caminho que lhe seja mais livre, que supere esta insatisfação. Claro que as pesquisas vão mostrando que certas formas de rebeldia podem ser armadilhosas, acarretando outros problemas e serem estagnantes em certo nível. Mas se você levar sua rebelião com sabedoria às últimas instâncias, no ápice você vai chegar ao Intelecto divino. Dizia Guimarães Rosa, o difícil é ir até a raiz da palavra. Se formos para níveis mais profundos, compreenderemos que a superação da insatisfatoriedade, a grande Libertação só existe no supra-Cosmos, a Iluminação, união no Ilimitado, Incondicionado, Nibbana.

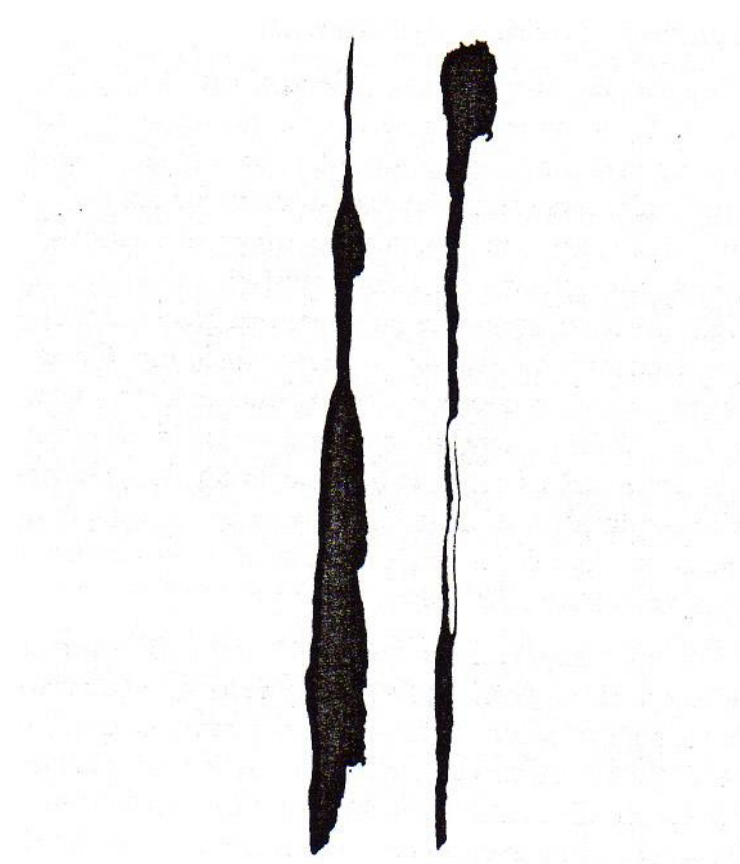
É porque somos apenas pequenos rebeldes e não sabemos, ou temos receio de dizer: “não aceito as paredes, gaiolas, a realidade não pode ser só isto”. Não sabemos ouvir a voz do Coração, onde se agita a força divina querendo liberdade da prisão cósmica. A vida é prisão, dizia um monge budista. Atente ao simbolismo da Bela e a Fera. Soubéssemos ouvir, conduzir, transformar a força da Fera em força libertadora da prisão samsárica, isso nos levaria à Realidade Suprema, nosso verdadeiro Lar. Para mim foi natural, vir do estudo das rebeliões sociais em direção ao Elevado. Mas temos de reconhecer, o caminho de libertação espiritual é árduo, por isso poucos aceitam os desafios desta luta interior, a grande rebelião, contra seus próprios apegos e ilusões.

P. - Este caminho serviria para todos?

R. - Cada caso é um caso. Mas gostaríamos que cada um examinasse, o mais sincera e profundamente que lhe for possível a cada momento, sua insatisfação e pudesse fazer dessa energia o motor de seu caminho de Libertação. Que,

como disse, só pode ter como alvo derradeiro a Iluminação, atingir o estado incondicionado, ou pela via cristã, a Cristificação.

P. - Nesta trajetória, que entendimentos você tirou sobre as alternativas espirituais para a realidade brasileira?



R. - Este é um tema vasto, pois o Brasil é uma realidade muito complexa e heterogênea. Apresentei alguns esboços no texto *Os desafios para a espiritualidade na América Latina atual*. Pensando mais restritamente para o caso da América Latina, e mais especificamente para o Brasil, é preciso em

primeiro lugar que cada um de nós compreenda corretamente o significado e a importância de uma Tradição. As Tradições espirituais afirmam que só dentro de uma Tradição espiritual legítima o caminho é frutífero. Cabe a cada um examinar e refletir sobre essa orientação apontada por elas.

São muitas as Tradições espirituais presentes no mundo contemporâneo. Listar e refletir sobre todas elas exigiria aqui muito tempo e espaço, e ainda assim seria uma tarefa inesgotável. Vamos nos limitar a alguns apontamentos, e sobre algumas mais próximas.

São consideradas Tradições de caráter universal, ou seja, que são abertas a todos, independente de casta, etnia, origem: o Cristianismo, o Islamismo e o Budismo. Cada uma delas tem seus métodos próprios. O Cristianismo e o Islamismo partilham do mesmo substrato semítico e do fato de serem tradições baseadas na visão monoteísta de um Deus que tem uma face Pessoal, assim como outros aspectos teológicos como as hierarquias angélicas, os símbolos, ritos e ética. Sobre o Judaísmo, muitos estudiosos das religiões consideram que seu acesso em termos de conversão seria mais difícil, devido às exigências específicas para seu ingresso. Aos interessados nesse tema, recomendamos buscar maiores informações com as autoridades judaicas competentes.

Sobre as tradições indígenas e o xamanismo, alguns apontamentos. Uma coisa é o xamanismo, enquanto práticas das tradições indígenas, outra coisa é o culto de práticas xamânicas fora do contexto tradicional indígena. Caberia refletir sobre dois pontos importantes: a ideia de conciliar uma espécie de “esperança em uma via indígena” com a utilização de psicoativos, que supostamente abririam as portas da percepção e de um caminho espiritual mais liberto das limitações das religiões; e a ideia de legitimar o uso de psicoativos indígenas no fato de que os fundadores das organizações espiritualistas teriam recebido a herança diretamente de uma tradição indígena (dos Incas, por ex., ou outras tradições indígenas), e misturando muitas vezes certos aspectos do Cristianismo, compondo uma espécie de sincretismo. A questão central seria se os sincretismos têm os pré-requisitos básicos para conduzir a mente de seus praticantes até a realização espiritual suprema. E dos pré-requisitos, o básico-mínimo seria ter o suporte da corrente de influência espiritual que conduz até essa realização espiritual suprema. É preciso refletir que essa corrente espiritual (princípio ativo que tem a ver com termos como a Shekinah na tradição hebraica, Barakah na tradição islâmica, Dharma-Dhamma nas tradições hindu e budista) é atributo próprio de cada Tradição espiritual, estabelecido pelos seus fundadores míticos, com seus métodos próprios de sua Tradição espiritual.

Então a questão central é se seria possível usufruir desse princípio ativo fundamental fora do contexto de uma Tradição espiritual. Caberia às autoridades espirituais indígenas esclarecer se, salvo raras exceções individuais, uma via indígena seria viável aos não-indígenas, ou seja, se psicoativos utilizados ritualmente pelos indígenas teriam essa capacidade fora de seu contexto tradicional. Outro problema: segundo as concepções das Tradições espirituais, a mistura de aspectos de tradições diferentes não constitui uma terceira via espiritual, nem participa das qualidades de nenhuma das tradições das quais esses aspectos foram retirados. Em decorrência, e em termos práticos, poderia ser apenas uma forma sedutora e ilusória de continuar a se experimentar sensações psíquicas do ego, e embora algumas visões provocadas pelos psicoativos possam ocorrer, visões desconectadas de um treinamento metódico, fundamento-base de uma Tradição espiritual, permaneceriam como visões fortuitas, iludindo a consciência com a ideia de se estar num caminho de “realização espiritual nativa”. Novamente, caberia às autoridades espirituais indígenas as devidas ponderações sobre.

A reflexão vale também para as tradições de origem africana trazidas nas Américas com a escravidão colonial. Cabe às competentes autoridades espirituais das tradições de origem africana as ponderações sobre o mesmo tema do sincretismo e a questão da realização espiritual.

A história da conquista e colonização violenta das Américas, com toda sua brutalidade sobre os povos indígenas e africanos, os equívocos iniciais de postura do Cristianismo, a mistura de fragmentos de várias Tradições, todo esse emaranhado de forças psíquicas difusas, que marcam a trajetória física e mental das Américas desde a colonização, explicam em parte as dificuldades que devem enfrentar aqueles que irão trilhar o caminho de uma efetiva via espiritual, pois que estas influências estão presentes na formação dos psiquismos e devem ser investigados para melhor lidar com elas em seus obstáculos.

Podemos certamente aprender, e muito, com as tradições indígenas e africanas, nos enriquecendo com seus saberes e riquezas na música, dança, culinária e tantas outras manifestações culturais, e com diálogos propiciados pelos multicruzamentos étnicos da formação populacional brasileira. Mas cultura e Tradição não são a mesma coisa. Podemos nos beneficiar também espiritualmente com a presença de uma Tradição. Outra coisa é usarmos fragmentos de uma Tradição para criar uma via espiritual. Como foi referido anteriormente, caberia às autoridades espirituais indígenas e às competentes

autoridades espirituais das tradições de origem africana as devidas ponderações sobre o tema do sincretismo e a questão da realização espiritual.

Isso valeria também para o Hinduísmo. Caberia às autoridades espirituais hindus competentes as ponderações sobre a viabilidade de um caminho de realização espiritual hindu aos não-nascidos no Hinduísmo; ou seja, se o sistema de castas, língua sagrada e ritos não fariam do Hinduísmo uma Tradição que, embora primordial, não seria de natureza universal, aberta a todos. Também aqui pode haver raras exceções. Tudo isso não impede que possamos estudar, compreender até certo nível e nos beneficiar da sabedoria hindu, e das práticas como a Yoga, os cantos, dança, teatro e outras riquezas que a tradição hindu possui. Há muitos casos de cristãos, judeus e muçulmanos que se beneficiaram da influência espiritual de mestres hindus, budistas e xamãs indígenas.

Quanto ao Budismo para a América Latina, os desafios não são menores. O Budismo ainda está constrangido a ser visto como uma tradição espiritual asiática, com as roupagens da cultura de seus portadores, o Japão, China, Tibet, Sri Lanka, Tailândia e assim por diante. Um Budismo que preserve a ortodoxia de seus princípios, mas que se adapte às condições históricas, culturais e psíquicas de cada povo da A. Latina, esse é o desafio para um Budismo na A. Latina. A ortodoxia de princípios que conjugue aspectos secundários culturais deve se constituir em uma síntese, que não se confunde com sincretismo. Penso que esta é uma tarefa para as autoridades espirituais do Budismo, qualquer que seja sua escola de origem, e é uma tarefa que só pode ser compreendida e lapidada na prática.

Por outro lado, como Tradição baseada em uma visão cognitiva não-teísta, nem sempre será fácil a um psiquismo acostumado a se apoiar em uma concepção de Deus como Suprema Realidade. Mas ao mesmo tempo, sempre se re-esclarecendo os significados destas diferenças, caberia ao Budismo tornar visível seu pilar central: a prática da meditação (*bhavana*, cultivo) na observação e clareamento do corpo e da mente, para que a natureza búdica incondicionada, portanto espiritual, da Mente se torne cristalina e liberta. Esta pode ser a tônica e força da contribuição budista para a A. Latina, deixando como secundários os aspectos rituais e culturais que podem cercear o seu acesso e prática. E exatamente por ser uma Tradição de natureza cognitiva mais sutil, não precisa nem deve competir com o Cristianismo, mas ao contrário, visto ser ambas de origem monástica, o Budismo pode contribuir para um diálogo de revitalização doutrinal e prática do Cristianismo, bem como no diálogo com as sabedorias milenares de todas as tradições espirituais, em suas aproximações e

respeito às suas diferenças, e ao direito democrático de cada um escolher o caminho que lhe parece mais conveniente, sem nenhuma necessidade de proselitismo, nem animosidade para com outras escolhas. Lembrando as harmoniosas palavras do Dalai-Lama: “A convivência nasce do diálogo que celebra nossas diferenças”.

3. Contemplativos e os tempos difíceis

Pergunta - Como, a partir dessa visão da Tradição, desse Eixo e da contemplação interior, poderia decorrer uma prática social? Como o Intelecto pode juntar a experiência da contemplação com a ação, que na racionalidade ocidental deu o pragmatismo, a ação pela ação? Como dessa cosmogonia poderia surgir uma Ética?

Resposta - O movimento esférico de maturação interior - prática exterior é uma diretriz complexa que necessita a orientação de um mestre espiritual. Devemos partir da compreensão da Cosmogonia e do lugar do homem, clareza inicial importante, sobre a qual fizemos algumas referências em exposições anteriores (1).

Primeiro sermos humanos de verdade. No sentido de assumirmos a ontologia humana, com seus deveres e desafios (**dharmas**). O que quer dizer, em linguagem simples, assumirmos a ontologia humana? Relembrarmos que somos os filhos do Céu e da Terra, diriam os taoístas, que somos filhos de Deus, diriam os cristãos. Quer dizer que como fomos feitos à imagem e semelhança de Deus, o ser humano tem uma natureza central dentro do Cosmos. Isto significa possibilidades que os outros seres do reino da Natureza não possuem, mas também muitos deveres, que pedem e exigem que tenhamos uma vida espiritual, da qual os santos são os paradigmas a serem seguidos, a despeito das dificuldades.

Cada Tradição tem um corpo de orientações sobre a prática de vida. No Budismo, o código de Ética, **sila**, começa por orientar que cada ato humano deve ser refletido se ele é danoso aos outros seres. Só esta regra já traria muitos desdobramentos, orientando boa parte de nossas ações. Segue-se mais outras quatro regras: não tomar o que não lhe pertence (não roubar), não praticar a sexualidade incorreta, não usar da fala incorreta, abster-se de intoxicantes que anuviam a mente. São estes os cinco preceitos básicos para os leigos. Ao cristão cabe buscar a orientação do Cristianismo sobre a ética correta, assim como para os praticantes de outras Tradições.

É preciso lembrar, entretanto, algo fundamental das tradições cristã e budista. Elas não têm uma proposição de um modelo legislativo para a sociedade. Budismo e Cristianismo sugerem uma ética como conselhos de atos virtuosos, mas não como leis com caráter de obrigatoriedade social. Sugere-se a

tomada de consciência e atitudes que exerçam influências saudáveis no seio da família, escola e outras esferas sociais.

P. - Percebo que o capitalismo avança sobre as grandes civilizações como a China, Oriente Médio, Índia. A civilização ocidental penetra nestas Tradições e quebra a ligação Céu-Terra. Apesar da existência ainda de povos tradicionais e autoridades espirituais, não é minoritário dentro do quadro do capitalismo? Quais as perspectivas? Vamos chegar ao fundo do poço?

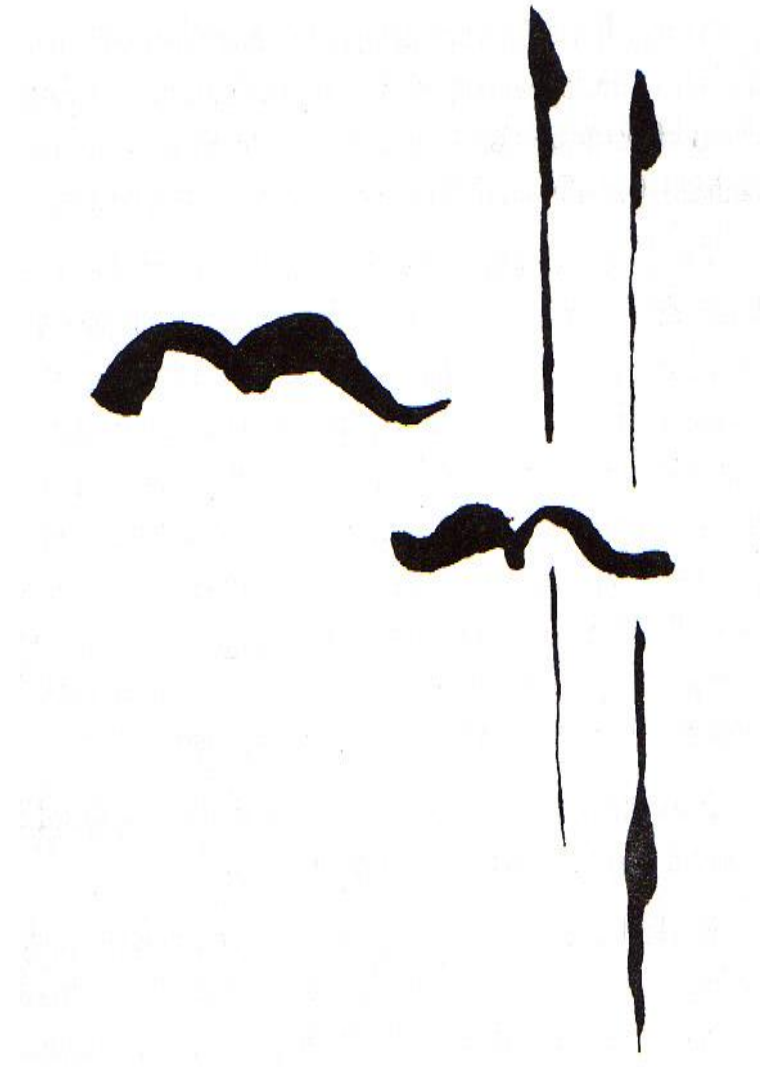
R. – Segundo as Tradições espirituais milenares, vivemos em uma fase crítica da história da humanidade. As fronteiras e os próprios resguardos que cada Tradição pôde fazer diante desta terrível invasão se tornaram bastante devassadas. Podemos assistir esta nova invasão na Ásia, onde mesmos lugares tradicionais como a Tailândia vêm se transformando em áreas de grande turbulência. Há uma proliferação de ambições pela posse do mundo, das coisas, da destruição das florestas e do meio ambiente. Os próprios monges tailandeses comentavam sobre as consequências desta febre, principalmente sobre os jovens seduzidos pelas modas ocidentais, com o aumento da prostituição, do alcoolismo e das drogas. Se é verdade que as tecnologias modernas trouxeram vários benefícios para vida humana, seria importante uma reflexão profunda também sobre os perigos que acompanham esses ganhos. Há uma tendência de nos apegarmos aos ganhos, ignorando as perdas e seus significados.

Atentos aos rumos da humanidade, façamos o possível, ensinando e orientando, revendo nossos hábitos do corpo, fala e mente; que não pensemos que são apenas os governos, os “outros” e o consumismo os únicos responsáveis pelos males, mas examinemos até onde cada um de nós não é também o próprio tirano, e o tirano dos outros. Estamos habituados a achar que o nosso sofrimento vem de fora, e evitamos olhar para dentro de nós e ver se não estamos coparticipando, grosseira ou sutilmente, na produção e perpetuação do sofrimento próprio e alheio, por atos, pensamentos e falas.

P. - Quando você apresenta essa visão, as pessoas oferecem muita resistência em aceitar?

R. - No início, foi um pouco mais difícil. Mesmo como professor de Antropologia, encontrei inicialmente muitas dificuldades em ser ouvido, por falta de uma visão clara do que é o esteio de uma Tradição que pouco se teve, ou de um entendimento mais profundo sobre a sabedoria espiritual presente nos povos tradicionais ameríndios e milenares, apesar da evidência empírica do caráter sagrado dos povos, reduzindo-os muitas vezes a uma visão apenas

sociológica. Lembremos que a própria Antropologia muitas vezes ignora o fato óbvio do princípio transcendente supra-humano que funda a natureza humana e que está subjacente à toda existência e a todos os povos de todos os tempos - à exceção do Ocidente moderno - e diríamos não realmente subjacente, mas evidente nos mitos e ritos de todos estes povos. Quem tem olhos veja, quem tem ouvidos, ouça. Cada ato nosso colherá o fruto kármico correspondente à intenção do ato.



Sigamos em frente. O Budismo tem o compromisso do voto de Bodhisattva: compreendendo as raízes do sofrimento, indicar as saídas para a

verdadeira Libertação, junto às pessoas que as procuram, não através do proselitismo, mas da Compaixão e Sabedoria, da virilidade do Intelecto, a mente-bodhi.

P. - Poderíamos dizer que toda essa movimentação do capitalismo, cada vez mais sob a bandeira de um globalismo uniformizante, seria uma espécie de substituição da ligação Céu-Terra?

R. - Segundo as Tradições espirituais milenares, seria uma paródia, uma inversão para baixo. Quando Buddha estava para alcançar a Iluminação, Mara, o senhor das ilusões, tenta impedi-lo oferecendo as seduções do mundo. Nas tradições semíticas, se diz que “o Adversário (Satã) é um macaco que imita a Deus“. Antes o homem era meio-anjo, meio-homem. Hoje ele vem correndo o risco de ficar reduzido apenas a homem, no sentido de apenas sua dimensão terrestre. Segundo as Tradições espirituais milenares, a civilização moderna vem se apropriando da mente das pessoas, aquilo que um cientista denominou de “colonização da mente”, oferecendo a distração do domínio das coisas e fechando para elas a abertura celeste, criando com isso um projeto superficial de realização. Temos dentro de nós um Intelecto nos pressionando: “ou você me decifra ou te devoro“. Ou você abre a porta para o Intelecto, o que significa compreender e pôr em prática sua verdadeira natureza, que é a da busca da realização espiritual libertadora da prisão cósmica, ou a mente se embrulha em um emaranhado de confusões. É uma força extremamente poderosa.

Segundo as Tradições espirituais milenares, estamos vivendo uma fase de realização do que existe de mais inferior dentro das possibilidades deste ciclo. Esta é a função da civilização moderna, por isso não se trata de rejeitá-la com um moralismo ingênuo, pode-se até utilizar dos brinquedos eletrônicos que ela oferece, usando-os para fins superiores, mas também não se trata de endossar a confusão com que ela se move. Nem aversão, nem indulgência: o caminho do Meio, ensina o Budismo, a travessia com a compreensão correta, pois estes são tempos difíceis. Talvez tenha a ver com as palavras de Cristo: “o escândalo há de vir, mas ai! daquele por quem vier!“.

P. - Poderíamos partilhar do otimismo do Padre Teilhard de Chardin e do advento da Nova Era de Aquário?

R. – Segundo os pensadores das Tradições espirituais milenares, o evolucionismo é uma ideia considerada um grande equívoco, do qual

esboçamos algumas considerações em outro momento. Tanto o evolucionismo como a esperança da Nova Era de Aquário seriam falsas esperanças.

Segundo as Tradições espirituais milenares, e mais explicitamente a sabedoria hindu dos ciclos cósmicos, cada grande ciclo cósmico, **Kalpa**, tem 14 ciclos menores, **Manvantaras**, que por sua vez encerra cada uma delas quatro fases ou **yugas**, de duração na proporção de 4: 3: 2: 1. Estaríamos na quarta e última fase, o KaliYuga, a Idade Sombria ou Idade de Ferro, segundo a análoga concepção grega, tendo sido precedida pela Idade de Ouro, Prata e Bronze. O sentido da marcha do ciclo é descendente (a cada Idade que passa, maior é a perda da claridade espiritual) e acelerante, e estaríamos no terceiro e último período da Idade Sombria, assim chamada pois, do ponto de vista interior, é o período de maior obscuridade mental, do aumento do apego ao mundo material, da cobiça, e de muitas dificuldades para a penetração em verdades superiores. Do ponto de vista exterior, com os sintomas da destruição da Natureza, das florestas, a poluição, o efeito estufa, o preocupante aumento do degelo nos polos, o predomínio do concreto e do ferro (e não por coincidência chama-se Idade de Ferro), entre outros fatores.



P. - Deveríamos ser pessimistas, abandonando o mundo à sua sorte?

R. - Nem otimismo, nem pessimismo ou conformismo. Ver a realidade como ela é. E com clareza e equilíbrio, cuidar, dentro dos limites de cada um, pelo bem dos seres e do planeta, e pelo seu caminho espiritual. Simultaneamente ao caráter sombrio destes tempos, se abre neste breve período as portas de tantas Tradições, os textos sacros estão à disposição como nunca dantes, com as possibilidades de jornadas interiores mais rápidas, embora necessitando concentração redobrada. Esta virtualidade singular pode ser depreendida da parábola em que Christo se refere aos trabalhadores da décima primeira hora, que por esforço e Graça, receberão o mesmo do que é exigido por mais horas anteriores de trabalho. O tempo ruge, o maior êrro é o da perda da oportunidade de desenvolvimento espiritual, por ignorância ou distração. Possam todos os seres, em cada momento presente, cuidar do bem dos seres e do planeta, e seguirem, com bastante urgência, seu caminho de realização espiritual!

Notas

(1) Shaker, Arthur - *O Lugar do Homem*, Cap.III, Primeira Parte, in **a Travessia Budhista da Vida e da Morte**. Rio de Janeiro:Gryphus, 2003.

4. Tradição, escolas e escolhas

P. A existência de tantas linhas espiritualistas dentro das religiões não é indicativa de certa decadência? Como escolher uma opção espiritual confiável?

R. A tendência à divisão é um processo inerente ao mundo. Não houvesse a divisão, não poderíamos existir como indivíduos. Isto é possível exatamente porque o mundo comporta a divisão, e esta tendência está presente também em toda religião, ou, usando um termo mais claro, em toda Tradição. Entretanto, temos de examinar a natureza da divisão. O porquê destas divisões? Os ramos mantêm as qualidades plenas de sua origem? Quais seriam ramos, quais seriam linhas espiritualistas sem o suporte real conectivo-raiz tradicional ?

O tema é de alta complexidade. Caberia às autoridades espirituais competentes a reflexão desse importante e delicado tema, como o máximo de equanimidade e amizade, afim de se evitar ressentimentos ou animosidades religiosas. Faço alguns apontamentos iniciais, a serem refletidas por cada um. Precisamos distinguir os termos diferenciação e seccionamento. Tomemos o exemplo da árvore. Seus ramos expressam o processo inerente da diferenciação expansiva do tronco e raízes. Mas cada galho, com flor e fruto, participa da seiva que o tronco traz das raízes. Ao mesmo tempo, cada galho se diferencia do outro, ao expressar, à sua maneira, as mesmas qualidades fundamentais da mesma árvore.

Aplicando esse exemplo para o caso do Budismo, este processo de diferenciação propiciou o aparecimento de muitas **escolas**. Todas participam do mesmo berço, doutrina e fundamentos. Mas elas dão ênfase a diferentes aspectos secundários da prática ou da doutrina, sem que isto signifique enfraquecimento da tradição. Elas podem representar subvias dentro da Grande Via, de modo a atender diferentes naturezas humanas, que melhor se adaptem a esta ou aquela escola. O mesmo se dá na tradição hindu, onde apesar de tantas subvias que às vezes parecem conflitar-se entre si exteriormente, interiormente participam dos mesmos fundamentos.

No caso do Cristianismo, muitas são as linhas espiritualistas que se professam cristãs. Um primeiro ponto é ter-se claro que vivemos numa realidade democrática, em que todos têm o direito constitucional de escolher e seguir a linha espiritualista que lhe pareça a mais conveniente, desde que se respeite as leis sociais e o direito de outros escolherem opções religiosas

diferentes, evitando intolerâncias que terminam por gerar conflitos desastrosos. O segundo ponto, sobre se todas as divisões dentro do Cristianismo mantêm a participação nos mesmos fundamentos que garantem a corrente espiritual que emana do Cristo, é uma reflexão que caberia às autoridades espirituais cristãs competentes. À título apenas de sugestão, no exemplo da árvore, um pesquisador de religiões comparadas poderia perguntar: se de um lado, toda pessoa têm o direito de constituir um ramo de uma linha espiritualista, por outro lado, a partir de qual princípio um ramo de uma tradição espiritual se tornaria um seccionamento, no sentido de uma ruptura do seu tronco-raiz, perdendo a seiva que o alimentaria, enquanto eficácia na sua capacidade de conduzir à Realidade divina suprema? Neste caso específico do Cristianismo, há duas passagens das palavras do Cristo a serem trazidos para a reflexão das autoridades espirituais cristãs competentes. A primeira, do Santo Evangelho de Matheus, 7, 22-23, àqueles que dizem a Ele Cristo que em nome dele, profetizaram, expulsaram demônios, e fizeram muitas maravilhas, Cristo responde que nunca os conheceu, que se apartem dele, esses que praticam a iniquidade. O que estes versículos estão realmente dizendo? E a segunda passagem no Santo Evangelho de Matheus, 16, 18-19: “Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela; e eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus”. O que estes versículos estão realmente dizendo? Algo a ver com um princípio fundamental, o de participação na corrente apostólica para a transmissão da influência espiritual que remonta a Cristo? Algo a ver com a Eucaristia, sacramento central do Cristianismo, que liga as correntes apostólicas até os Apóstolos, a Virgem Maria e o Cristo? São temas de reflexão que cabem aos teólogos e autoridades espirituais cristãs competentes.

5. o Budismo, o Cristianismo e a Reencarnação

Pergunta - Poderíamos dizer que a linha divisória entre o Cristianismo e o Budismo é que o Cristianismo descartou da verdade da reencarnação?

Resposta - Não. A hipótese reencarnacionista apresenta uma série de equívocos que necessitam ser esclarecidos e refutados. Sobre isso, há bons textos de autores tradicionais (1). Não é que o Cristianismo descartou a reencarnação, mas sim que houve no Ocidente uma apropriação confusa sobre o que supõe-se que estaria nas Tradições orientais como “a verdade da reencarnação”. Vejamos seus supostos.

O reencarnacionismo baseia-se na suposição de que o indivíduo é uma realidade permanente que passa por diferentes corpos, à semelhança de alguém que se mantendo o mesmo, muda de casa em casa até chegar à perfeição divina. O indivíduo continuaria sendo o mesmo indivíduo na outra encarnação, apenas mudando de rosto e contexto. Esta ideia de que a individualidade é uma coisa fixa, que iria buscando novas roupagens em seu caminho de aperfeiçoamento está fortemente influenciada de uma concepção criada na Europa do séc.XIX, por sua vez influenciada por outra suposição também aí criada, a do Evolucionismo (2).

O evolucionismo pressupõe que “a vida” teria brotado das formas mais simples, e por um processo que se denominou de “seleção natural”, estas formas vieram se metamorfoseando em formas mais complexas. A ameba evolui para uma planta, daí para um animal, que evolui até o homem, que iria evoluindo até encontrar a Deus. Influenciado por ideias darwinistas e positivistas do progresso, sob uma visão linear do tempo, criou-se este suposto da reencarnação. Parece bastante cômodo, esperançoso e pode até justificar o caos atual como uma “etapa do progresso”.

No corpo doutrinal das Tradições, não vamos encontrar nenhum fundamento para esta ideia de “um mesmo” que evolui. Esta visão de um sujeito, que é o mesmo, mudando de corpo em corpo, é totalmente oposta aos ensinamentos orientais. Para o Hinduísmo e o Budismo, que são as Tradições orientais que o reencarnacionismo toma como supostas fontes, as individualidades são agregados impermanentes de corpo, ideias, sensações e consciência, que o Budismo chama de **khandas**. Sendo impermanentes, o que é que poderia passar de uma reencarnação para a outra?

As doutrinas tradicionais, e mais especificamente as teístas, referem-se à composição tripla do homem: corpo, psiquismo e o princípio fundante, o Espírito. Somente este princípio é permanente. Quando algumas destas doutrinas referem-se a uma transmigração, é deste princípio espiritual transmigraando de estado a estado, e não o agregado psíquico da individualidade.

Intrinsecamente ligado a esta noção tradicional de transmigração está a do Ser e seus múltiplos estados (3) de manifestação. O mundo manifesto, Existência, o **samsara**, comporta estados superiores e inferiores, com relação ao nosso estado humano, e cada estado de ser comporta por sua vez várias modalidades. Nosso estado humano, por exemplo, comporta a modalidade corporal e sutil. Tudo isso compõe uma hierarquia de degraus de manifestação universal, com sua miríade de seres, cada qual segundo as condições que o definem como tal.

O Budismo divide a existência segundo três mundos: celestial (dos devas e asuras), nosso mundo (seres humanos e os outros reinos) e o mundo infernal (os fantasmas atormentados ou pretas, e os estados infernais). No Cristianismo temos as nove hierarquias angélicas (estados superiores do Ser), o mundo terrestre e os reinos infernais (estados inferiores). Todos esses planos de existência, regidos pela lei do dharma e karma, são condicionados, fenomênicos e impermanentes.

Se há uma passagem do Ser por esses estados múltiplos, é preciso esclarecer desde início que não é a individualidade que o faz. Sobre isso, há no Budismo um importante diálogo, quando o rei Milinda pergunta ao mestre budista Nagarjuna sobre a continuidade no pós-morte. Nagarjuna responde-lhe com o exemplo da chama que passa de uma vela para outra. A chama que passa, é a mesma ou é outra? A manga que nasce da árvore plantada da semente de uma manga, é a mesma ou é outra? Não podemos dizer que a chama (ou a árvore ou a manga que da árvore nasce) seja diferente, nem a mesma. Há **continuidade** (da chama), mas **sem identidade**.

Continuidade sem identidade. Devido à complexidade desta compreensão, muitos monges evitam comentar este tema com leigos recém-ingressos. Este é um tema de profunda meditação cognitiva, que foi vulgarizado a título de reencarnação, que seria um entendimento equivocado e uma simplificação grosseira da visão tradicional sobre o renascimento. Já nos referimos como a distorção de temas de elevado teor cognitivo-espiritual serviram para a construção de pretensas religiosidades e organizações ditas espiritualistas que se pretendem “popularizar” o conhecimento das Tradições.

Continuidade sem identidade. Mesmo a concepção hindu de **Atma** como o Si, o Self que transmigra, aparece nas interpretações reencarnacionistas concebida à imagem e semelhança, quando não confundida totalmente, com o agregado psíquico, o Ego que reencarnaria. Incorre-se no erro de considerar o ego uma entidade permanente. Haveria uma segunda questão, se seria possível a repetição da mesma experiência corporal, ainda que não fosse a mesma entidade da individualidade egóica que reaparecesse no mundo terrestre. Este parece ser o ponto que marca certa divergência mesmo entre autores tradicionais orientais hindus e budistas. Aqueles que sustentam a impossibilidade do renascimento no mundo corporal, como é o caso de autores como René Guénon, tomam por fundamento a lei da passagem única do ser por um mesmo estado, segundo a Lei da Possibilidade Universal, que não admite repetição. Quanto à interpretação moderna de reaparecimento em outros planetas ou “planos astrais”, são ideias e termos alheios às doutrinas tradicionais de modo geral.

Um dos argumentos usados pelos reencarnacionistas, agora provindo não das doutrinas orientais, mas supostamente do Cristianismo, seria a passagem do Novo Testamento em que Cristo refere-se à necessidade de “nascermos de novo”. Quando Cristo fala que devemos entrar no reino do céu como crianças, ou nus, ou como mendigos, está se referindo ao imperativo de despirmo-nos de nossa individualidade, véu útil até certo ponto, teia de aranha que emaranha a partir de certo ponto. Tendo nascidos para o corpo, temos agora de re-nascer para o Espírito. Renascer no sentido inicial de regeneração psíquica, compreensão profunda das tendências psíquicas geradas pela ignorância e apego, e recondução das forças psíquicas para o centro do estado humano - a condição primordial do Paraíso terrestre, através do apoio da influência espiritual (oferecido pela Graça do batismo, no caso do Cristianismo), para desta condição central galgar os estados superiores até a libertação final, o Homem Universal, o estado de Buddha. Cristo fala em renascer e não em re-encarnar. Renascimento é muito outra coisa do que a interpretação reencarnacionista sobre esse ensinamento de Cristo.

Só pode entrar no Céu (o Incondicionado) o que é do Céu. O corpo e o mundo psíquico, sendo agregados condicionados, não podem entrar no Céu, nem podem reencarnar. O que renasce (reaparece) no mundo samsárico são as tendências psíquicas, os **sankharas**. Mas estas tendências psíquicas não têm individualidade. Do ponto de vista da consciência, a hipótese reencarnacionista fortalece e revela o apego de nosso ego que quer se perpetuar. Com a desintegração do corpo, o agregado psíquico também se desagregará, assim não existirá mais um ego. As forças psíquicas que compõem o psiquismo individual

se desintegram com a morte e voltam ao Psiquismo do Cosmos, para se reagregarem em novos egos sempre cambiantes, assim como os elementos corporais desagregados, após reelaborações em inúmeros ciclos metabólicos, servirão de componentes de formação de outros corpos.

Outro argumento de “prova do reencarnacionismo” seria o reconhecimento que às vezes é feito sobre lugares familiares. Aqui mais uma vez coloca-se a questão científica de como um fato pode ser considerado prova de uma construção teórica. O tão propalado “caráter científico” de uma teoria pode ser apenas um modo equivocado de ligar fatos e fenômenos a interpretações. As doutrinas tradicionais ensinam que quando um indivíduo morre, com a desagregação de seu psiquismo, muitos resíduos psíquicos (**ob**, na terminologia da tradição judaica) podem passar para outra pessoa, o que explica o fenômeno do reconhecimento sem a decorrência da hipótese da reencarnação. O mesmo processo pode ocorrer em membros da mesma família, que ao nascer recebem estes resíduos do parente falecido, ou mesmo de hereditariedade de traços psíquicos familiares. O mesmo processo de transferência se dá nos casos de “sugestão”. E são exatamente esses mesmos resíduos psíquicos, que os ritos tradicionais funerários procuram dissolver, é que são atraídos pelos chamados “mediuns”, acreditando ser a “comunicação com os mortos”, o que evidencia os equívocos e as decorrentes práticas dessas visões equivocadas, às quais se somam os terríveis perigos a que estão submetidos ao atraírem essas forças errantes, servindo muitas vezes inconscientemente ao jogo de tendências tenebrosas, disfarçadas de “espirituais”.

Alguém comenta que no Budismo Tibetano os Lamas se referem a si mesmos muitas vezes como encarnações de outros Lamas. Talvez os tibetanos não tenham claro as consequências do uso deste termo no Ocidente, aumentando com isso a confusão e criando uma pseudo-identidade entre o Budismo Tibetano e estas organizações reencarnacionistas ocidentais. Talvez melhor entender que o que existiria seria uma influência espiritual que perpassa estes Lamas. Esta influência espiritual, como a chama da vela, se repõe no mundo como Misericórdia, sem que possamos dizer que um Dalai Lama seja reencarnação, enquanto individualidade, do Dalai Lama anterior. É o Dharma que se repõe para benefício dos seres. Como individualidades não há substância que se repita. O mesmo poderíamos dizer de Siddharta Gautama. A individualidade de Shakyamuni não é o tema de veneração dos budistas, mas sim a Budeidade, o Dharma, que o Buddha Shakyamuni vai novamente realizar, é para este Dharma, a verdade, bem com ao Buddha e à Sangha que os budistas prestam homenagens. Quando estávamos no mosteiro de Suan Mokkh, na Tailândia, por ocasião do Vesak, data que o Budismo Theravada comemora a

Iluminação de Buddha, ouvimos Buddhadasa Bikkhu, que era o preceptor espiritual deste mosteiro, dizer em seu sermão a todos, monges e leigos tailandeses e ocidentais, de modo bem claro e ao estilo Zen: “Todo ano vocês vêm aqui pedir-me bênçãos. O que vocês fazem com tanta bênção? Penduram no cabide e guardam no armário? Vocês devem buscar o Dhamma, o Buddha-Dhamma que está dentro de vocês”.

O reencarnacionismo, conscientemente ou não, se alimenta e realimenta a ideologia do “progresso” e da “tendência de aperfeiçoamento da Natureza”. Esta hipótese da tendência linear ascendente de “progresso” e “aperfeiçoamento” é oposta à visão das grandes tradições espirituais, que ensinam sobre o caráter cíclico do tempo e da manifestação, e a tendência descendente e materializante do Cosmos. Se o Mundo caminhasse para o alto, Cristo não precisaria ter vindo nem teria sido crucificado. Esta hipótese “progressista” termina também por justificar socialmente a agressão aos povos rotulados pelo mundo moderno como “primitivos, atrasados, tradicionais”. Nesta visão evolucionista, assim como a civilização moderna, por seus esforços, teria evoluído até alcançar este degrau invejável, que impõe por sedução e força a todos os povos, cada homem poderia “evoluir” até chegar a Deus.

Dentre as correntes reencarnacionistas, há até aquelas que consideram que mesmo Deus evolui. Fantástica esta ideia, pois se Deus evoluísse não seria Deus, pois existiria algo melhor que Ele a ser atingido e assim indefinidamente. O Princípio Supremo que não é Supremo, sempre a lhe faltar algo! Há até aquelas que afirmam estarmos na “metade do tempo da eternidade” (sic); que nós teríamos chegado até esta metade da eternidade, a outra metade da eternidade seria para que o próprio Deus se completasse! O Princípio Supremo que evolui, a metade do tempo da eternidade, é fantástica a total ignorância sobre princípios básicos da Metafísica!

Crer que o caminho espiritual é uma espécie de progresso, que pouco a pouco se vai chegando “perto de Deus” é incorrer no mesmo erro de colocar na mesma linha o mundo e a Divindade, o tempo (ou outro modo de duração) e a Eternidade. Do ponto de vista de uma progressão matemática, nunca se chegará, pois sempre haverá uma lacuna, uma descontinuidade entre o imperfeito e o Perfeito. Pois não há medida entre a Manifestação e o Absoluto. Nunca se passará da imperfeição para a Perfeição por um processo progressivo, só através da iluminação, instantânea, um salto. Usando o simbolismo matemático, a operação não seria a diferencial, que fosse diminuindo as distâncias, mas a integral (4), o salto, o súbito, o repente.

Pouco a pouco não se passa linearmente do plano condicionado ao Absoluto, pois entre o Absoluto e o relativo não há nenhuma medida ou passagem de continuidade. O equívoco da visão “progressiva” é querer projetar sobre o Incondicionado os parâmetros de espaço, tempo, e, portanto, distância, que definem o condicionado e, rebaixando o Absoluto à imagem de um ponto na mesma linha de nosso mundo, crer que a distância irá quantitativamente diminuindo até chegarmos lá. Erro de matemática elementar, e mostra o quanto o ensino da matemática perdeu as bases metafísicas do que constitui a matemática tradicional.

O mesmo equívoco se aplica à ideia de que, de reencarnação em reencarnação, aperfeiçoando-se pouco a pouco se chega a Deus. Pouco a pouco sempre faltará um pouco. Quando no Budismo, assim como em outras Tradições, se diz que devemos avançar “pouco a pouco”, é no sentido de incentivar no praticante a paciência diante dos incontáveis obstáculos, e porque a integração dos ensinamentos e dos estados de absorção realizados (**jhanas**) demanda uma operação assimilativa e não no sentido de que estados do ser estejam em uma linha evolutiva (que estaria, portanto, subordinada às condições de espaço e tempo) a ser percorrida pela individualidade. Por isso se fala em iluminação, porque é instantânea. É um raio, uma integração, não um progresso.

A realização espiritual pode se dar a partir de qualquer estado. Mas porque esperar ou projetar para um futuro, desconhecido e de novos sofrimentos, a realização que pode ser aqui e agora? Não é inclusive mais econômico? Hoje em dia se faz o culto do “homem econômico”, “da produção”, mas quando se trata de realização espiritual não aplicam o senso de economia, mas a querem em longas prestações, como um carnê que por incontáveis ciclos se vai comprando com boas ações. Não seria melhor a Felicidade já, como quem compra à vista, não tendo mais dívida, nem com o que se preocupar? Pois quem garante que o novo renascimento não será em um estado pior que este humano?

É claro que existe um desenvolvimento interior, obtido segundo as orientações próprias de cada Tradição, que no caso do Budismo consiste na observação e abandono das ilusões egóicas de separatividade, na luta contra a ignorância sobre a natureza da mente através da prática do Nobre Óctuplo Caminho e assim por diante. Estando no Caminho, e não há caminho fora de uma Tradição, nunca se sabe em que momento vai se dar o salto, por isso o melhor é trabalhar firme. Diz um sutra budista: “Louvemos aquele que vive verdadeiramente (empenha-se sem preguiça por todo o dia e a noite), mesmo que por uma única noite”. Trabalhem sem cessar contra a ignorância sobre o

que é nossa verdadeira natureza. O sábio hindu Ramana Maharshi fazia do centro de sua prática a ininterrupta pergunta básica: “Ko’ ham, Quem sou eu?”

A substituição desta indagação central por uma crença no “progresso espiritual” do “eu” é apenas mais um truque do Ego, que ameaçado de ser desmascarado e perder o trono da ilusão, finge aceitar a sua pequenez, o “pequeno Eu, o Eu inferior”, e despindo-se da roupa pomposa, veste os humildes trajes do asceta e prossegue alimentando o seu orgulho agora sob a bandeira do “progresso espiritual” rumo ao “Eu superior”. Essa engenhosa manobra foi bem analisada no livro “Materialismo Espiritual”, do mestre tibetano Chogyam Trungpa. O uso de drogas, a título de propiciar “o acesso às luzes espirituais”, refere-se a este mesmo tipo de ilusão do Ego “evoluindo espiritualmente” por estados alterados de consciência. A baixa qualidade intelectual no discernimento do que seja uma doutrina e prática tradicional é um dado característico dos pseudo-caminhos, e por isso são de fácil ingresso. Quando um cego conduz outro cego, os dois caem no buraco.

Não se trata de negar a ideia de Caminho, nem que ele possa ser mais ou menos árduo ou longo conforme as qualidades e empenho de cada um. A crítica é para esta ideia da individualidade que permanece e vai crescendo e se espiritualizando. Todos os agregados, incluindo a consciência, estão a todo segundo nascendo e morrendo. A cada instante a consciência nasce, quando do contato com os objetos mentais ou corporais, a cada instante a consciência morre.

Este surgir e desaparecer rápido da consciência é apenas um dos aspectos do contínuo fluxo de mudança que caracteriza todo o cosmos. Para o Budismo, este é o ponto central de constante meditação, e cuja evidencia nos abre o acesso à superação do nascer e morrer. Não se trata de hipóteses, mas de uma ciência experienciável por qualquer um. Em nossos dias, tende-se a aceitar ideias muitas vezes grosseiras, desde que venham com o rótulo de “científico”, sem que se avalie exatamente o que se quer dizer com uma “verdade científica”. Predomina em nossa época “a crença na ciência - o cientificismo”.

Na esteira do evolucionismo vieram a esperança nos discos voadores, nos seres extraterrestres, nas galáxias dos super-desenvolvidos. Em tudo isto, a ideologia do desenvolvimento, o inchaço do ego, da ambição a qualquer custo, da espiritualidade independente. “Bem-aventurados os pobres de espírito”, dizia Cristo. A pobreza está no compreender a insubstancialidade do ego, **anatta**, e não se apegar na ilusão de que é esta natureza psíquica que vai se realizar espiritualmente. Ademais, como a morte cobre com o véu do segredo o que

realmente será a vida futura, seja que o prosseguimento se dê com o reaparecimento das tendências psíquicas neste plano ou em outros estados existenciais, seria mais prudente retermos a verdade central, a de que se há algum crescimento espiritual que leve à realização espiritual, ele está em buscarmos graus de maior universalidade, na harmoniosa identificação de nossa mente búdica com a Verdade Universal, o Eterno-Imortal aqui e agora.

Notas

(1) Sobre isso, ver:

Buddhadasa Bikkhu - **Anatta e Renascimento**. São Paulo. *Casa de Dharma*, 1993 (para efeito de estudos).

Frei Boaventura Kloppenburg - **Espiritismo - Orientação para os católicos**. São Paulo: Ed.Loyola, 1986.

René Guénon - **L’Erreur Spirite**. Paris: Ed. Traditionnelles, 1952.

Ricardo Sasaki - **Reencarnação e Mediunidade no Pensamento Tradicional** - I e II, Belo Horizonte: Nalanda, 1992; **O outro lado do Espiritualismo moderno - Para compreender a Nova Era**. Petrópolis: Vozes, 1995.

(2) Sobre isso, ver:

Arthur Shaker F.Eid - *A questão do Evolucionismo. Considerações preliminares*, cap. II, in **Buddhismo e Cristianismo**

(3) Sobre isso, ver:

René Guénon - **Les Etats Multiples de l’Etre**. Paris: Vega, 1980.

(4) Sobre isso, ver:

René Guénon - *Caractere synthétique de L' Integration*, cap. XXII, in **Les Principes du Calcul Infinitesimal**. Paris: Gallimard, 1946.
(Excelente obra sobre os conceitos básicos da Matemática tradicional e os equívocos feitos pela Matemática moderna sobre os mesmos).